

**MERCADO PÚBLICO DE ITAQUI - PATRIMÔNIO
HISTÓRICO – UMA ANÁLISE DO ESTADO ATUAL DE
CONSERVAÇÃO E DIRETRIZES PARA SUA
REABILITAÇÃO**

Renata Pradebon Copatti

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural, Área de Concentração em Arquitetura e Patrimônio Material, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Patrimônio Cultural.

Orientadora: Prof. Dra. Denise de Souza Saad

Santa Maria, RS, Brasil

2013

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio
Cultural**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado**

**MERCADO PÚBLICO DE ITAQUI - PATRIMÔNIO HISTÓRICO – UMA
ANÁLISE DO ESTADO ATUAL DE CONSERVAÇÃO E DIRETRIZES
PARA SUA REABILITAÇÃO**

elaborada por,
Renata Pradebon Copatti

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Patrimônio Cultural

COMISSÃO EXAMINADORA:

Denise Souza Saad, Dr.
(Presidente/Orientadora-UFSM)

Caryl Eduardo Jovanovick Lopes, Dr. (UFSM)

Giane de Campos Grigoletti, Dr. (UFSM)

Santa Maria, 12 de agosto de 2013.

DEDICATÓRIA

À minha família, ao meu pai e irmã, em especial aos meus avós, Luci e Sélvio, por serem exemplos de superação e dedicação ao longo desses anos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao meu pai, que me mostrou quando ainda pequena, o valor desse patrimônio edificado, pelo qual me encantei e hoje é objeto de minha dissertação, ensinando-me a valorizá-lo e respeitá-lo como herança que a nós pertence.

A meus avós Luci e Sélvio, tios, tias e primos que mesmo longe acreditam em mim e me incentivam na busca de novos saberes. Em especial a minha irmã Patricia, meu primo Eduardo e a Maristela, por me acompanharem diariamente.

Ao meu namorado, Diogo, por me apoiar, incentivar, e entender minha ausência ao longo dessa trajetória.

Agradeço ao Professor Francisco Queruz, que me revelou, na graduação, a importância de estudar esse tema, acompanhando-me, orientando-me, e colaborando com a minha pesquisa e indicado a Professora Denise como orientadora.

À Professora Denise Saad por me acolher, orientar e ensinar.

Àqueles que me ajudaram de alguma forma a compor este trabalho, fornecendo dados, fotos e relatos. À prefeitura Municipal e a Biblioteca Pública de Itaquí por disponibilizar documentos e auxiliar nas pesquisas. À Roseclei Sanchotene pelas correções feitas ao longo deste estudo. A Olga Maria por me acompanhar nas pesquisas em Porto Alegre. E a minha querida amiga e colega de profissão Emille Gaklik, que, mesmo longe, me aconselhou e acompanhou nesta jornada.

À Paula, Daniela e Ana Maria que me ajudaram no levantamento cadastral e compilação de dados.

Por fim, às minhas amigas que, distantes, se fazem presente e sabem o verdadeiro sentido de amizade, em especial a Catiele, Coryna, Cristina, Iara, Ilusca, Karen, Leticia e Lucinha.

Obrigada!

RESUMO

Dissertação de mestrado
Programa de Pós-graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultura
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

MERCADO PÚBLICO DE ITAQUI - PATRIMÔNIO HISTÓRICO - UMA ANÁLISE DO ESTADO ATUAL DE CONSERVAÇÃO E DIRETRIZES PARA SUA REABILITAÇÃO

AUTORA: RENATA PRADEBON COPATTI
ORIENTADOR: PROF. DR. DENISE SAAD
Data e Local: Santa Maria, 12 de agosto de 2013.

No início do século XX, a navegação era o meio de transporte mais utilizado, tanto para condução de cargas, como para locomoção. Itaqui, uma cidade fronteiriça do Estado do Rio Grande do Sul, faz divisa com a Argentina e utilizava, na época, o seu Porto como defesa e para as trocas de entrepostos comerciais vindos principalmente da Argentina e Uruguai e também de países europeus. Por sua localização e pela necessidade de se ter um espaço apropriado para o comércio, surgiu, nesse mesmo tempo, o Mercado Público de Itaqui. Mercado este que durou algumas décadas, mas foi vencido por diversos fatores. Embora fosse importante, reconhecido como Patrimônio Histórico do Estado, o prédio perdeu seu valor dando espaço para o abandono e desuso. Esta pesquisa, ao levar em consideração esses aspectos, tem a finalidade de dar embasamento teórico para que a área de intervenção readquira seu sentido original, com o objetivo de requalificar o entorno e resgatar sua importância histórica e arquitetônica. Os estudos teóricos e práticos fundamentam e concretizam essas metas, junto a temas relacionados à área. Com isso, através do levantamento fotográfico, métrico e da análise do estado atual de conservação, observou-se que muitas modificações com pouca significância foram feitas ao longo dos anos. Diante destes dados coletados, elaboraram-se os mapas de danos, na qual verifica-se a presença constante de Biofilme, resultado da inexistência de manutenção periódica. Por fim, desenvolveu-se métodos que servirão como base para as diretrizes de reabilitação e conservação de forma a permitir a integridade futura da edificação, perpetuando-a ao longo do tempo.

Palavras-chaves: Mercado Público. Patrimônio edificado. Preservação. Conservação.

ABSTRACT

Master Course Dissertation
Professional Graduation Program in Culture Heritage
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brazil

PUBLIC MARKET ITAQUI - HERITAGE HISTORICAL - AN ANALYSIS OF THE CURRENT STATE OF CONSERVATION AND GUIDELINES FOR THEIR REHABILITATION

AUTHOR: RENATA PRADEBON COPATTI

ADVISER: PROF. DR. DENISE SAAD

Defense Place and date: Santa Maria, August 12, 2013.

At the beginning of the twentieth century, navigation was the most used means of transport, both for driving loads such as for locomotion. Border with Argentina, Itaqui, a border city of the state, at that time, used to use its port as defense and trade coming mainly from Argentina and Uruguay as well as European countries. The Public Market Itaqui appeared because of its location and the necessity to have an appropriate space for trade. This market lasted a few decades, but was beaten by several factors. Although the importance, recognized as the State Heritage, the building lost its value, and gave space for abandonment and disuse. Based in these aspects, this research aims to provide theoretical basis to the intervention area regain its original sense, in order to rehabilitate the environment and redeem their historical and architectural importance. These theoretical and practical researches, underlie and materialize these goals, along with issues related to the area. Thus, through the photographic survey, metric and analyze the current state of conservation, were drawn up maps of damage that were the basis for the development of guidelines for conservation and maintenance of the building, so that, the building perpetuates over time. From the data collected, was drawn up the damage map, in which was found the constant presence of biofilm, result of the lack of maintenance. Finally, methods were developed to serve as basis the rehabilitation and recovery guidelines in order to permit the future integrity of the building, perpetuating it over the time.

Keywords: Public Market. Built heritage. Preservation. Conservation.

LISTA ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Planta geral da Ágora, Atenas, 100 a.c., delimitada por prédios chamados de <i>stoas</i> e pela Via Panatea	20
Figura 2 – Imagem da <i>stoa</i> de Atalo, Atenas, 150 a.c, construída pelo rei Atalo de Pérgamo, e foi reconstruído meticulosamente em 1950	21
Figura 3 – Imagem da planta baixa do Foro de Pompeya	22
Figura 4 – Imagem Mercado de tecidos, Ypres, séc.XIII	24
Figura 5 – O Mercado Público no Século XIX, ainda somente com um pavimento. Em primeiro plano, as docas do porto	28
Figura 6 – Mercado destruído por um incêndio em 1912	28
Figura 7 – Recuperação dos problemas estruturais do pavimento térreo, década de 90	29
Figura 8 – Vista da área central coberta do Mercado Público de Porto Alegre	29
Figura 9 – Vista da esquina em direção ao Mercado Público de Pelotas	30
Figura 10 – Acesso principal do Mercado Público de Pelotas	31
Figura 11 – Torre de ferro importada da Alemanha	32
Figura 12 – Entrada principal do Mercado Público de Itaquí em 1910	33
Figura 13 – Postal antigo com imagem do Mercado Público visto da esquina com a Avenida Independência, em 1910	34
Figura 14 – Propaganda Livraria Tupi, localizada nas dependências externas do Mercado Público	36
Figura 15 – Propaganda escritório contábil, localizada nas dependências externas do Mercado Público	36
Figura 16 – Imagem anterior 1944, localizada na instalação da Biblioteca Municipal	36
Figura 17 – Mapa do Estado do Rio Grande do Sul com destaque a cidade de Itaquí	38
Figura 18 – Mapa da cidade de Itaquí com seus limites.....	38
Figura 19 – Mapa dos trinta povos das missões jesuíticas	39
Figura 20 – Mapa das linhas férreas do Rio Grande do Sul	41
Figura 21 – Mapa das linhas férreas do Rio Grande do Sul em 1898	42
Figura 22 – Imagem do início do século 20 onde aparece a Prefeitura Municipal e ao lado o Theatro Prezewoodowsky	43
Figura 23 – Clube do Comercio, exemplo de construção com aplicações de decorações em argamassa pré-fabricadas existente até hoje na cidade	44
Figura 24 – Imagem aérea antiga da cidade de Itaquí	45
Figura 25 – Imagem aérea de edificação	54
Figura 26 – Imagem do Mercado pela Rua Osvaldo Aranha	55
Figura 27 – Planta da cidade com destaque as cotas de inundações do Rio Uruguai	55
Figura 28 – Imagem aérea, enchente de 1993	56
Figura 29 – Mercado Público, enchente de 1993	56
Figura 30 – Mapa da área central da cidade, com destaque ao local do lote	57
Figura 31 – Imagem atual Theatro Prezewoodowski	57
Figura 32 – Imagem atual da Antiga Pharmacia	58

Figura 33 – Imagem atual da Residência da família Mondadori	58
Figura 34 – Planta Localização/cobertura do Mercado Público de Itaqui	60
Figura 35 – Planta Baixa do Mercado Público de Itaqui	61
Figura 36 – Fachada principal do Mercado Público de Itaqui	61
Figura 37 – Fachada lateral Leste do Mercado Público de Itaqui	62
Figura 38 – Fachada lateral Oeste do Mercado Público de Itaqui	62
Figura 39 – Fachada Leste -Detalhe placa entrada da Rua das Carroças	63
Figura 40 – Fachada Oeste - Detalhe placa saída da Rua das Carroças	63
Figura 41 – Planta Baixa do Mercado Público de Itaqui com zoneamento	64
Figura 42 – Imagem interna da área central em estrutura metálica e vidro	65
Figura 43 – Imagem da mão francesa pertencente ao estilo <i>Art nouveau</i>	65
Figura 44 – Imagem da cobertura central, aparecendo as janelas e venezianas..	66
Figura 45 – Imagem do acesso principal	67
Figura 46 – Fachada principal do Mercado Público de Itaqui	67
Figura 47 – Imagem da esquina da Rua Independência em direção a Rua Osvaldo Aranha	68
Figura 48 – Imagem da lateral da edificação	69
Figura 49 – Imagem da lateral da edificação através do Travessa Domingos Lacroix	69
Figura 50 – Imagem da fachada interna da edificação estabelecida nos fundos do Mercado Público	70
Figura 51 – Imagem da fachada externa voltada para a Travessa Domingos Lacroix da edificação estabelecida nos fundos do Mercado Público	70
Figura 52 – Imagem da caixa d'água instalada na lateral da edificação do Mercado Público, voltado para a Travessa domingos Lacroix	71
Figura 53 – Imagem aérea da cidade com destaque para o Mercado Público em 1956	72
Figura 54 – Imagem atual do fechamento da área central, fundos do Mercado Público	72
Figura 55 – Imagem retirada do Jornal de circulação municipal de 1989, de um edital de moda, onde aos fundos aparece a banca periférica em funcionamento.	73
Figura 56 – Reportagem sobre restauração do Mercado Público em 1990	73
Figura 57 – Imagem atual do estado de conservação da parede interna	75
Figura 58 – Imagem atual do estado de conservação da parede externa	76
Figura 59 – Imagem atual do estado de conservação da parede externa, onde se pode visualizar as cores utilizadas	76
Figura 60 – Imagem atual do estado de conservação da estrutura central do edifício	78
Figura 61 – Imagem atual do estado de conservação dos elementos da fachada principal	78
Figura 62 – Imagem atual do estado de conservação da estrutura de madeira das bancas periféricas da área central do edifício	78
Figura 63 – Imagem atual do estado de conservação da estrutura de madeira na galeria junto a Rua das Carroças	79

Figura 64 – Imagem atual do estado de conservação da persiana metálica vinda de Buenos Aires	80
Figura 65 – Detalhe da empresa que fabricou as persianas metálicas	80
Figura 66 – Imagem atual do estado de conservação da abertura de madeira voltada para a área externa	81
Figura 67 – Imagem atual do estado de conservação da abertura de madeira voltada para a área externa	81
Figura 68 – Imagem atual do estado de conservação do portão lateral que dá acesso a Rua das Carroças	82
Figura 69 – Detalhe do piso original, ladrilho hidráulico	83
Figura 70 – Detalhe dos degraus hoje em granitina	84
Figura 71 – Detalhe do forro ainda original de madeira	85
Figura 72 – Detalhe do forro de madeira com infiltrações	85
Figura 73 – Imagem do acesso principal sem a presença de forro	86
Figura 74 – Detalhe cobertura junto a galeria	87
Figura 75 – Detalhe da claraboia metálica encontrada na parte central do edifício	87
Figura 76 – Imagem da Rua das Carroças	88
Figura 77 – Imagem interna da área central do Mercado, mostrando as bancas..	89
Figura 78 – Gráfico com a incidência de patologia na Fachada Sul	102
Figura 79 – Gráfico com a incidência de patologia na Fachada Leste	103
Figura 80 – Gráfico com a incidência de patologia na Fachada Oeste	104
Figura 81 – Gráfico com a incidência de patologia na Fachada Norte Interna	105
Figura 82 – Gráfico com a incidência de patologia na Fachada Sul Interna	106
Figura 83 – Croqui de funcionamento de uma vala de drenagem. Em 1, percebe-se a parede existente, em 3 a altura atingida pela umidade na parede. Em 6, percebe-se a vala, 2 o nível presumido hoje das águas no solo, e em 7 o que se espera em relação ao nível de umidade	114
Figura 84 – Croqui de funcionamento do barramento químico	114

LISTA DE ABREVIATURAS

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

ICOMOS - Conselho Nacional dos Monumentos e Sítios

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

IAB - Instituto de Arquitetos do Brasil

Ct - carat

Pol.- Polegada

Cm - centímetros

LISTA DE ANEXOS

Anexo A- Lei Municipal N° 2685/02.....	127
Anexo B- Lei Estadual Nº. 11.937	129
Anexo C- Documento do tomabamento estadual do Mercado Público de Itaqui	130
Anexo D- Parecer técnico do IPHAE	131
Anexo E- Condições para a construção do Meracdo Público de Itaqui	136

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A- Levantamento métrico da edificação	159
Apêndice B- Planta de piso.....	169
Apêndice C- Planta de forro.....	170
Apêndice D- Mapas de Danos	171

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 O MERCADO PÚBLICO COMO PATRIMÔNIO: DA SUA EVOLUÇÃO ATÉ SUA PRESERVAÇÃO	18
1.1 As origens e evoluções dos mercados públicos na história	18
1.1.1 Os mercados brasileiros	24
1.1.2 Os mercados gaúchos	26
1.1.2.1 Mercado Público de Porto Alegre	27
1.1.2.2 Mercado Público de Pelotas	30
1.1.2.3 Mercado Público de Itaqui	33
1.2 Histórico de Itaqui	37
1.3 Patrimônio e Restauro	45
1.3.1 Noções de Patrimônio e o tombamento como forma de preservação	46
1.3.2 Preservação e conservação como forma de valorização do Patrimônio edificado	48
2 METODOLOGIA	51
2.1 Escolha do tema	51
2.2 Pesquisa bibliográfica	51
2.3 Estudo de caso	52
2.3.1 Levantamento cadastral e situação atual	52
2.3.2 Mapa de danos	53
2.3.3 Diretrizes para sua reabilitação	53
3 RESULTADO DO LEVANTAMENTO DA EDIFICAÇÃO	54
3.1 Análise do Lote e do Entorno	54
3.2 Levantamento da área de intervenção	59
3.2.1 Levantamento métrico	59
3.2.2 Análise do prédio	63
3.2.3 Técnicas construtivas adotadas e seu estado atual de conservação	74
3.2.3.1 Fundações	74
3.2.3.2 Alvenaria	74
3.2.3.3 Sustentação	76
3.2.3.4 Aberturas	79
3.2.3.5 Pisos e contrapisos	82
3.2.3.6 Forros	84
3.2.3.7 Cobertura	86
3.2.3.8 Rua das Carroças	87
3.2.3.9 Bancas	88
3.3 Mapa de danos	89
3.3.1 Mapa de danos elevação sul (conferir prancha com processos de degradação – apêndice D, prancha 1/5)	90
3.3.2 Mapa de danos elevação leste (conferir prancha com processos de degradação – apêndice D, prancha 2/5)	93

3.3.3 Mapa de danos elevação oeste (conferir prancha com processos de degradação – apêndice D, prancha 3/5)	95
3.3.4 Mapa de danos elevação norte interna (conferir prancha com processos de degradação – apêndice D, prancha 4/5)	98
3.4 Análise da incidência de manifestações patológicas das fachadas do Mercado Público de Itaquí	102
4 DIRETRIZES DE REABILITAÇÃO	108
4.1 Retirada de elementos indevidos	108
4.2 Vegetação	108
4.2.1 Vegetação do passeio público	108
4.2.2 Vegetação em áreas internas	109
4.3 Pisos de ladrilho hidráulico	109
4.4 Elementos em madeira	110
4.5 Elementos em metal	111
4.6 Vidros	112
4.7 Fissuras na fachada Sul e Norte	112
4.8 Paredes com umidade ascendente	113
4.9 Argamassas	115
4.10 Pinturas	117
4.11 Instalações elétricas	117
4.12 Instalações Hidráulicas	117
4.12.1 Sistema Predial de Esgotos Sanitários	118
CONCLUSÕES	119
REFERÊNCIAS	122
ANEXOS	126
APÊNDICES	158

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a preservação da memória de um povo está diretamente relacionada à conservação de seu patrimônio cultural. Atualmente, a importância da preservação e conservação do patrimônio histórico ganha novo foco, pois representa a nossa cultura, o nosso pensamento, ou mesmo, os nossos sentimentos, porque ele é produto da ação e da produção material e imaterial do homem. Desse modo, consegue-se transpor ao longo do tempo nossas características, através de imagens, costumes, paisagens e até mesmo obras arquitetônicas, que caracterizam uma época e carregam consigo um valor singular.

Assim, este trabalho surge da necessidade de preservação de uma edificação histórica, o Mercado Público da cidade de Itaqui, localizada às margens do Rio Uruguai, fronteira com a Argentina. O mercado atuou como símbolo do ciclo áureo pelo qual a cidade passou no início do século XX. Naquela época, o município estabelecia intercâmbio comercial, através do Rio Uruguai, com países europeus e da América Latina. Com o passar dos anos, houve queda desse comércio e, conseqüentemente, da economia do município. E, assim, o Mercado perdeu sua utilidade e caiu em desuso.

Diante disso, objetiva-se fazer uma pesquisa com embasamento teórico e prático que facilite a compreensão do tema, principalmente sobre o Mercado Público de Itaqui, visando o reconhecimento e apropriação do local.

Dessa forma, através dos estudos referentes ao tema proposto, por meio da pesquisa de referencial teórico, procurou-se ter mais conhecimento sobre as origens e evolução dos mercados na história; os mercados brasileiros que se estabeleceram a partir do século XIX, edificados tanto em alvenaria como em pré-fabricados vindos da Europa; os mercados gaúchos, sendo o de Itaqui um dos mais significativos para o Estado. Pesquisou-se também sobre o Mercado em questão e a cidade no qual está inserido e se constatou a importância que tem para a população e para a cidade. Vale lembrar que se caracterizou como o cartão postal da cidade no início do século XX. Ainda, buscou-se saber sobre questões referentes a patrimônio histórico, como noções e o tombamento como

forma de preservação e a conservação como valorização do patrimônio edificado.

No decorrer da pesquisa, foi feito o levantamento de dados sobre edificação que engloba levantamento métrico, análise do prédio e análise do estado atual de conservação. Isso tudo através de imagens, visitas ao local e do manual de construção da época elaborado pelo arquiteto responsável, a fim de verificar as reais condições em que o prédio se encontra atualmente. Por fim, como resultados da pesquisa foram elaborados mapas de danos que avaliam a situação atual das fachadas da edificação.

A partir desses estudos, conseguiu-se elaborar as recomendações para a recuperação da edificação, através de diretrizes para a reabilitação da edificação, reafirmando seu valor histórico e arquitetônico.

Objetivos

Objetivo Geral

Propor diretrizes para a Reabilitação do Mercado Público de Itaqui, elaboradas tomado como base a construção dos mapas de danos da edificação e do memorial descritivo do prédio.

Objetivos específicos

- Buscar, através da história, a evolução e o significado dos Mercados Públicos, especificamente no Estado e em Itaqui.

- Apresentar um estudo detalhado do objeto de pesquisa, através do levantamento de dados sobre edificação, englobando o levantamento métrico, análise do prédio e análise do estado atual de conservação.
- Identificar as principais mudanças ocorridas na edificação, através do comparativo do memorial descritivo do prédio e levantamento cadastral atual
- Reafirmar o valor histórico e arquitetônico do local.
- Resgatar e preservar a memória do local.

Assim, para o desenvolvimento do trabalho, na introdução é proposto o objetivo geral e específico, juntamente com a proposta da dissertação. No Capítulo 2, será apresentado o mercado público como patrimônio, da sua evolução até sua preservação, que compõem a revisão bibliográfica referente ao tema. No Capítulo 3, apresenta-se a metodologia aplicada para a pesquisa. No Capítulo 4, expõem-se os resultados obtidos do levantamento da edificação. No Capítulo 5, desenvolve-se as diretrizes para a reabilitação da edificação, elaborados através dos dados compilados. Por fim, são apresentadas as considerações finais no Capítulo 6.

1 O MERCADO PÚBLICO COMO PATRIMÔNIO: DA SUA EVOLUÇÃO ATÉ SUA PRESERVAÇÃO

Este capítulo tem por finalidade reunir informações necessárias para a elaboração e fundamentação da pesquisa, através de temas similares que contribuam para o entendimento da pesquisa. Dessa maneira, no decorrer do capítulo, será descrito o histórico dos mercados no mundo e no Brasil, o histórico dos mercados gaúchos e o histórico do Mercado Público de Itaqui, objeto deste estudo. Além disso, será abordado o histórico da cidade de Itaqui, onde o mercado público foi construído. Por fim, serão abordados temas relacionados ao desenvolvimento da pesquisa como, a preservação e conservação do Patrimônio edificado, suas definições e o processo de tombamento.

1.1 As origens e evoluções dos mercados públicos na história

As cidades se originaram dos excedentes agrícolas e da transição do modo de vida dos nômades para o sedentário. Dessa transição resultaram as funções urbanas, e a atividade comercial surgiu como meio de satisfazer as necessidades de mercadorias e repartição de bens e ideias, além do intercâmbio e do diálogo entre os povos. Segundo Benevolo (2005):

A cidade - local de estabelecimento aparelhado, diferenciado e ao mesmo tempo, privilegiado, sede da autoridade- nasce da aldeia, mas não é apenas uma aldeia que cresceu. Ela se forma, como pudemos ver, quando as indústrias e os serviços, já não são executados pelas pessoas que cultivam a terra, mas por outras que não têm esta obrigação, e que são mantidas pelas primeiras com o excedente do produto total (BENEVOLO, 2005, p. 23).

Assim, começam a se configurar locais propícios para atender as atividades comerciais, espaços inicialmente públicos, configurados externos ou internos. Neste lugar, como afirma Vargas (2001), acontecia a troca, atividade essencial humana,

que para que seja realmente efetivada, acarreta inevitavelmente o encontro. Fato esse, que explica a origem do local do mercado.

Complementando, Vargas (2001) relata que:

A origem do mercado está, portanto, no ponto de encontro de fluxos de indivíduos que traziam seus excedentes de produção para a troca, normalmente localizados em pontos equidistantes dos diversos centros de produção. O fato de serem espaços abertos e públicos imprimia-lhes uma condição de neutralidade territorial e de segurança no ato da troca que acontecia no momento em que as mercadorias eram entregues. (VARGAS, 2001, p. 95).

Os mercados e feiras, além de terem papel importante na atividade econômica, fornecendo mercadorias, adquirem também relevância na vida social, conformando-se como um espaço de encontro e lazer. Pode-se então dizer que o mercado, como local, é uma síntese das relações humanas (VARGAS, 2001).

Para Romano (2005), anteriormente à construção dos edifícios de mercados, muitos foram os espaços destinados a acolher a atividade comercial através dos tempos: ágoras, fóruns, bazares e praça de mercado, que embora mantivessem a função comercial, modificaram seus formatos, variando suas categorias espaciais sem perder a característica de serem elementos de convergência da vida coletiva das cidades. Como também afirma Vargas (2001):

As técnicas de venda vão mudar, a localização e os formatos desses locais de troca também, mas a base de todos eles será aquele módulo mínimo, individual conhecido como loja que é a evolução das pequenas tendas, barracas ou bancas que adquirem a condição de ser permanente, mas que ainda hoje coexistem (VARGAS, 2001, p. 97).

Dessa forma, o local de comércio, configura-se, espontaneamente em locais abertos, nas ruas, quase sempre não planejados, onde se estabelece de forma direta o contato com o público; e em locais planejados, que além do comércio contemplam atender também as funções de apoio e serviço, facilitando a vida do comerciante e do usuário (ROMANO, 2004).

Assim, ao redor do mundo, esse local ganha sua própria definição, e modifica-se ao longo dos anos. Inicialmente, configura-se na Grécia como ágora (Figura 01), espaço este, que se conforma inicialmente como uma praça, local aberto, delimitado por casas e edifícios públicos que conformam seu entorno, e quase sempre localizado próximo à fonte de água que abastecia a cidade (ROTH, 1993).

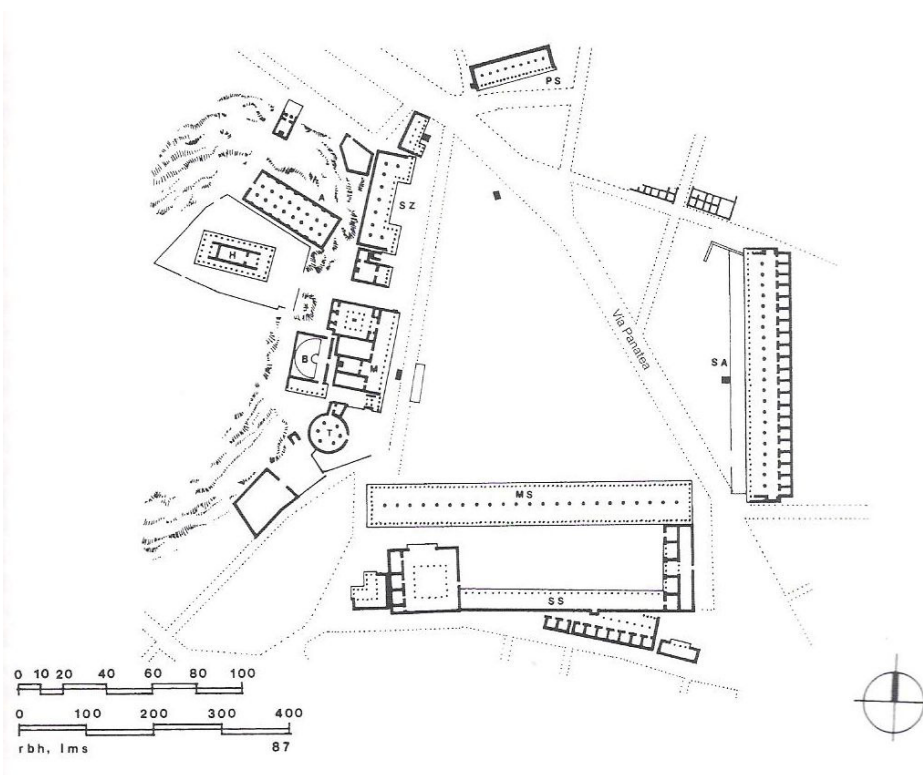


Figura 1 – Planta geral da Ágora, Atenas, 100 a.c., delimitada por prédios chamados de *stoas* e pela Via Panatea.

Fonte: ROTH (1993, p. 201).

A partir do século III a. C., a ágora passa a ser delimitada pelas *stoas*, grandes edifícios públicos cobertos, que abrigam o comércio, que antes eram dispostos nas ruas (ROTH, 1993).

As *stoas* (Figura 02) configuravam-se em um volume alongado, dispostos nas extremidades da ágora, composto de uma estrutura aporcionada, e com largas galerias delimitadas pelas colunatas, que conformavam sua fachada (ROMANO, 2004).



Figura 2 – Imagem da *stoa* de Atalo, Atenas, 150 a.c, construída pelo rei Atalo de Pérgamo, e foi reconstruído meticulosamente em 1950.
Fonte: ROTH (1993, p. 206).

Assim sendo, com o tempo, a ágora adota gradualmente a condição de espaço fechado por edificações, e, até o século V a.C., configurava-se em formato irregular devido aos condicionantes geográficos, e a partir daí, adota a forma retangular em decorrência do traçado viário (VARGAS, 2001).

A ágora era o centro da vida comunitária da cidade grega, além de servir como espaço para as transições comerciais, servia também como local de debate e encontro. Com o passar do tempo, as ágoras de Atenas, Assos, Mileto e Priene se tornam as mais conhecidas (ROTH, 1993).

Já no período romano, esse espaço adquire o nome de Foro (Figura 03) e cumpria aproximadamente a mesma função das ágoras na antiga Grécia. Porém, o que as difere é sua clara definição arquitetônica, que geralmente configuram-se em formato retangular (ROTH, 1993).

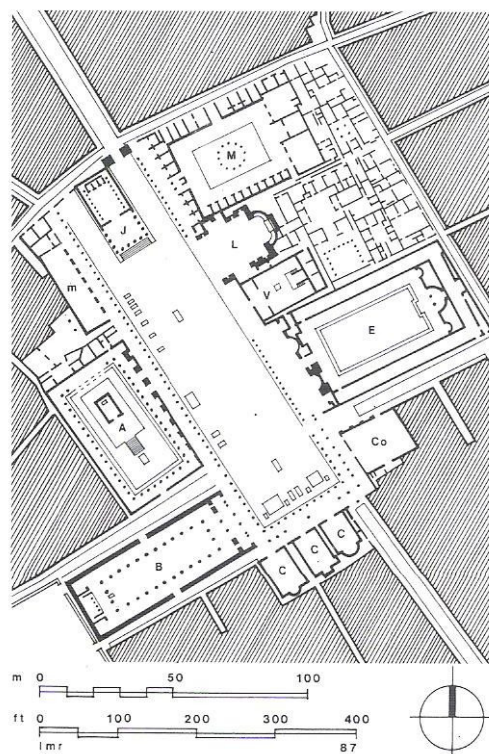


Figura 3 – Imagem da planta baixa do Foro de Pompeya.
Fonte: ROTH (1993, p. 232).

O foro como um espaço aberto, pavimentado, que quase sempre ocupava dois quarteirões, e em seu centro, geralmente existia uma fonte de água pública. O foro sempre era delimitado por colunatas que davam acesso aos espaços comerciais, locais este que seguiam uma modulação em média de 4m x 4 m. Destacando-se neste período, o foro de Trajano (século II) e o em Pompéia (ROMANO, 2004).

Já no islamismo, esse espaço comercial se diferencia devido à conformação de suas cidades, que, para se proteger das tempestades de areias e ventos quentes, os edifícios públicos e habitações árabes acabam se fechando e a vida volta-se totalmente para seu interior (VARGAS, 2001).

Complementando, Romano (2004, p.22) afirma que: “a cidade tornava-se um organismo compacto, homogêneo, fechado por muros, com poucas ruas atravessando-as”. Desse modo, o comércio configura-se em uma área chamada bazar, que segundo a linguagem árabe significa local onde as mercadorias eram expostas. Assim, o bazar estava localizado estrategicamente nas principais artérias de tráfego.

As lojas que configuram o bazar, chamadas *suck*, são dispostas em fita, e mediam entorno de 2 metros quadrados, estavam sempre localizadas próximas à área externa, onde tinham conexão direta com a rua. Atrás dos *suck*, ou sobre ele, localizavam-se os escritórios e depósitos (ROMANO, 2004).

Dos primeiros bazares até os que hoje ainda existem, muito foi modificado, sua configuração inicial composta por tendas, foram substituídas no final da Idade Média pelos edifícios compostos de arcos e abóbodas, que proporcionavam além da proteção do tempo a ação dos saqueadores (ROMANO, 2004).

Na Idade Média, esse comércio se estabelece diferente dos anteriormente citados, adotando a Praça como local para efetivar sua função. Assim, as chamadas Praças de Mercado, desenvolvem-se junto com o crescimento das cidades e conformam-se de acordo o período vivido e o traçado adotado (VARGAS, 2001).

As praças dos mercados, além de se destacarem devido ao clarão que provocam no tecido urbano denso, funcionavam como galerias de comércio e serviços, sendo totalmente abertas e delimitadas por um sistema de arcadas que suportavam os edifícios, possibilitando a interligação dos edifícios a partir da liberação do solo (ROMANO, 2004).

Na Idade Média, as praças incluíam não somente a função comercial, mas também, de um espaço cívico e religioso (VARGAS, 2001).

Assim foram surgindo novas estruturas de comércio, conformando os mercados cobertos, que derivaram em sua maioria da tipologia romana. Chamados também de *halle*, termo francês que se refere ao local onde aconteciam as reuniões da comunidade, aparecem em destaque nos Países Baixos. Esses mercados conformavam-se, em sua maioria, locais de produtos especializados, a exemplo de uns dos primeiros, o Mercado de Tecidos de Yprès (Figura 04), construído entre 1200 e 1620 (VARGAS, 2001).



Figura 4 – Imagem Mercado de tecidos, Ypres, séc.XIII.
Fonte: VARGAS (2001, p. 150).

Neste mesmo período, essas mesmas estruturas aparecem na Itália, porém recebem outra nomenclatura, os *fondacos*, encontrados em Veneza, e os *filarettes*. Os *fondacos*, além da função comercial, serviam também de espaços para armazenagem e hospedagem, já os *filarettes*, se concentrava todo o tipo de comércio, como carnes, frutas e verduras, distribuídos em barracas ou bancas que eram delimitados por colunatas (VARGAS, 2001).

1.1.1 Os mercados brasileiros

Com o passar das décadas, as cidades foram evoluindo, e juntamente com elas, os mercados, aperfeiçoando-se e suprindo as necessidades encontradas, chegando ao Brasil, no período colonial através do comércio realizado nas ruas. Comércio este, muitas vezes realizado pelos mascates, vendedores ambulantes, comerciantes, tanto de produtos como de serviços (ROMANO, 2004).

As primeiras barracas dos mercados brasileiros eram formadas por quatro bases retas e cobertas por folhas de bananeira para proteção solar. Essas

armações, que pertenciam às negras livres negociantes, eram retiradas à noite e armadas pela manhã. Nelas eram comercializados produtos, como por exemplo: aves, verduras, legumes, cachaça, pães e peixe frito (ROMANO, 2004).

Os vendedores ambulantes eram os escravos acompanhados de seus patrões e os escravos livres. Eles carregavam as mercadorias, tais como artigos de vestuário, livros, utensílios domésticos, estatuetas de santos, ervas, flores e pássaros, em cestas ou caixas sobre as cabeças (ROMANO, 2004).

Surgem assim, nas primeiras décadas do século XIX, construções destinadas ao comércio de peixes e gêneros alimentícios, de modo a ordenar um local propício ao comércio já que as barracas em madeira se amontoavam de maneira desordenada nas ruas e praças das cidades brasileiras (ROMANO, 2004).

O Rio de Janeiro, umas das primeiras cidades a implantar Mercados no Brasil, construiu em 1841, o Mercado da Candelária, projeto de autoria do arquiteto Grandjean de Montigny. O mercado compreendia 5.187 m² com dois pavimentos em alvenaria de tijolos e possuía uma planta regular com galeria ao redor do Pátio Central, e foi destruído pelo fogo em 1899. Após a construção deste, mais três mercados foram construídos: o Mercado da Praça da Harmonia (1856); Mercado da Glória (1858) e o Mercado Municipal (1907), este último com a maior área de todos, 22.500 m². No entanto, nenhuma dessas edificações sobreviveu ao século XXI, apenas um dos torreões do mercado Municipal encontra-se no Lago do Moura, ocupado atualmente pelo Restaurante Albamar (ROMANO, 2004).

A partir da segunda metade do século XIX, como relata Silva (1988), o Brasil começou a importar da Europa edifícios pré-fabricados em ferro¹, que, além de proporcionar generosos vãos, permitiam também ventilação e claridade ao espaço criado, o que facilitava a comercialização dos mais variados gêneros, com destaque os alimentícios. A origem dos mercados instalados no Brasil são distintas, sendo inglesas, francesas, belga e anglo-belga. São exemplos desse modo de construção: o Mercado de São José (1875) no Recife; o Mercado do Peixe em Belém (1901); o

¹ Os mercados públicos em ferro começam a surgir em meados do século passado, na Europa, como resultado de um acelerado processo de urbanização. O primeiro exemplo veio da França, com o Mercado Central de Paris, projetado e construído pelo arquiteto Victor Baltard, sob a administração de Hausmann. Porém, outros países industrializados também produziram e exportaram esta nova tecnologia, que, em sua maioria, configuravam-se abertos, em estrutura portantes, cobertos em ferro, com lanternins e venezianas de vidro (SILVA, 1988).

Mercado Municipal do Rio de Janeiro; o Mercado São João em São Paulo (1890); o Mercado Municipal de Manaus (1883-1910), o Mercado Público de Fortaleza (1897); o Mercado da Casa Amarela no Recife (1930); o Mercado da Carne em Belém (1867-1908) e o Mercado Central de Pelotas (1914) (SILVA, 1988).

Alguns outros mercados foram edificados em alvenaria, neste período, como o Mercado Modelo em Salvador (1863), o Mercado Municipal de São Paulo (1933), o Mercado Público de Florianópolis (1889) e o Mercado Público de Porto Alegre (1869) (ROMANO, 2004).

1.1.2 Os mercados gaúchos

Os mercados públicos, mais do que espaços para comércio, eram vistos no passado como símbolos da civilidade. Esses lugares recebiam vendedores que organizavam suas mercadorias de maneira adequada para vendê-las, diferentemente de vendedores ambulantes e quitandeiros, que eram menosprezados pela sociedade. Franco (2000), ao analisar a situação no território rio-grandense, escreveu:

O certo era aglutinar os quitandeiros, açougueiros, vendedores de aves e quinquilharias em espaços públicos abrigados, sob fiscalização municipal e com obediência a regras de higiene pública. Isso explica que o doutor Saturnino de Souza Oliveira Coutinho, chegando a província para assumir a respectiva presidência, em momento conturbado como o da Revolução Farroupilha, ainda assim se impressionasse com o fato de inexistirem mercados públicos em Rio Grande e Porto Alegre e manifestasse a intenção de instalar tais equipamentos (FRANCO, 2000, p. 115).

Para Romano (2004), os mercados gaúchos foram implantados em locais de fácil acesso e de vocação comercial consolidados. Locais que sempre privilegiaram a acessibilidade, a densidade dinâmica e a facilidade de distribuição e transporte.

Assim, o estado possui 05 mercados, que foram construídos ao longo do tempo, devido a uma gama de fatores, o Mercado Público de Porto Alegre, de Pelotas, de Itaqui, de Jaguarão e o de Rio Grande. Alguns se destacam tanto por sua história quanto por seu uso atual, como o de Porto Alegre, que já sofreu intervenções e que ainda hoje atende a sua primitiva função, o de Pelotas, que

apesar de ainda apresentar comércio, desvinculou-se de seu uso original, e o de Itaquí, que apesar de apresentar um destaque enquanto história e está totalmente abandonado, sem nenhum tipo de comércio.

1.1.2.1 Mercado Público de Porto Alegre

A construção do Mercado Público de Porto Alegre data dos anos de 1842 a 1844. Esse espaço, construído em dois anos, foi entregue à população no dia primeiro de outubro de 1844. Atualmente, no lugar da implantação do primeiro mercado encontra-se a Praça XV, como afirma Macedo (1999):

(...) a Câmara (...) em 5 de abril, indica outra comissão para tratar da construção do primeiro mercado para substituir o caótico amontoamento a beira-rio, de bancas, vendedores em cestas, caixotes e carretas fixas. As obras logo iniciadas só foram concluídas em 1844, mas a placa inaugurada indicava data anterior (...). O espaço coincidia exatamente com área da atual Praça 15 e pelas plantas existentes deveria ter sido de madeira (MACEDO, 1999, p. 63).

Sua inauguração teve grande significado para o desenvolvimento urbano de Porto Alegre, uma vez que se situava na região de transporte terrestre e fluvial, e era considerado, na época, a maior obra arquitetônica de Porto Alegre (MONTEIRO, 1995).

A edificação do mercado se configurava por construção quadrilátera com pátio central e torreões em seus quatro cantos que compreendia uma área de aproximadamente 7.151,96 m². Com somente um pavimento com características neoclássicas, que abrigava oitenta lojas as quais faziam comércio direto com o espaço central e o espaço externo (Figura 05) (ROMANO, 2004).



Figura 5 – O Mercado Público no Século XIX, ainda somente com um pavimento. Em primeiro plano, as docas do porto.
Fonte: www.portoalegre.rs.gov.br/mercadopublico.

Os acessos se davam por grandes e largos portões de aproximadamente quatro metros, que se localizavam nas quatro fachadas permitindo assim que fosse possível observar sua simetria (ROMANO, 2004).

No ano de 1912 um incêndio destruiu grande parte das bancas de madeira no interior do mercado (Figura 06). Em 1913, o mercado foi recuperado e foi acrescentado mais um pavimento, que era provido de passeios internos (FRANCO, 2000).



Figura 6 – Mercado destruído por um incêndio em 1912.
Fonte: www.portoalegre.rs.gov.br/mercadopublico.

Como relata Romano (2004): “em 21/12/1979, através da Lei 4317/1977, o Mercado transformou-se em um bem patrimonial, tutelado pela população através de

representações das Comissões do Patrimônio Cultural, instituídas pela Prefeitura” (ROMANO, 2004, p. 81).

Com o passar do tempo, o prédio deteriorou-se significativamente e no ano de 1990 o prédio sofreu uma restauração que foi concluída em 1997 (Figura 07). Com isso, o mercado ganhou uma cobertura que abriga todo o pátio interno bem como novos passeios no segundo pavimento (Figura 08). Buscou-se com essa reforma, recuperar as circulações em torno do pátio central, adaptando melhor o acesso público as lojas e bancas além da revitalização das arcadas das fachadas (ROMANO, 2004).



Figura 7 – Recuperação dos problemas estruturais do pavimento térreo, década de 90.
Fonte: www.portoalegre.rs.gov.br/mercadopublico.



Figura 8 – Vista da área central coberta do Mercado Público de Porto Alegre.
Fonte: www.portoalegre.rs.gov.br/mercadopublico.

Sua localização, próximo ao setor administrativo da cidade -o paço municipal- ao terminal de ônibus e à estação Mercado do Trensurb possibilita um maior fluxo de pessoas nessa área da capital gaúcha, fato que estimula o comércio informal existente no Largo Glênio Peres e as atividades exercidas no mercado.

Recentemente, o mercado foi alvo de outro sinistro, um incêndio ocorrido devido a um curto circuito, ocorrido em julho de 2013, que consumiu cerca de 10% da parte interna da edificação, causando mais uma vez, severos danos a este patrimônio edificado, e encontra-se parcialmente em funcionamento, a espera de reformas para seu uso total (ZERO HORA, 2013).

1.1.2.2 Mercado Público de Pelotas

Moura e Schlee (2002) observam que o Mercado Público de Pelotas (Figura 09) foi construído entre os anos de 1849 e 1850, quando a Câmara Municipal já havia aprovado dois projetos, o primeiro aprovado em 1846, feito por Rafael Mendes Carvalho e o segundo aprovado em 1847, projetado por Roberto Offer.



Figura 9 – Vista da esquina em direção ao Mercado Público de Pelotas.
Fonte: <http://pelotas.ufpel.edu.br>.

Na época, o projeto sofreu algumas alterações, devido ao alto custo inicial e a escassez de recursos públicos. A mais significativa das modificações foi a eliminação de um avarandado, provavelmente de autoria de Roberto Offer. Devido às dificuldades financeiras, a obra foi dividida em quatro etapas (MOURA; SCHLEE, 2002).

O prédio do mercado acolhia cinquenta e seis lojas que se distribuíam nas mais variadas atividades comerciais. Possuía tetos côncavos e uma cobertura plana, com paredes em alvenaria, e caracterizava-se por ter somente um pavimento quadrangular com um pátio central (MOURA; SCHLEE, 2002).

O acesso à área central ocorria através das esquinas que eram cortadas em ângulo de 45º marcados por frontões triangulares enquadrados por pilastras duplas. Ainda na parte central, foi construída uma torre (com altura aproximada de quatro pavimentos) que possuía cúpula e relógio (MOURA; SCHLEE, 2002).

Entre 1911 e 1914, o prédio do Mercado Público recebeu uma profunda reforma, projetada por Manuel de Itaquy, arquiteto formado pela primeira turma da Escola de Engenharia do Rio Grande do Sul. Os acessos principais (Figura 10) foram deslocados; o pátio central cortado por um sistema de circulação em cruz; as fachadas foram totalmente alteradas e uma torre de ferro importada da Alemanha substituiu a torre do relógio (Figura 11) (MOURA; SCHLEE, 2002).



Figura 10 – Acesso principal do Mercado Público de Pelotas.
Fonte: MOURA; SCHLEE (2002, p. 62-3).



Figura 11 – Torre de ferro importada da Alemanha.
Fonte: MOURA; SCHLEE (2002, p. 62-3).

As fachadas originais sofreram uma reforma eclética proposta por Manuel de Itaquy, que optou por um prédio com um volume único vazado em seu interior. E através destes vazios ele propôs a ligação do interior com as vias circundantes (MOURA; SCHLEE, 2002).

A torre transmitia à população um aspecto de imponência, sendo chamada de Torre Eiffel de Pelotas. A ornamentação, uma das suas principais características realizada, utilizou figuras dos diversos produtos que ali eram comercializados, como por exemplo, grandes fruteiras com arranjo de flores e de frutas tropicais (MOURA; SCHLEE, 2002).

Em 1950, foi apresentado um projeto para a construção de um novo mercado, o qual não se concretizou. Permanece assim, sem nenhuma recente intervenção, fato que acarreta pouca melhoria tanto no seu comércio interior como no seu entorno (MOURA; SCHLEE, 2002).

A localização do Mercado, em frente da Prefeitura Municipal e próximo a outros patrimônios históricos da cidade, a Secretaria Municipal de Finanças, o Grande Hotel, a Residência da Família Assumpção, o Centro de Integração Mercosul, a Biblioteca Pública e o Lyceu Rio-Grandense, o torna parte de um conjunto urbano de grande importância na descrição da formação dos espaços públicos gaúchos (MOURA; SCHLEE, 2002).

Atualmente, suas principais atividades são as bancas de açougues e peixarias, mas também as bancas com artigos religiosos. A edificação encontra-se tombada pelo município e ainda cumpre suas funções embora com menor diversidade de bancas (MOURA; SCHLEE, 2002).

1.1.2.3 Mercado Público de Itaquí

O edifício do Mercado Público de Itaquí (Figura 12 e 13) é uma obra do século XX, em estilo eclético, projetada e executada na administração do Intendente Municipal Dr. Tito Correa Lopes, inaugurada no dia 07 de setembro de 1909. A construção desse prédio esteve a cargo do arquiteto itaquense Paschoal Minoggio, formado em Arquitetura pela Escola de Belas Artes de Buenos Aires, na Argentina (SANTOS, 2008).



Figura 12 – Entrada principal do Mercado Público de Itaquí em 1910.
Fonte: Arquivo pessoal de Breno Silva Lopes.



Figura 13 – Postal antigo com imagem do Mercado Público visto da esquina com a Avenida Independência, em 1910.

Fonte: Arquivo pessoal de Fernanda Monteiro.

O arquiteto, de origem italiana, nasceu em Itaqui no dia 01 de outubro de 1874. Atuou como pedreiro entre os anos de 1893 a 1895, período que antecede a de sua formação, e foi também, funcionário público durante um longo período. Autor em outras obras na cidade, como a Pharmacia, existente até hoje, e o Clube Comercial de Uruguaiana, além disso, trouxe grandes inovações para a cidade, como a luz elétrica, inserindo o cinema e rádio (SANTOS, 2008).

Segundo Silva e Moraes (2003), o Mercado é o símbolo do ciclo áureo da época em que Itaqui se desenvolvia rapidamente, impulsionada pela intensa navegação no rio Uruguai. A cidade era ponte para os grandes centros comerciais argentinos e uruguaios, tornando mais próximo o contato com as cidades europeias, o que explica a aquisição da estrutura metálica interna do prédio, importada da Inglaterra. O prédio do Mercado era, junto com o Teatro Prezewoodowski, o cartão postal de Itaqui e teve significativa importância socioeconômica na época.

Santos afirma que:

Atento a este crescente progresso, um dos Intendentes, de espírito empreendedor, o Dr. Tito Corrêa Lopes, idealiza a construção do Mercado Público Municipal para absorver a demanda de tamanha produção. Sonho este amparado pelo grande empreendimento que se descortinava no cenário local – a fundação do Saladeiro São Felipe, do empresário inglês George Dickinson, em 20 de março de 1910, seis meses após a instalação do Mercado Público (SANTOS, 2008, p.61).

O Saladeiro São Felipe industrializava todos os subprodutos do gado, partindo do charque, enlatados, sebo e derivados. Tinha capacidade para abater

1.000 cabeças de gado por dia, produzindo até 4.000 kg de extrato de carne ao dia. A empresa situava-se estrategicamente na beira do Rio Uruguai, com uma estrutura majestosa, tanto que a fábrica estava ligada por via férrea a Uruguaiana, onde escoava uma parcela de sua produção. Além disso, tinha seu próprio porto, com uma frota de 05 barcos, recebendo e movimentando o tráfego de mercadorias através do rio, alimentando um intercâmbio comercial com os países da Bacia do Prata (SANTOS, 2008)

Complementando isso, Pesavento (1980) assegura que:

[...] o *Saladeiro Dickinson*, da firma *Jorge Clark Dickinson & Filhos*, fundado em 20 de março de 1910, à margem esquerda do rio Uruguai, em Itaqui. No depoimento de um fazendeiro local, o conhecido Marcial Terra, teria afirmado, em Porto Alegre. Numa reunião política por volta de 1934, que este seria *o maior e melhor saladeiro da América do Sul*, acrescentando: *afirmo, porque conheço todos* (PESAVENTO, 1980, p. 173).

Em contraponto, Silveira (1979) relata que o prédio do Mercado Público de Itaqui foi sem dúvida, um desperdício aos cofres municipais, pois a cidade não suportava uma edificação de tal dimensão para época. Além disso, o comércio que ali existia, não daria o lucro necessário ao gasto investido na construção.

Porém, como afirma Silva e Moraes (2003): “Ano a ano diversificavam-se as mercadorias comercializadas no Mercado Público de Itaqui, adquiridas de fábricas itaquienses que existiam na época, como sabão, pão, massas, café, sucos de laranja, guaraná, móveis, bem como as mercadorias importadas da Bacia da Prata, chegadas pelo rio” (SILVA; MORAES, 2003, p. 20).

Segundo Santos (2008), o Mercado Público de Itaqui estava projetado para acolher nas suas dependências externas, instalações comerciais (Figura 14, 15 e 16), como escritórios, restaurantes e conservatório de música. Também foram instalados ali, a agência do IBGE, o departamento de agricultura e, desde 1944, abriga a Biblioteca Pública Municipal.



Figura 14 – Propaganda Livraria Tupi, localizada nas dependências externas do Mercado Público.
Fonte: Jornal O município de Itaqui, ANO XIX, n. 969, 06 de outubro de 1956, s/p.



Figura 15 – Propaganda escritório contábil, localizada nas dependências externas do Mercado Público.
Fonte: Jornal O município de Itaqui, ANO XIX, n. 946, 04 de agosto de 1956, s/p.



Figura 16 – Imagem anterior 1944, localizada na instalação da Biblioteca Municipal.
Fonte: Foto cedida do arquivo pessoal de Breno Silva Lopes.

Em seu interior, estavam localizadas as quatro bancas centrais, que comercializam carnes frescas. Essa área, diferente das demais, era delimitada por uma estrutura metálica coberta com vidros e possuía venezianas e janelas que permitia a ventilação cruzada do local (SILVA; MORAES, 2003).

O principal fator da decadência do mercado, como afirmam Silva e Moraes (2003), foi também o fator da queda econômica de todo o município, a inauguração do Porto de Rio Grande, que desarticulou todo o intercâmbio comercial. As mercadorias recebidas via fluvial foram cessando e a culminância do quadro se deu com a Segunda Guerra Mundial, quando o Saladeiro fechou as suas portas e a crise nas importações foi sentida em todo o país (SILVA; MORAES, 2003).

Com o passar dos anos, a edificação foi cedendo espaço aos supermercados, e a população foi perdendo o hábito de comprar no mercado. Hoje se encontra totalmente desativado e em precárias condições de conservação, como será visto no item 4.2.3. Porém, no ano de 2003, a edificação foi alvo de concurso público, que determinava a reabilitação do Mercado Público de Itaqui, no qual foi escolhido um anteprojeto, de autoria da empresa gaúcha, mas que até hoje não foi executado.

1.2 Histórico de Itaqui

A cidade de Itaqui está situada na fronteira oeste do Estado do Rio Grande do Sul (Figura 17), a 680 km da capital, fazendo divisa com a Argentina. Tem seus limites estabelecidos com os municípios de Alvear (Argentina) a oeste, Maçambará a leste, Alegrete, Uruguaiana e Manoel Viana ao sul e, ainda, São Borja ao norte (Figura 18).

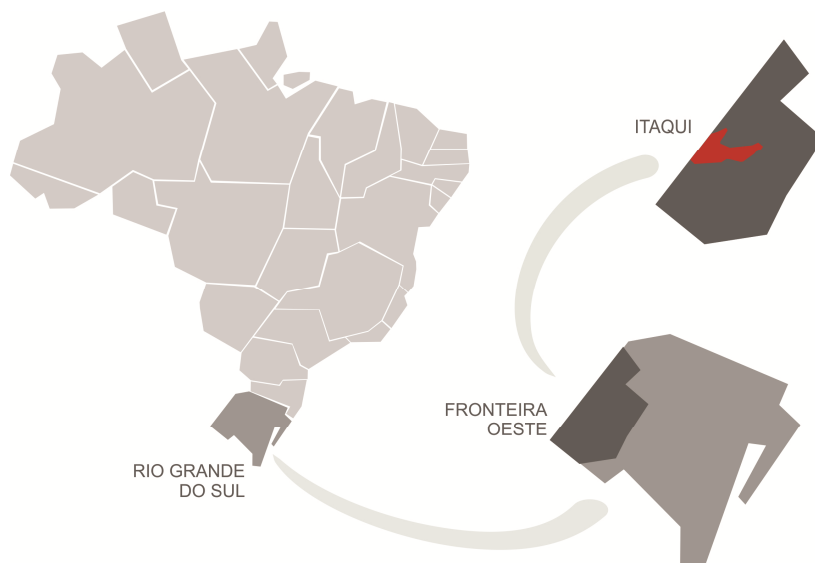


Figura 17 – Mapa do Estado do Rio Grande do Sul com destaque a cidade de Itaqui.
Fonte: A autora.

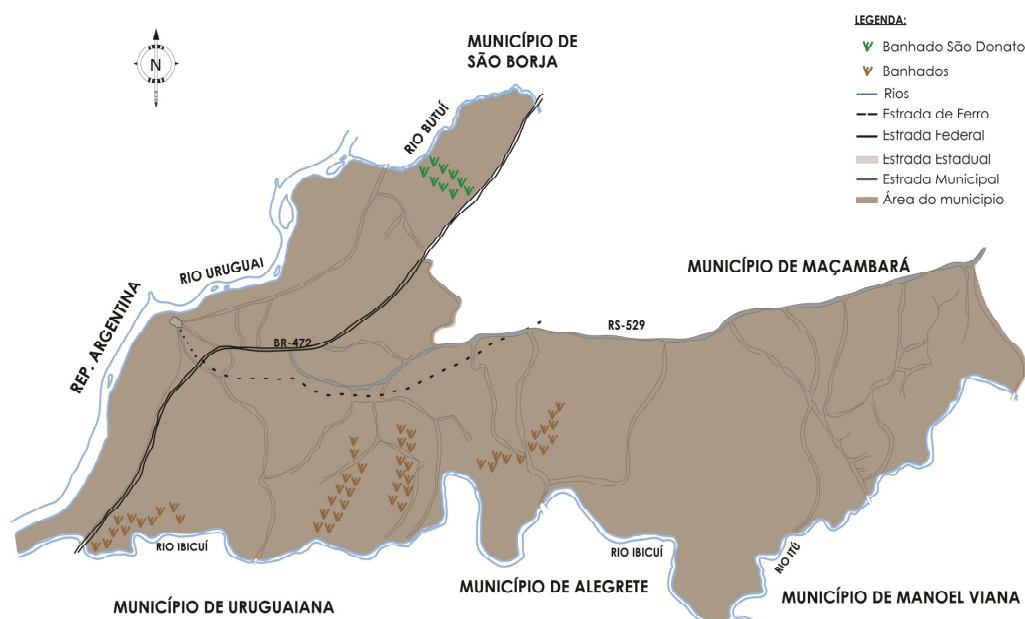


Figura 18 – Mapa da cidade de Itaqui com seus limites.
Fonte: Plano diretor da cidade (2007), adaptado pela autora.

Segundo dados do IBGE de 2010, a cidade ocupa uma área de 3.404 km², sendo banhada pelo rio Uruguai, Ibicuí e Cambaí, com uma população estimada de 38.159 habitantes. Itaqui se localiza na microrregião da campanha ocidental, juntamente com mais nove municípios da fronteira. Está situada na latitude 29°07'31" sul e na longitude 56°33'11" oeste, estando a uma altitude de 57 metros.

O nome da cidade é uma toponímia indígena, originada da língua guarani e é composto por dois termos: *ita* (pedra), e *ku'i* (areia). Provavelmente a origem do nome deve-se às características físicas do Rio Uruguai, que é a fronteira natural entre Brasil e Argentina, e cuja bacia e margens são cheias de pedras (SANTOS, 2008).

Há ainda outras hipóteses, como afirma Holanda (1989), que sustentava que o nome do município significaria pedra d'água, própria para afiar, sendo esta pedra a pedra grês, abundante na região, e origem para o nome da cidade.

Itaqui tem seu povoamento datado da época das reduções jesuíticas (1687), tendo como marco inicial a estância Jesuítica chamada Rincão da Cruz, a qual fazia parte das Missões Ocidentais. Essa estância pertencia à redução de La Cruz, povoação Jesuítica localizada à margem direita do rio Uruguai, atualmente Ciudad de La Cruz, província de Corrientes da Republica Argentina, que pode ser visto na Figura 19, através do mapa dos trinta povos das missões (SYNOPSE HISTORICA DO MUNICIPIO DE ITAQUY, 1929).

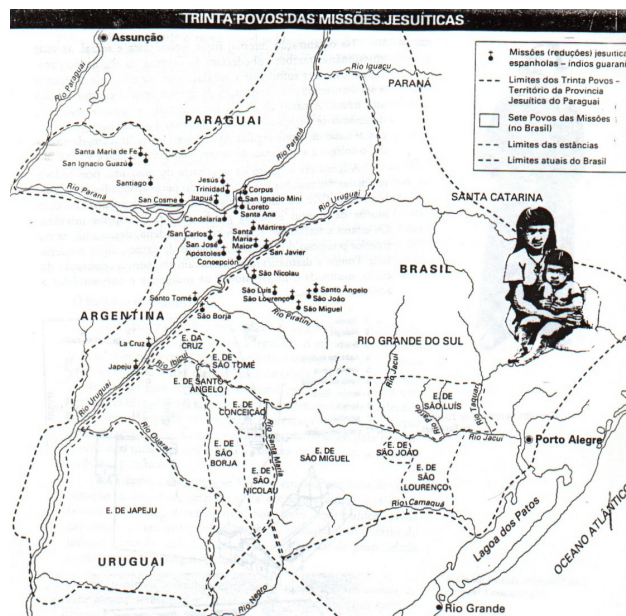


Figura 19 – Mapa dos trinta povos das missões jesuíticas.
Fonte: UFSM/CAU/LPDA.

Segundo Santos (s.d.), antes e durante o domínio espanhol a redução da Cruz possuía três grandes estâncias: São Donato, Bororé e Santo Cristo. Com a

retomada dessa região para o domínio português, após o Tratado de Madri, foram concedidas sesmarias aos súditos portugueses, entre eles militares, e o povoamento do Rincão ficou a cargo de Manoel da Rocha e Souza, originando assim a fundação do povoado. Ele começou a ser organizado a partir de 1821, com um acampamento militar sob o comando do Capitão Fabiano Pires de Almeida.

Segundo o jornal A Ordem: “Traçaram, esses primeiros habitantes civis, a planta da povoação, constante de uma praça e de oito ruas alinhadas, sendo quatro de norte a sul e quatro de leste a oeste.” (SYNOPSE HISTORICA DO MUNICIPIO DE ITAQUY, 1929).

Demarcados e divididos os terrenos, iniciaram-se as construções das casas, quase todas de pedra arenito, abundante na região, com telhado de palha. Apesar de haver algumas guerras entre as províncias do Rio da Prata, a povoação se desenvolvia muito bem, vivendo na maior parte do comércio e da pecuária, até hoje uma das marcas econômicas da região (SYNOPSE HISTORICA DO MUNICIPIO DE ITAQUY, 1929).

Complementando, Isabelle (2006), relata que, no dia 23 de novembro de 1833, após uma invasão do Uruguai, a cidade apresentava pouco número de habitantes, as residências que ali existiam, era pouco mais de vinte, sendo todas construídas muito próximas e em solo pedregoso.

Segundo Santos (s/d), em 23 de novembro de 1837, o povoado foi elevado à categoria de Freguesia, sob o nome de São Patrício de Itaqui, em homenagem ao padroeiro local, através da Lei Provincial nº15, continuando unida a São Borja até 1850.

Para Weimer (2004), quando foi deflagrado o movimento farroupilha, a província já estava dividida em 14 municípios, sendo um deles São Borja, com as povoações de Itaqui, São Francisco de Assis e São Luiz Gonzaga.

Em 1857, por sugestão do juiz de São Borja, Hemetério José Veloso da Silveira, os habitantes da Freguesia de São Patrício de Itaqui dirigiram uma petição a Assembléia Provincial, solicitando a criação do Município, que só foi atendida um ano depois, com a Lei nº 419, de 06 de dezembro de 1858 (SANTOS, s/d).

Já em 1859, a vila estava com 400 casas e contava com 6.031 habitantes, sendo que destes, 5.554 eram livres, 63 libertos e 1.014 escravos. As rendas gerais arrecadavam cerca de 35.000\$000 (trinta e cinco contos de réis) e a importação chegava no Rio Grande do Sul a 38.000\$000 (trinta e oito contos de réis) elevando-

se a exportação a mais de 700.000\$000² (setecentos contos de réis) (SILVA; MORAIS, 2003).

No dia 30 de março de 1859, o Município foi instalado, sendo eleita a primeira Câmara Municipal, formada por Antonio Fernandes Lima, José da Cruz Cunha Junior, Vicente José Pereira e João Manoel Palmeiro (SILVA; MORAIS, 2003).

Em 1860, Marcos de Freitas Noronha, proprietário do pequeno vapor Uruguai, impulsionou o comércio com a implementação do transporte fluvial. E com a Lei Provincial n° 1207, de 03 de maio de 1879, São Patrício de Itaqui foi elevada à cidade, já que era uma das mais prósperas Vilas da Fronteira do Uruguai (SILVA; MORAIS, 2003).

Em 09 de fevereiro de 1913, foi concluído o primeiro trecho ferroviário da cidade, que ligava Itaqui a São Borja, através do ramal Quaraí – São Borja (Figura 20 e 21), e tinha finalidade mais estratégica do que econômica, de responsabilidade da companhia inglesa “Brazil Great Sounthern” (CARDOSO; ZAMIN, 2002).

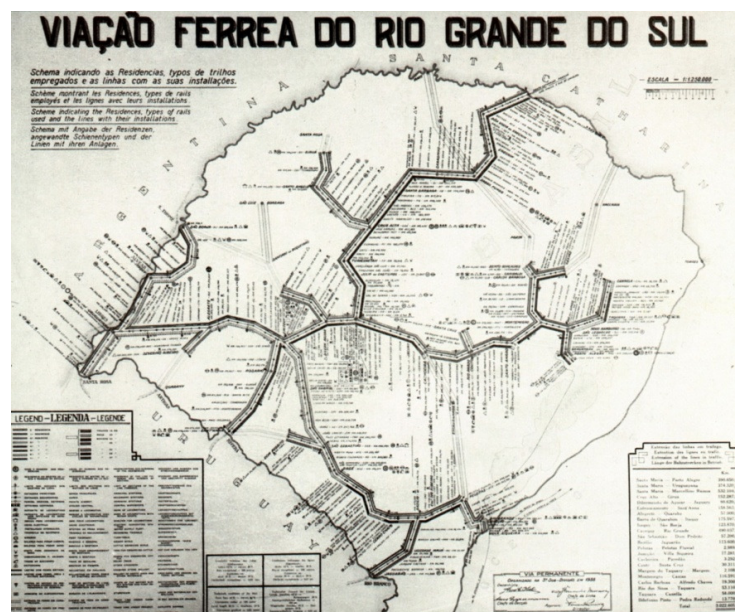


Figura 20 – Mapa das linhas férreas do Rio Grande do Sul.
Fonte: UFSM/CAU/LPDA.

² Grafia em moeda da época. Fonte: Revista A Ordem de 1929.

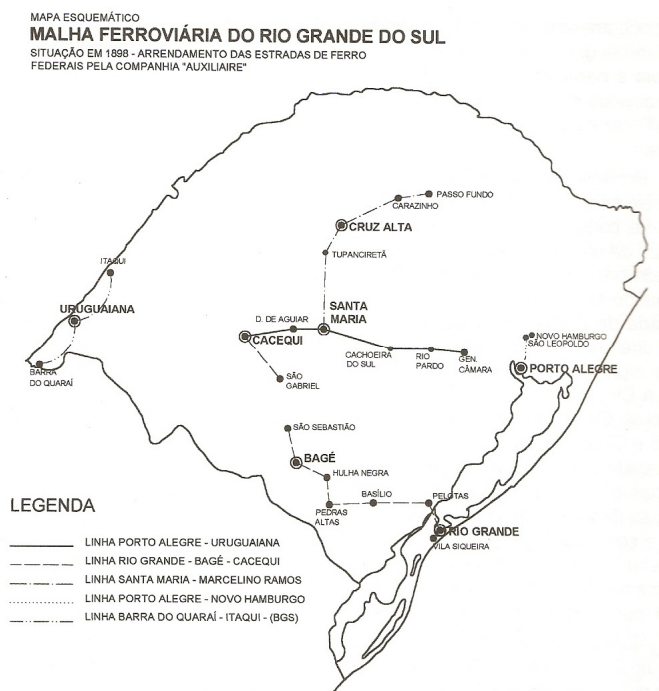


Figura 21 – Mapa das linhas férreas do Rio Grande do Sul em 1898.
 Fonte: CARDOSO; ZAMIMN (2002).

O município tem um dos mais antigos teatros da América do Sul, o Theatro Prezewoodski (Figura 22), construído em 1883, que já abrigou companhias líricas de renome internacional, cujo roteiro era Rio de Janeiro – São Paulo – Porto Alegre - Buenos Aires – Montevideú, fazendo escala em Itaqui, um dos maiores centros artístico-culturais da época. O teatro leva o nome do capitão comandante da Flotilha de Guerra do Alto Uruguai, sediada em Itaqui, de 1872 a 1874, Estanislau Prezewoodski, baiano de nascimento, que teve participação destacada anteriormente na Guerra do Paraguai (1864-1870) (SANTOS, 2008).



Figura 22 – Imagem do início do século 20 onde aparece a Prefeitura Municipal e ao lado o Teatro Prezewodowsky.

Fonte: <http://www.itaquirs.com.br/antigo2bbb>.

Nota-se assim, que a cidade por estar localizada na fronteira oeste do estado, mantinha contato direto com as principais capitais do Brasil, Uruguai, Argentina e até mesmo com países da Europa, resultando na busca constante pelo conforto nos padrões clássicos do ecletismo, consolidado principalmente na área central, antigo centro da cidade, revelando o poder das classes dominantes (SILVA; MORAIS, 2003).

Nessa área, ainda hoje, pode-se notar uma homogeneidade nas construções, pois se encontram ainda casarões e sobrados do início do século 20 de valor arquitetônico significativo, concentrados em sua maioria no entorno da praça central Marechal Deodoro, onde se desenvolveu inicialmente o núcleo urbano.

Silva e Morais (2003) descrevem que estas construções apresentam características similares, compostas de um pavimento único com pé direito de 5 metros, cobertos por telhados de zinco, característica da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Nas vergas de portas e janelas, encontram-se vigas de ferro, utilizadas para sustentação, o que evidencia o domínio da técnica construtiva. As bases das edificações eram feitas em sua maioria de pedra arenito apicoada, revestidas ou não, com argamassa de barro e cal na área interna, e, na área externa, esta mesma argamassa recebia na sua composição uma adição de cimento. Já as paredes da edificação eram constituídas de tijolos de grande proporção em relação aos encontrados atualmente.

Neste período era comum a utilização de aplicações de decorações em argamassas pré-fabricada, aplicadas nas janelas de vergas retas, que se repetem

nas platibandas e em vários prédios da cidade (Figura 23). Predominam também nas construções, a utilização de pilastras em estilo clássico e varandas, construção no alinhamento sem ter pátios em suas laterais. Pode-se perceber também que todas as edificações apresentam a mesma altura, conformando um ritmo nas ruas (SILVA; MORAIS, 2003).



Figura 23 – Clube do Comercio, exemplo de construção com aplicações de decorações em argamassa pré-fabricadas existente até hoje na cidade.
Fonte: http://www.itaquirs.com.br/itaqui_com1.

Suas ruas apresentam geralmente grande largura, como afirma Silva e Morais(2003), constituindo uma malha regular, de traçado xadrez feito por engenheiro militar, característico das cidades gaúchas projetadas, devido sua importância para a segurança nacional, conformando um ponto estratégico de fronteira, como se pode ver na figura 24, a seguir.



Figura 24 – Imagem aérea antiga da cidade de Itaqui.
Fonte: http://www.itaquirs.com.br/itaqui_aerea.

A cidade apresenta uma arquitetura rica em detalhes construtivos, utilizando principalmente em suas construções, estruturas metálicas e pedra arenito retangulares, matéria prima abundante na região, que demonstra conhecimento tecnológico do período (SILVA; MORAIS, 2003).

Atualmente a economia do município está apoiada na orizicultura e pecuária, sendo, também conhecida pela cultura do tradicionalismo, devido a forte presença de CTGs e de Piquetes, principalmente nas comemorações da Semana Farroupilha.

1.3 Patrimônio e Restauro

Como a edificação em questão, trata-se de um bem patrimônio já tombado, buscou-se o entendimento sobre o que é preservação e conservação para complementar e agregar conhecimento ao estudo. Desta maneira, a importância de saber sobre as noções de patrimônio e o tombamento como forma de preservação, e, também a preservação e conservação como forma de valorização do Patrimônio edificado.

1.3.1 Noções de Patrimônio e o tombamento como forma de preservação

Patrimônio histórico. A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e savoir-faire dos seres humanos (CHOAY, 2001, p.11).

Patrimônio refere-se a algo que se herda, na qual deve ser protegido. Ao citá-lo, refere-se direta ou indiretamente ao passado, o qual é sempre construído a partir do presente (OLIVEN, 2009).

Segundo o ICOMOS (s/d.), a ideia de patrimônio, como conceito e prática das sociedades e governos, é europeia, e mesmo que tenha raízes mais antigas, surgiu com noção de monumentalidade no renascimento, com o dever de resguardar aquilo que se deve ser lembrado. Esse mesmo conceito de monumentalidade é definido por Choay (2011), como uma lembrança do passado, e tem por finalidade fazer reviver um passado mergulhado no tempo.

Para acrescentar, Lemos (2000) afirma que Patrimônio Cultural é a definição de uma nacionalidade, cuja memória está justamente alinhavada ao longo de sucessivas transformações e evoluções havidas lentamente através dos tempos.

O patrimônio histórico não é considerado apenas testemunho de gerações passadas, que nos transmitem seus valores de uso e culturais, mas também, inserido e abrangendo os valores sociais e econômicos da atualidade (KÜHL, 1988).

Assim a ideia de patrimônio só começa a ser impulsionada e difundida por todo o planeta no decorrer do séc. XX, como resposta à descaracterização das cidades devido à exacerbada urbanização, e também, em decorrência da devastação ocorrida na Europa devido à Segunda Guerra Mundial. Tendo como este último fator, o principal acontecimento que originou as normas e iniciativas internacionais para salvaguardar os bens culturais (ICOMOS, s.d.).

Segundo Kühl (1998), a partir de 1960, observa-se a ampliação da noção de patrimônio histórico, passando a englobar não somente os grandes monumentos, mas ambientes urbanos ou rurais inteiros. Passou a incluir também, as construções mais recentes, aquelas do patrimônio industrial e a herança do movimento moderno.

Em 1972, na conferência da UNESCO, a definição de patrimônio cultural da humanidade se amplia, incluindo além de obras arquitetônicas, de escultura ou de

pintura monumentais, também, elementos ou estruturas de natureza arqueológica; os conjuntos de construções isoladas ou reunidas; atendendo sempre ao valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência, englobando também o patrimônio natural.

Essa ideia de ampliação do patrimônio cultural, é definida no Brasil somente em 1988, através da Constituição de 1988, artigo 216, que estabelece além dos bens de natureza material e imaterial, incluem também: as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos edificações e demais espaços destinados as manifestações artístico-cultural; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, ecológico e científico.

Segundo ainda a Constituição de 1988, cabe ao Poder Público, juntamente com a comunidade promover e proteger o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação.

Como forma de salvaguarda desses patrimônios, o tombamento mostra-se como um artefato de proteção contra a destruição ou descaracterização destes bens. Seu conceito liga-se diretamente ao ato de preservar, defender algo de relevância pública que é plausível ao ato de ser registrado e inventariado.

O tombamento é um atributo que se dá ao bem cultural escolhido e separado dos demais, para que nele, fique assegurada a garantia da perpetuação da memória. Tombar, enquanto for registrar, é também igual a guardar, preservar. O bem tombado não pode ser destruído e qualquer intervenção por que necessite passar deve ser analisada e autorizada (LEMOS, 2000).

A origem do termo tombar, segundo Pires (1994) e Telles (1977) ,é bem distinta, e refere-se a Torre do Tombo, atual Arquivo Nacional Português, espaço destinado a guardar arquivos. No Brasil, o processo de tombamento surgiu primeiramente com o Decreto Lei n 25, de 30 de novembro de 1937, que organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional.

Pires (1994) complementa afirmando que, para efeito da preservação do patrimônio cultural brasileiro, o tombamento só incide sobre bens materiais de valor histórico, artístico, paisagístico, arqueológico, etnográfico e bibliográfico.

Portanto, o processo de tombamento é um ato administrativo realizado pelo poder público, nos níveis federal, estadual ou municipal. Inicialmente é feita uma

avaliação técnica do bem, para que seja submetido a deliberação das unidades técnicas responsáveis, e assim possa ser protegido (PIRES, 1994).

Desse modo, o objeto de estudo desta pesquisa, o Mercado Público de Itaqui, teve seu reconhecimento pelo valor arquitetônico, histórico e artístico, através do Decreto Municipal N° 4.238/02 (Anexo A), na qual foi estabelecido o tombamento municipal do prédio, e reconhecido pela Assembleia Legislativa do Estado como Patrimônio Histórico do Rio Grande do Sul, através da Lei N° 11.937/2003 (Anexo B). E em 18 de dezembro de 2009, foi tombado como patrimônio do Estado através da Secretaria de Cultura e registrado no livro do Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (Anexo C), embasado pelo parecer elaborado pelo IPHAE (Anexo D).

Todavia, como Choay (2001) relata que, querer saber Tombar monumentos é uma coisa, e saber conservá-los fisicamente e restaura-los é algo que se baseia em outros tipos de conhecimento, como se verifica a seguir.

1.3.2 Preservação e conservação como forma de valorização³ do Patrimônio edificado

Riegl (1999) descreve que, todo monumento de valor artístico ao mesmo tempo apresenta valor histórico, sem exceção, pois representa um determinado estágio da evolução das artes plásticas que não apresenta nenhuma substituição equivalente.

Desse modo, hoje, o patrimônio agrega vários valores, como histórico, artístico, cultural, arquitetônico, social e sempre apresenta um valor singular, que os destaca dos demais. Devido a isso, tem-se a preocupação em resgatar esses valores, como um ato de preservação e conservação desses patrimônios.

O debate sobre as questões de preservação e conservação do patrimônio vem se ampliando, e cruzando fronteiras, conseguindo obter alguns resultados positivos. Foram criados assim conselhos, comitês e organizações que tratam deste

³ Termo empregado por Choay (2001) para definir e sintetizar o status do patrimônio edificado, sendo a conservação e restauração seus principais fundamentos.

assunto especificamente e que orientam o modo de preservar e conservar, como o ICOMOS, a UNESCO, o IPHAN, entre outros.

Dessa forma, para elucidar melhor sobre o assunto, Lemos (2000) relata que, o verbo preservar é muito abrangente, seu sentido é definido por vários outros verbos que se complementam, e que incidem sobre os elementos que compõem a ampla definição de Patrimônio Cultural.

A origem do termo preservação é do latim, e significa observar previamente. Este termo envolve as atuações destinadas a salvaguardar e valorizar os bens culturais e garantir sua perpetuação para as futuras gerações. As operações de preservação devem sempre garantir a proteção da autenticidade, prolongando sua identidade e assegurando seus valores (DELPHIM, 2005).

De acordo com Delphim (2005), a preservação inclui operações necessárias à defesa de um bem, tais como a identificação, proteção, conservação, restauração, renovação, manutenção entres outros.

Complementando essa ideia, preservar é, além de manter em boas condições de uso, evitar o aparecimento de problemas e garantir a manutenção dos valores estéticos e históricos da edificação (KLUPPEL; SANTANA, 2006).

Segundo a Carta de Veneza, restauração e conservação constituem uma disciplina que necessita da cooperação de todas as ciências e técnicas que possam contribuir para o estudo e a preservação de tudo que é visto como patrimônio. Ainda, a restauração tem como objetivo revelar e conservar os valores estéticos e históricos do monumento, sendo uma operação de caráter excepcional (IPHAN, s/d).

Nesse mesmo sentido, Choay (2001) afirma que a intervenção de restauradores especializados nos monumentos históricos exige não apenas conhecimentos seguros, históricos, técnicos e metodológicos. Ela implica também uma doutrina que pode articular de forma muito diferente esses saberes, modificando os objetos e a natureza da intervenção arquitetônica.

Dessa forma, a restauração deve sempre ser precedida e acompanhada de um estudo arqueológico e histórico. Sendo assim, para a realização de um projeto de restauração, são necessárias diferentes etapas, como a análise da inserção do monumento no tecido urbano, até mesmo, seus aspectos construtivos e as modificações ocorridas durante sua vida útil. Devendo sempre ser acompanhado de pesquisas bibliográficas, iconográficas e arquivísticas, entre outros, onde se obtém

os dados históricos necessários para oferecer embasamento à proposta (IPHAN, s/d).

Assim, Lemos (2000, p. 25) assegura que “Se devemos preservar as características de uma sociedade, teremos forçosamente que manter conservadas as suas condições mínimas de sobrevivência, todas elas implicadas no meio ambiente e no seu saber”.

Seguindo ainda o pensamento do mesmo autor, a preservação depende diretamente do conhecimento popular, pois a falta de entendimento sobre a importância da preservação afeta principalmente a preservação do patrimônio propriamente dito, em especial, aqueles ligados à arquitetura e aos bens urbanos.

Sendo assim, sabendo-se controlar os processos de evolução, será mais fácil à manutenção da identidade cultural, registrando, guardando elementos culturais que não têm garantia de permanência para o futuro. Assim, preservar não é somente colecionar objetos ou coisas, mas manter vivo os usos e costumes populares representativos de cada época é também, fazer levantamentos de construções, sítio urbanos ou rurais, que estão fadadas ao desaparecimento (LEMOS, 2000).

Finalizando, Kluppel e Santana (2006) relatam que:

Conservação preventiva é o conjunto de medidas que se deve tomar para prevenir o aparecimento de danos em uma edificação evitando trabalhos radicais de restauração. Assim como a medicina preventiva ela trabalha prevenindo os problemas e dentro do possível evitando que eles aconteçam (KLUPPEL; SANTANA, 2006, p. 14).

Por conseguinte, o levantamento prévio e a respectiva pesquisa científica são indispensáveis para a conservação e preservação do monumento isolado. Dessa maneira, este trabalho baseia-se principalmente na elaboração do levantamento cadastral, apresentado no item 4.2, que será a base para as definições futuras de qual é a melhor forma de intervenção e avaliação do estado atual de conservação para a elaboração de diretrizes de reabilitação do Mercado Público de Itaquí, apresentado no item 5.

Assim, no próximo capítulo será abordada a metodologia adotada que organizou e delimitou a pesquisa.

2 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do trabalho, a metodologia aplicada baseou-se num estudo quali-quantitativo. Para tal, foi analisado o estado atual de conservação de um patrimônio edificado, o Mercado Público de Itaqui.

Dessa maneira, a pesquisa foi estruturada das seguintes etapas:

- Escolha do tema
- Pesquisa bibliográfica
- Estudo de caso

2.1 Escolha do tema

Delimitou-se o tema através da verificação de um problema urbano, o abandono de um local público com valores arquitetônicos significativos, o Mercado Público de Itaqui, tratando-se de um Estudo de Caso Único. Essa edificação trata-se de um bem já tombado municipal e estadualmente, que já foi alvo de concurso público em 2003, mas que até o momento se encontra em pleno desuso e abandono.

2.2 Pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica tem a finalidade de aliar informações relevantes para o desenvolvimento da dissertação, através de temas similares, deste modo, a pesquisa foi dividida em duas temáticas. Inicialmente, abordou-se sobre a origem dos mercados públicos, surgimento e suas configurações ao longo dos tempos, sua chegada ao Brasil e no Estado, e concluindo no surgimento da edificação em questão, relatando também, um pouco sobre o histórico da cidade inserida.

A segunda temática refere-se ao patrimônio e restauro, na qual foram apresentados conceitos e noções sobre preservação e conservação das edificações históricas.

2.3 Estudo de caso

A pesquisa foi organizada através de dados coletados, em jornais, imagens antigas, livros e dissertações, e visitas feitas ao local de estudo durante o período da pesquisa. Desta forma, o estudo de caso se divide em três sub-etapas, nas quais foram realizados levantamentos cadastrais e fotográficos resultando em um balanço de todos dados conseguidos. Logo após, verificaram-se as patologias encontradas na edificação que serviram como base para a elaboração dos mapas de danos e resultaram nas diretrizes de conservação para permitir a integridade futura da edificação.

2.3.1 Levantamento cadastral e situação atual

Para a realização desta etapa, foi levado em consideração o levantamento cadastral existente, realizado pelo IAB em 2003, porém a defasagem de dados fez com fosse feito um novo levantamento métrico mais atualizado da área de estudo, que constitui de plantas baixas da edificação, cortes e elevações, e também de levantamento fotográfico de toda edificação, que auxiliou na análise posterior do estado atual de conservação. Logo após, os dados levantados serviram de base para o comparativo proposto entre os dados coletados e memorial descritivo do prédio, datado da época da construção, feito pelo arquiteto Pascoal Minnoggio, que pode-se observar as modificações desde a construção até os dias atuais.

2.3.2 Mapa de danos

Como resultado da análise dos dados coletados, foram elaborados mapas de danos baseados na mesma metodologia adotada por Pacheco (2011) e Gaklik (2012). Estes mapas são representações gráficas e sintéticas das patologias encontradas nas fachadas da edificação do mercado público de Itaqui, na qual verificou-se a incidência de cada patologia, através da metragem quadrada. Após sua elaboração, estes dados encontrados foram transpostos para elaboração de gráficos, verificando-se a porcentagem que cada patologia incide sobre a fachada. Vale destacar que esses mapas servem, além de método, para identificar as manifestações patológicas, como registro da evolução do estado de conservação da edificação.

2.3.3 Diretrizes para sua reabilitação

Compreende o resultado de todos os dados obtido com a pesquisa, que serviram de subsídio para a elaboração das diretrizes de reabilitação da edificação. Essas diretrizes são medidas de como deve se proceder para a recuperação da edificação, e têm a intenção de auxiliar como um manual de conservação do prédio, e também de base para futuras intervenções.

3 RESULTADO DO LEVANTAMENTO DA EDIFICAÇÃO

3.1 Análise do Lote e do Entorno

O edifício, delimitado pela Avenida Independência, Rua Osvaldo Aranha e Travessa Domingos Lacroix (Figura 25), conta com uma área construída de aproximadamente 1.500,00 m² e possui sua testada principal voltada para a Rua Osvaldo Aranha (Figura 26), rua de pouco trânsito de automóveis e de pedestres.



Figura 25 – Imagem aérea de edificação.
Fonte: adaptado de Google Earth, junho de 2013.



Figura 26 – Imagem do Mercado pela Rua Osvaldo Aranha.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

O terreno, onde está inserida a edificação, localiza-se na região ribeirinha, próximo ao Rio Uruguai, como pode ser vista através do mapa da cidade retirado do plano diretor, no qual demonstra a média das cotas de inundações que afetam a cidade desde 1941 até a cheia de 2002 (Figura 27).

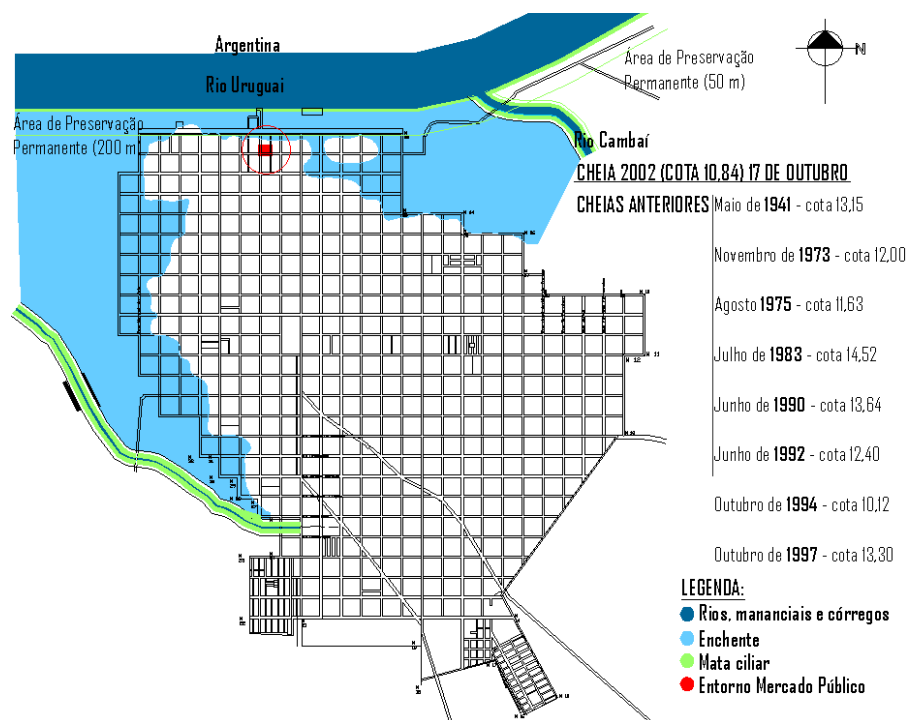


Figura 27 – Planta da cidade com destaque as cotas de inundações do Rio Uruguai.
Fonte: Plano Diretor da cidade, 2007.

Estas cheias acabam prejudicando todas as edificações do entorno e o próprio Mercado, conforme verifica-se através das figuras 28 e 29 que registraram a maior enchente que atingiu a cidade em 1993.



Figura 28 – Imagem aérea, enchente de 1993.
Fonte: Levantamento cadastral IAB (2003).



Figura 29 – Mercado Público, enchente de 1993.
Fonte: Levantamento cadastral IAB (2003).

O lote pertence ao bairro central da cidade(Figura 30), próximo à Praça Marechal Deodoro da Fonseca, do setor administrativo, Prefeitura Municipal, e próximo ao Theatro Prezewoodski (Figura 31). O entorno é heterogêneo e até hoje permanecem alguns prédios de significativo valor histórico, construídos no mesmo período do Mercado, em estilo eclético, característico do início do século XX, e que

resistem à ação do tempo e ao interesse imobiliário. Cita-se a antiga Farmácia, (Figura 32), o Clube do Comércio e a Residência dos Mondadori (Figura 33).



Figura 30 – Mapa da área central da cidade, com destaque ao local do lote.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.



Figura 31 – Imagem atual Teatro Prezewodowski.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.



Figura 32- Imagem atual da Antiga Pharmacia
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

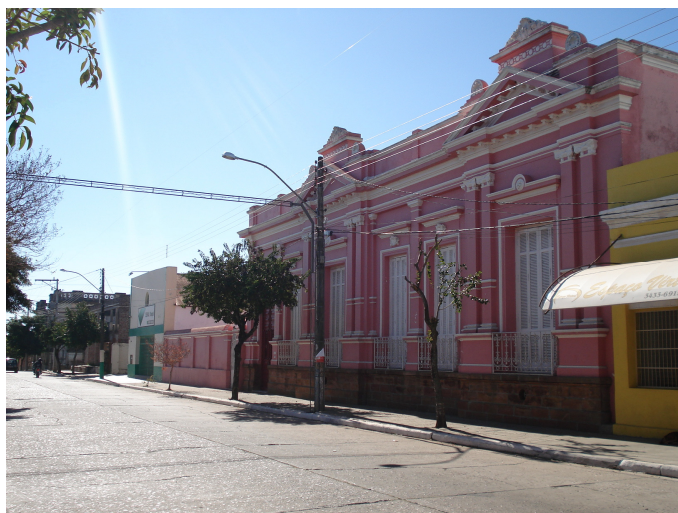


Figura 33 – Imagem atual da Residência da família Mondadori.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

A maioria desses prédios apresentam características comuns, como a utilização dos forros feitos em painéis metálicos, moldados, com motivos repetitivos, construção no alinhamento e mesma escala em toda a quadra, dando continuidade e ritmo aos quarteirões.

3.2 Levantamento da área de intervenção

3.2.1 Levantamento métrico

O levantamento métrico, finalizado em setembro de 2012, teve como base o levantamento realizado anteriormente pelo IAB, em 2003, e será apresentado junto ao Apêndice A. Dessa maneira, como forma de elucidar o trabalho, serão expostas junto ao corpo do texto, as plantas baixas e fachadas sem escala de desenho objetiva, que servirão posteriormente para a análise dos mapas de danos e verificação do estado atual de conservação da edificação.

Assim, pode-se perceber, através da planta de cobertura, representada através da figura 34, que o volume se configura em formato quadrangular, composta pelo volume principal e outro secundário, que se localiza posterior a ele, separados pela rua de serviço. Nesta planta, percebe-se a ausência de alguns materiais na cobertura, principalmente os vidros que compõem o volume da central. Junto ainda da edificação, existe uma área remanescente pertencente ao Mercado que está localizada nos fundos da edificação, junto ao volume secundário, contemplando uma área de 387,50 m².

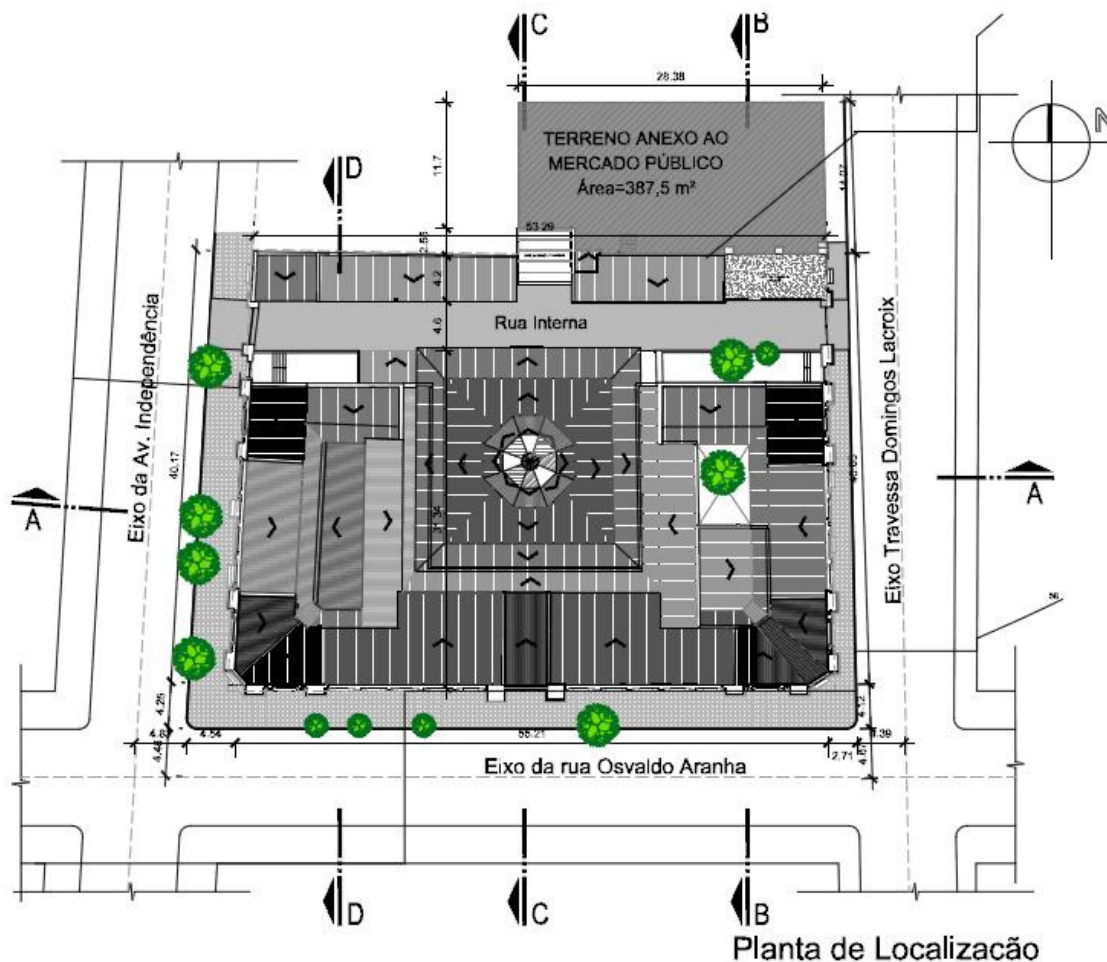


Figura 34 – Planta Localização/cobertura do Mercado Público de Itaquí.
 Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Na figura 35, encontra-se a planta baixa da edificação, na qual se pode observar a distribuição interna existente, composta por diversos compartimentos. No volume principal, verifica-se que os compartimentos estabelecidos ao longo do perímetro ligam-se diretamente com a área pública, estabelecendo o acesso direto a estes espaços. Ainda, neste mesmo volume, nota-se também a existência das quatro bancas internas, acessadas pela área central da edificação. Já no volume secundário, nota-se também a existência de compartimentos, estabelecidos em forma de fita ao longo da rua de serviço, que serviam de apoio ao Mercado.

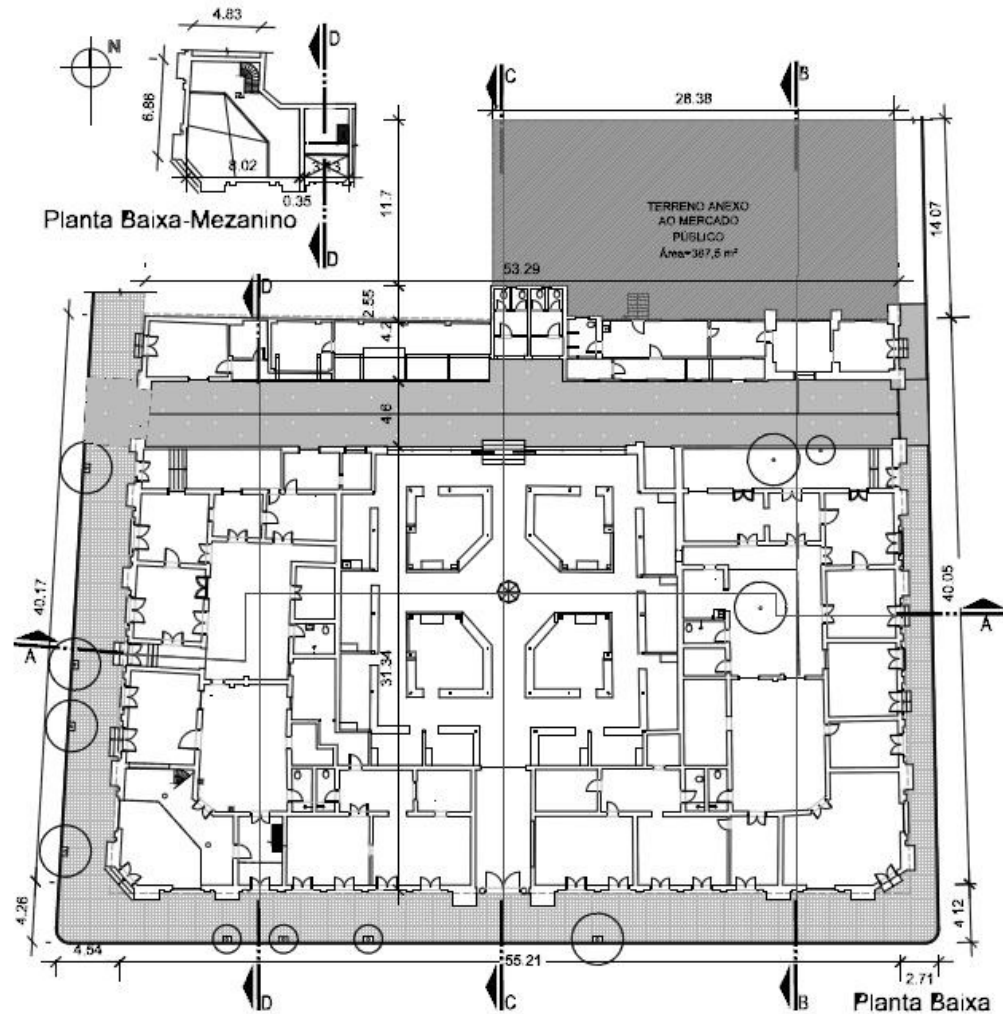


Figura 35 – Planta Baixa do Mercado Público de Itaquí.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Na fachada sul (Figura 36), observa-se o principal local de acesso ao prédio, centralizado na fachada, voltado para a Rua Osvaldo Aranha e os volumes das esquinas demarcadas por volumes mais altos.



Figura 36 – Fachada principal do Mercado Público de Itaquí.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Já as configurações das fachadas laterais, leste e oeste, mostram-se similares, (Figura 37 e 38). Porém, o que as difere, além da conformação do terreno, é o sentido de acesso da rua das carroças, onde a fachada leste, voltada para a Travessa Domingos Lacroix, conformava a entrada (Figura 39) e a fachada oeste voltada para a Avenida Independência, localizava-se a saída (Figura 40).

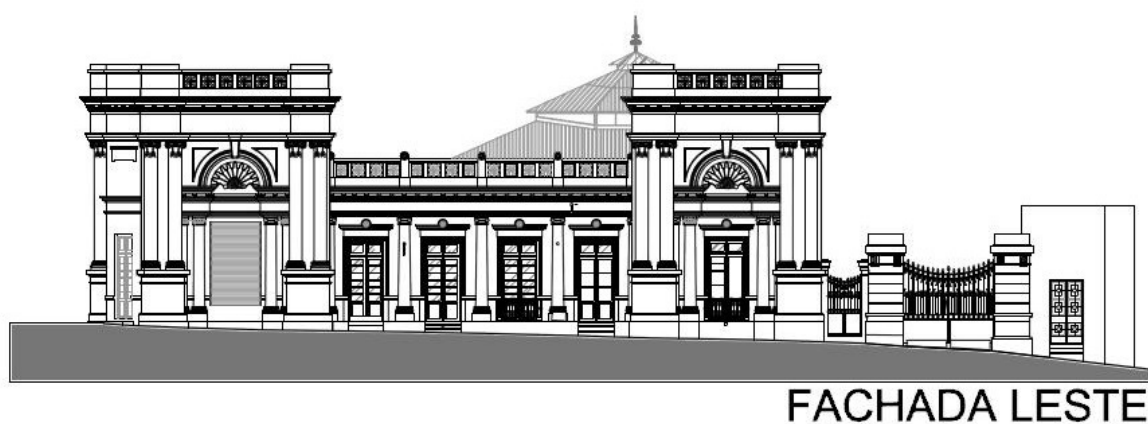


Figura 37 – Fachada lateral Leste do Mercado Público de Itaqui.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

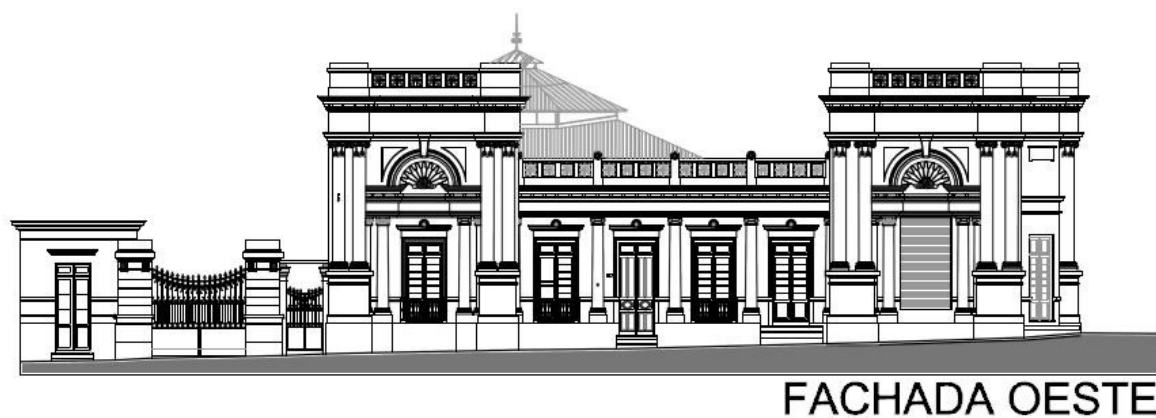


Figura 38 – Fachada lateral Oeste do Mercado Público de Itaqui.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.



Figura 39 – Fachada Leste -Detalhe placa entrada da Rua das Carroças.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.



Figura 40 – Fachada Oeste - Detalhe placa saída da Rua das Carroças.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

3.2.2 Análise do prédio

O prédio com características únicas, em estilo eclético, foi inaugurado no dia 07 de setembro de 1909, projetado pelo arquiteto Itaquense Paschoal Minoggio. A edificação se difere de qualquer outro Mercado, pois não define um quarteirão como o de costume, tipologia adotada em outros tantos mercado brasileiros e até mesmo os gaúchos, ocupa somente a metade do quarteirão, parecendo estar a espera de

continuidade do projeto. O partido arquitetônico configura-se em um volume sólido, construído em alvenaria convencional, disposto em um único pavimento.

Sua planta, definida claramente em formato de U, enfoca e evidencia o centro, elemento principal da construção, onde se distribuíam as bancas que comercializavam carnes. Nesse volume periférico, conformado em U, estabeleciam-se também locais de comércio, lazer e serviço, acessados diretamente pelos passeios públicos. Esses espaços eram demarcados por dois pátios internos simétricos que delimitavam o uso, e serviam principalmente para dar ventilação e iluminação os cômodos. Junto a eles encontravam-se salas que serviam de apoio, utilizadas para depósito e sanitários (Figura 41).

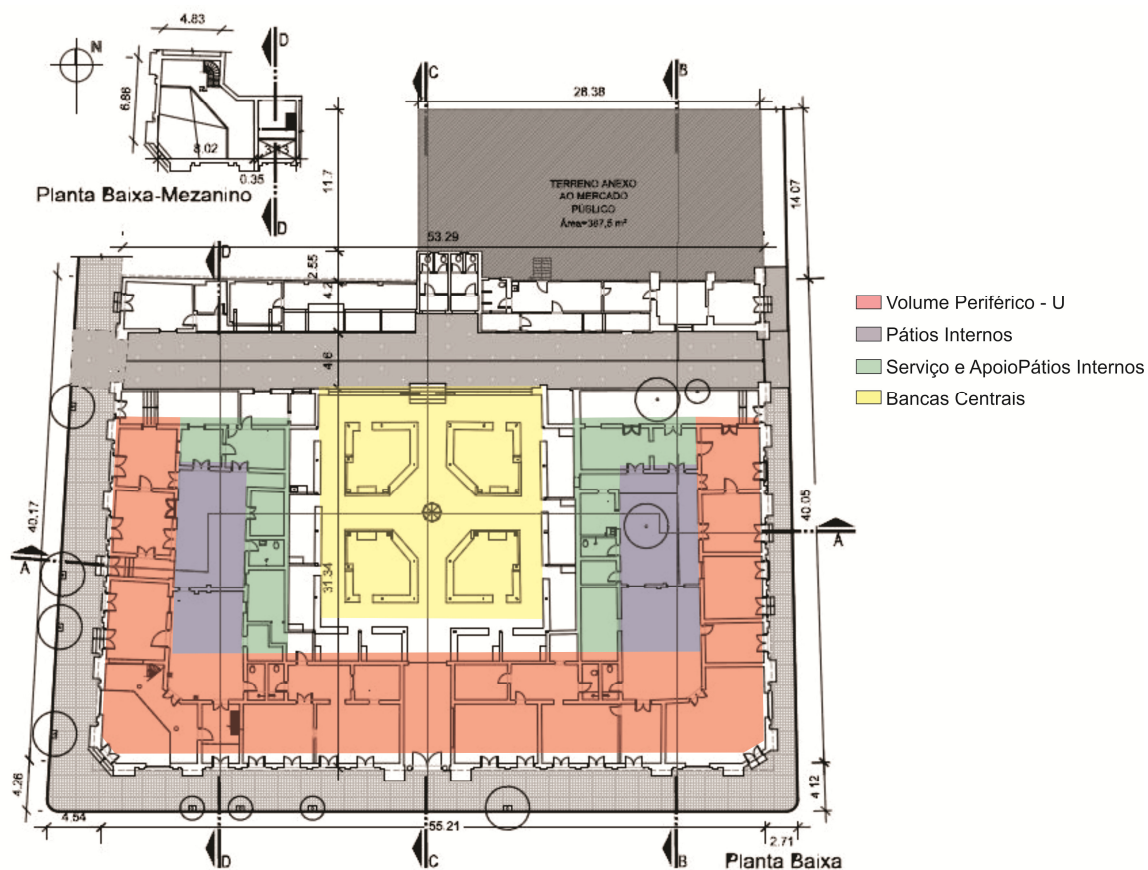


Figura 41 – Planta Baixa do Mercado Público de Itaquí com zoneamento.
Fonte: Arquivo pessoal, 2013.

Na parte central interna do Mercado encontra-se a cobertura metálica, vinda da Europa. Essa área é composta por uma cobertura em cúpula de vidro (Figura 42), a qual é sustentada por uma estrutura metálica, formada por perfil em I e mãos-francesas, pertencentes ao estilo *Art nouveau* (Figura 43). A estrutura é dividida em

duas partes; uma com janelas e outra com venezianas metálicas, isso cria um sistema de ventilação cruzada (Figura 44)



Figura 42 – Imagem interna da área central em estrutura metálica e vidro.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.



Figura 43 – Imagem da mão francesa pertencente ao estilo *Art nouveau*.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

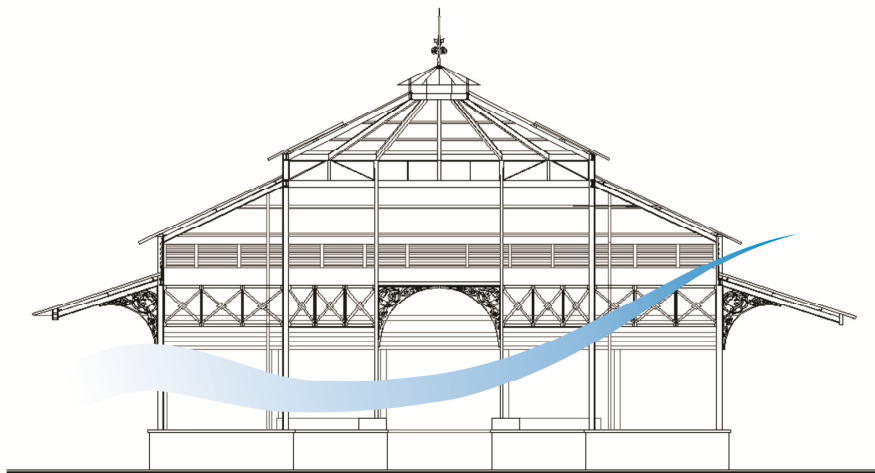


Figura 44 – Esquema de ventilação cruzada na área central da edificação.
Fonte: Arquivo pessoal, 2013.

Abaixo dessa cobertura, quatro bancas com balcões em mármore comercializavam carne fresca. Esse espaço abria-se para a rua interna, chamada popularmente de Rua das Carroças, intitulada assim pelo próprio arquiteto no memorial descritivo do prédio, conforme verifica-se no Anexo E. Esta rua, desnivelada do prédio, funcionava como doca, e servia de acesso de serviço, abastecendo as bancas internas com os produtos que eram vendidos ali.

O acesso principal da edificação do Mercado, voltado para a Rua Osvaldo Aranha, é delimitado por um grande pórtico (Figura 45), composto por um volume ricamente adornado e por um grande portão de ferro de duas folhas, no qual conduz diretamente o acesso as bancas centrais. Esse volume difere-se do restante da fachada, pois apresenta uma escala mais imponente, além de trazer elementos decorativos mais rebuscados dos encontrados na edificação, conforme descreve Romano (2004) “(...) pilastras, colunas sobre socos com capitéis jônicos e elementos decorativos como guirlandas, conchas, flores (...)”. Além disso, também exibe um coroamento diferenciado além da platibanda vazada.



Figura 45 – Imagem do acesso principal.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Nessa mesma fachada, estabelecida linearmente, dava-se o acesso às lojas periféricas, distribuídas em cada lado da entrada principal, sendo delimitado por dois torreões que demarcavam as esquinas. Sua volumetria difere-se da adotada no pórtico de acesso principal, configura-se em uma escala um pouco menor, marcada pelo ritmo das aberturas em madeira e pelos pilares que demarcam os acessos, verifica-se também, uma simetria e repetições dos elementos decorativos que emolduram as esquadrias (Figura 46).

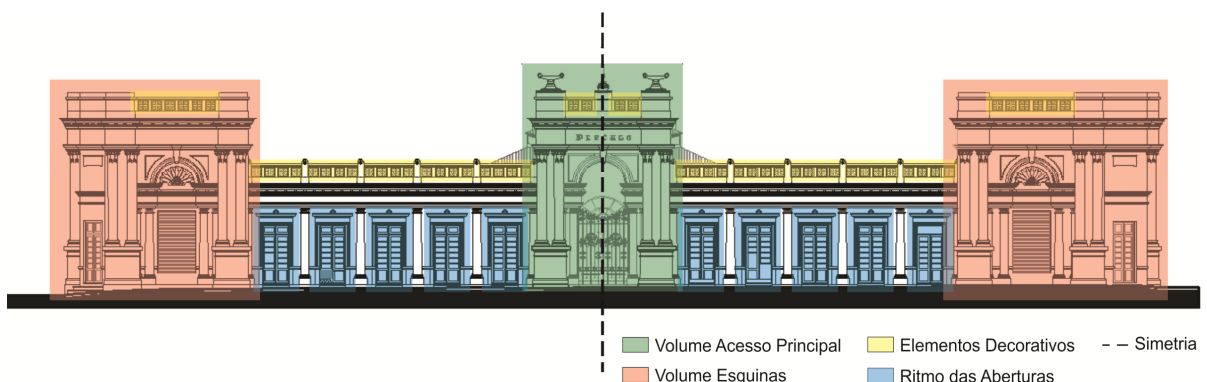


Figura 46 – Fachada principal do Mercado Público de Itaqui, com delimitação da tipologia adotada.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Esse volume linear só é interrompido pela volumetria encontrada nas esquinas (Figura 47), que se difere pela sua escala, é maior e seus adornos mais

rebuscados. Nesses torreões havia acesso a duas lojas, uma voltada para Avenida Independência, que abrigou durante muitos anos a Livraria Tupi, e a outra, voltada para a Travessa Domingos Lacroix, que abriga desde 1944 a Biblioteca Municipal (SANTOS, 2008). Esses espaços, contemplados com pés direitos mais altos, tinham outro diferencial, as grandes esquadrias de ferro fechadas com cortinas metálicas vinda de Buenos Aires.



Figura 47 – Imagem da esquina da Rua Independência em direção a Rua Osvaldo Aranha. Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Nas fachadas laterais (Figura 48), localizam-se mais lojas, que se abriam diretamente para as vias públicas e para os pátios internos, seguindo a mesma tipologia adotada na fachada principal, com uma escala menor no centro e com volumes mais imponentes delimitando o final da edificação, seguindo a mesma volumetria das esquinas. Junto a essa parte final, encontra-se o acesso de serviço, delimitado por portões em ferro adornados, com duas folhas (Figura 49).



Figura 48 – Imagem da lateral da edificação.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.



Figura 49 – Imagem da lateral da edificação através do Travessa Domingos Lacroix.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Já na edificação estabelecida junto ao limite do terreno, sua fachada (Figura 50 e 51) é mais simples, sem muitos ornamentos, com uma escala bem menor do que a vista na edificação onde funcionava o comércio.



Figura 50 – Imagem da fachada interna da edificação estabelecida nos fundos do Mercado Público.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.



Figura 51 – Imagem da fachada externa voltada para a Travessa Domingos Lacroix da edificação estabelecida nos fundos do Mercado Público.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Nessa mesma edificação, existia uma caixa d'água, conhecida popularmente como a antiga hidráulica, que abastecia a cidade com água potável vinda do Rio Uruguai. A falta de informações precisas do período de sua existência fez com que as imagens fossem prova de sua existência. O período de sua construção acredita-se que seja após a inauguração do Mercado Público, entre 1910 a 1911, pois através da imagem abaixo (Figura 52) nota-se que a edificação já estava concluída

quando a caixa d'água foi instalada, e também, devido ao tipo de material utilizado na construção e inexistência de adornos na fachada.



Figura 52 – Imagem da caixa d'água instalada na lateral da edificação do Mercado Público, voltado para a Travessa domingos Lacroix.

Fonte: Cedido por Marco Aurélio Degrazia Barbosa, de seu arquivo pessoal.

Para complementar, sabe-se que em 1925 ainda existia a caixa d'água, pois como relata Santos (2008) , segundo o relatório feito pelo intendente, o Dr. Roque Degrazia neste ano, alguns reparos foram feitos no Mercado e também em algumas dependências do serviço de abastecimento de água, como pinturas e reparo na bomba de captação d'água. Através da imagem atual, conforme já vista na imagem 50, nota-se a inexistência desta caixa d'água, onde não se conclui o período de demolição devido a inexistência de informações .

Com o passar dos anos o prédio do Mercado sofreu algumas reformas, porém a mais significativa ocorreu em 1970, na qual algumas características importantes foram perdidas, dentre elas destaca-se—cobrimento dos pátios internos sendo transformados em compartimentos. A parte central, onde se localizavam as bancas, tinha uma ligação direta com a Rua das Carroças, na qual já foi aberta, como se nota ainda na imagem aérea de 1956 (Figura 53), e que atualmente se encontra totalmente fechada com parede de alvenaria, janelas basculantes e por uma porta de correr colocada. (Figura 54).

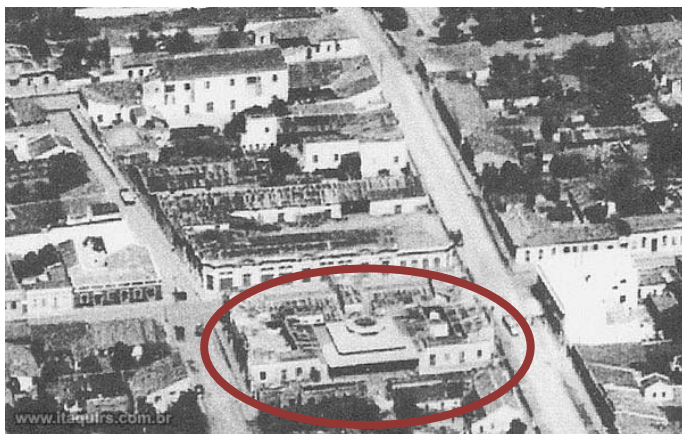


Figura 53 – Imagem aérea da cidade com destaque para o Mercado Público em 1956.
Fonte: <http://www.itaquirs.com.br/>



Figura 54 – Imagem atual do fechamento da área central, fundos do Mercado Público.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

O fechamento do comércio foi gradativo, sem data definida, mas certamente no início de 1990, pois através de pesquisa em jornais da época, encontraram-se publicações do ano de 1989, na qual pode ser vista através da figura 55, retirado do Jornal Nossa Época, revelam que ainda existia comércio nas bancas centrais internas do edifício.



Figura 55 – Imagem retirada do Jornal de circulação municipal de 1989, de um edital de moda, onde aos fundos aparece a banca periférica em funcionamento.
Fonte: Jornal Nossa Época, 26 de setembro de 1989.

Atualmente o Mercado encontra-se em total abandono, é utilizado como moradia e abriga ainda a Biblioteca Pública Municipal. Porém, várias iniciativas de restaurá-lo após seu fechamento foram feitas sem êxito, como mostra a figura 56 abaixo, que revela a reportagem feita em 1990, e em 2003, o mesmo foi alvo de concurso público, feito através do IAB RS, onde foi realizado um levantamento cadastral e histórico de toda a edificação.



Figura 56 – Reportagem sobre restauração do Mercado Público em 1990.
Fonte: Jornal Nossa Época, 02 de fevereiro de 1990.

3.2.3 Técnicas construtivas adotadas e seu estado atual de conservação⁴

A descrição dos sistemas construtivos, bem como os materiais utilizados e a análise do que foi modificado daquela época até hoje, tornando-se possível porque se teve o acesso à documentação daquele tempo da obra, em que o arquiteto Paschoal Minnoggio especificou minuciosamente as condições para a construção do prédio (Anexo E).

3.2.3.1 Fundações

As fundações foram propostas e executadas em pedras de arenito, erguidas até a altura horizontal do assoalho, assentadas com argamassa de cal e areia na proporção de 1:4, tendo cerca de 1 metro de profundidade e segundo o manual, tendo o cuidado para atingir solo mais compacto. Como acabamento, e para impermeabilizar os alicerces, foi proposta uma camada de cimento portland.

Estado atual: como não se teve acesso às fundações para uma análise, observou-se que, aparentemente, as mesmas não apresentam nenhum tipo de patologia visível e que possam comprometer a estrutura, estando em bom estado de conservação.

3.2.3.2 Alvenaria

As paredes foram propostas e executadas em tijolos queimados, assentados em argamassa formada por cal e areia. Algumas delas, com espessura maior, 30 cm, foram feitas com duas carreiras de tijolos, segundo o memorial. Isso na medida

⁴ Este item baseia-se no memorial descritivo da época da Construção do Mercado Público, assim utilizou-se da mesma grafia das medidas da época. Para conversão de medidas utiliza-se a referência de 1 pol = 2,54 cm, e 1ct = 0,20 g. Ct é a abreviatura de carat, palavra de origem inglesa que significa quilates.

em que foram erguidos os canos de esgotos, as chaves de ferros, os arcos de descargas eram colocados.

Os rebocos das paredes internas foram propostos e provavelmente feitos com argamassa de uma parte de cal em pasta e duas e meia de areia. Já nas paredes externas, seguiu-se a mesma proporção, porém foi acrescentado cimento junto à argamassa.

As pinturas das alvenarias nas partes internas, pátios e exterior eram caiadas e a última recebeu três demãos de tinta. Segundo o levantamento cadastral do IAB (2003), o prédio foi pintado diversas vezes de cores diferentes, seguindo nesta ordem, ocre, rosa, bege e azul.

Estado atual: em todas as salas, as quais se teve acesso, verificou-se que as paredes apresentam umidade ascendente, provinda do solo, já que a edificação encontra-se em uma área ribeirinha e sofre com a ação das cheias. Nos locais onde há goteiras, as paredes encontram-se com presença de limo e biofilme. O reboco apresenta empolamento e desprendimento em vários trechos, tanto internamente, como na figura 57, quanto externamente, como na figura 58.

Como o prédio está há muito tempo desativado e sem manutenção periódica, pode-se notar que nas fachadas quase não há mais pintura, isso permite observar as antigas, o que também pode ser constatado através da figura 59.



Figura 57 – Imagem atual do estado de conservação da parede interna.
Fonte: Arquivo pessoal, 2011.



Figura 58 – Imagem atual do estado de conservação da parede externa.
Fonte: Arquivo pessoal, 2011.



Figura 59 – Imagem atual do estado de conservação da parede externa, onde se pode visualizar as cores utilizadas.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

3.2.3.3 Sustentação

Verificou-se que abaixo de cada pilar foi prevista uma fundação feita com pedra especial de tamanho 50 cm x 50 cm x 40 cm. Nas esquinas foram especificadas chaves de ferros de diâmetro de 1 pol. (2,54 cm), para ligar as paredes. Na fachada foi proposta uma viga em perfil I de 0.2 ct para a formação da

cornija principal. Sobre os corpos salientes da entrada e das esquinas, foi colocada uma barra em perfil I de 0.16 ct para dar sustentação. Nas colunas redondas, foram previstos tirantes em I de 0.2 ct, sobre os pátios e nas galerias, sobre a rua das carroças, foram especificadas colunas de ferro de 0.1 ct de diâmetro para dar a sustentação necessária.

A estrutura interna central do prédio, foi feita em ferro do tipo duplo T unidos por esquadros de ferro e parafusos de cabeça, nas extremidades de cada coluna vertical foi colocada uma chapa de ferro como base das colunas. Os suportes de ferros foram parafusados nas colunas com esquadros de ferro com um desenho simples e, sobre toda esta estrutura, foi colocada uma claraboia de forma octogonal que proporciona iluminação zenital.

Estado Atual: apesar da falta de manutenção, a estrutura interna central apresenta estado regular de conservação e não mostra danos estruturais a olho nu, o que pode ser verificado por meio da figura 60. As cornijas e todos os adereços das fachadas apresentam poucos danos, mas que não comprometem sua sustentação (Figura 61).

As estruturas que estão mais comprometidas são aquelas feitas em madeira, pois há um processo avançado de apodrecimento devido à umidade descendente, vinda visivelmente pelas infiltrações do telhado e pela falta de manutenção contínua (pintura). Elas se encontram na parte interna, onde estão localizadas as bancas periféricas, espaço que foi construído posteriormente ao período da edificação, e não obedece ao mesmo cuidado da antiga construção. Neste local, muitos danos são visíveis e na galeria da rua das carroças também, porém se encontra em estado mais regular. (Figura 62 e 63).



Figura 60 – Imagem atual do estado de conservação da estrutura central do edifício.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.



Figura 61 – Imagem atual do estado de conservação dos elementos da fachada principal.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.



Figura 62 – Imagem atual do estado de conservação da estrutura de madeira das bancas periféricas da área central do edifício.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.



Figura 63 – Imagem atual do estado de conservação da estrutura de madeira na galeria junto a Rua das Carroças.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

3.2.3.4 Aberturas

As portas voltadas para a rua e para os pátios internos foram projetadas e possivelmente executadas em madeira do tipo cedro de 2 pol. em duas folhas bandeirolas de abrir, portaladas de pau ferro de 4 pol. x 6 pol., postigos de almofadas e de dobrar-se ao meio com molduras lisas. As portas internas têm 1 ½ pol. de espessura, uma folha almofadada com molduras lisas.

As janelas foram feitas de madeira do tipo cedro como as portas, em duas folhas de 1 ½ pol., portalada 4 pol. x 5 pol. de madeira de lei, com postigos de almofadados de dobrar-se ao meio. As janelas que dão para a cozinha são iguais às anteriores, só o que as difere é o postigo que é liso, e algumas que não possuem postigos, mas possuem grades de ferro pelo lado externo. As portas para banho, cozinhas e W.C. de vidraças são feitas com a mesma espessura e material das janelas, já a porta do depósito foi confeccionada em pinho com 1 pol. de espessura e travamento interno. Os vidros, que as constituem, foram colocados com pequenas molduras de sacar.

Nas vidraças da esquina, no mesmo período da execução, foram colocadas persianas metálicas automáticas de abrir e fechar, pelo lado interno da edificação, vindas de Buenos Aires, que permanecem até hoje (Figura 64 e 65).



Figura 64 – Imagem atual do estado de conservação da persiana metálica vinda de Buenos Aires.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.



Figura 65 – Detalhe da empresa que fabricou as persianas metálicas.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

O portão principal foi feito em ferro, constituído por duas folhas, desenhado pelo próprio arquiteto. Já os outros portões, com acesso à rua interna, são mais simples, feitos com o mesmo material. Mas, o utilizados pelos pedestres é constituído de ferros tipo L, e o que dá acesso às carroças é feito em T.

As pinturas das portas e janelas foram feitas com duas demãos de óleo e duas de tinta. As aberturas metálicas receberam uma demão de óxido de ferro e

depois duas demãos de tinta a óleo, já as persianas receberam três mãos de tinta a óleo. E os portões de ferro, além do óxido receberam duas demãos de tinta a óleo com toques de alumínio.

Estado atual: a maioria das portas, tanto internas como externas, ainda é original, observados pelo seu desenho. Quase todas, portas e janelas, apresentam um processo de apodrecimento devido à umidade e à falta de manutenção (pintura) como se pode observar na figura 66 e 67.



Figura 66 – Imagem atual do estado de conservação da abertura de madeira voltada para a área externa.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.



Figura 67 – Imagem atual do estado de conservação da abertura de madeira voltadas para a área externa.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Os portões de ferro que dão acesso à Rua das Carroças estão bastante degradados e corroídos, como pode ser visto através da figura 68, o que também se nota nas persianas metálicas que ficam nas esquinas, já vistas anteriormente na figura 64. Na parte central do edifício, onde está a cobertura metálica vinda da Europa, foi feito um fechamento posterior a época da construção, constituído de janelas basculantes e portas de correr em metal comum, com acabamento muito simples, o que a difere completamente do restante da estrutura.



Figura 68 – Imagem atual do estado de conservação do portão lateral que dá acesso a Rua das Carroças.

Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

3.2.3.5 Pisos e contrapisos

Observou-se que os locais que receberam mosaicos e cimento, foi previsto um contrapiso aplainado em terra e pedregulho, bem compactados, posteriormente seriam colocados cascalhos e tijolos, assentados com argamassa na mesma proporção das paredes. Nas esquinas, existiam mezaninos, onde o entrepiso era apoiado nas colunas de ferro. Sobre o mezanino foi colocado um tirante do mesmo material em perfil I de 0.24 ct , em cima dele eram apoiadas as linhas de madeiras

de 3 pol. x 7 pol., onde seriam pregados o piso superior de tábuas de pinho de 1 pol. x 3 pol. e por baixo, madeira de 1 pol. x 3 pol.

Nas entradas principais, o piso original era de ladrilho hidráulico, sendo que, segundo o levantamento cadastral do IAB (2003), o prédio passou por uma reforma, na década de 1970, e esses foram substituídos, em algumas dependências, por cerâmica vermelha retangular. Como acabamento do piso, no espaço que dá acesso à rua, e para vencer o desnível, foram colocados degraus em mármore branco do tipo Carrara Itália.

Nos pátios, galerias, cozinhas, banhos e W.C., os pisos foram feitos de cimento com juntas de argamassa de cal e areia. Em algumas peças, os pisos eram de tábuas, de 1 pol. x 3 pol., feitas de madeira do tipo pinho. Como acabamento das peças que receberam pisos de madeira, foi colocado um rodapé de pinho de 6 pol. x 1 pol. com moldura. Nas peças que tem acesso direto à rua, foram feitos degraus com acabamento em pedra lavrada a martelim e cantos arredondados.

Estado atual: através do levantamento cadastral, e da elaboração de mapa de danos da planta de piso junto ao apêndice B, o piso encontra-se bastante danificado e modificado. Os pisos originais, como o ladrilho hidráulico, ainda permanecem em poucos locais, como no compartimento que dá acesso à sala onde hoje funcionam os Serviços Urbanos, pode-se verificar por meio da figura 69. Nos pátios, os pisos originais foram substituídos, bem como na parte central do prédio.



Figura 69 – Detalhe do piso original, ladrilho hidráulico.
Fonte: Arquivo pessoal, 2011.

Os pisos de madeira ainda são encontrados em alguns compartimentos e se apresentam bastante degradados, devido a falta de manutenção e a umidade existente nos espaços.

Já os degraus, que ficam voltados para a rua, onde antigamente eram revestidos de mármore, foram substituídos por peças de granitinas ou não apresentam nenhum revestimento, e os que ainda permanecem apresentam danos como rachaduras e quebras, podendo-se ver através da figura 70.

O piso colocado junto ao setor de apoio, ao final da edificação, encontra-se bastante danificado e possui recalques e desalinhamento das peças de arenito que compõem.



Figura 70 – Detalhe dos degraus hoje em granitina.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

3.2.3.6 Forros

Os forros foram feitos em madeira de ½ pol. com moldura ao redor das paredes com espessura de 0.2 ct.

Estado atual: ainda restam alguns forros originais da época, em madeira, porém apresentam muitos problemas, como o apodrecimento devido às várias goteiras existentes no prédio, que podem ser verificadas através das figuras 71 e 72, e, em alguns espaços sua inexistência é visível, com na área de entrada principal da edificação (Figura 73). Em algumas peças, o forro de madeira foi substituído por

forros do tipo pacote, como no pátio lateral, isso se pode notar mais detalhadamente através do mapa de danos do forro junto ao Apêndice C.



Figura 71 – Detalhe do forro ainda original de madeira.
Fonte: Arquivo pessoal, 2011.



Figura 72 – Detalhe do forro de madeira com infiltrações.
Fonte: Arquivo pessoal, 2011.



Figura 73 – Imagem do acesso principal sem a presença de forro.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

3.2.3.7 Cobertura

A cobertura na edificação de alvenaria e na galeria está apoiada em terço e caibros de madeira, cobertas com tijoletas caiadas com juntas de argamassa de cal e areia, depois foram colocadas ripas duplas de madeira e nelas fixadas a cobertura de zinco, com um espaço de 5 cm para a circulação do ar, isso serve para dar conforto térmico à edificação. Na parte central, junto à armação de ferro, foram colocadas linhas de madeira de pinho e juntamente com a estrutura metálica foi feita uma claraboia, que levou vidros de 5 mm de espessura.

Estado atual: existem muitas goteiras em todo o prédio, prejudicando toda a estrutura e os materiais utilizados internamente. Na galeria, como se pode ver na figura 74, não há forro, nota-se que as madeiras que compõem o telhado estão bem prejudicadas, quase todas apresentam processo de apodrecimento. O que ainda está em estado regular de conservação é a claraboia, mesmo com vidros quebrados e faltantes, não exhibe nenhum problema perceptível a olho nu, apesar da falta de manutenção, como se vê na figura 75.



Figura 74 – Detalhe cobertura junto a galeria.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.



Figura 75 – Detalhe da clara-boa metálica encontrada na parte central do edifício.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

3.2.3.8 Rua das Carroças (Rua interna)

Nesta rua foram previstas sarjetas de um metro de largura, feitas com pedras aplainadas e pedregulhos.

Estado atual: a rua hoje é constituída de paralelepípedos feitos de pedra arenito, sem sequer haver vestígios de sarjetas. Ela serve atualmente de depósito de lixo e entulho, e em precário estado de conservação, como se pode verificar através da figura 76 a seguir.



Figura 76 – Imagem da Rua das Carroças.
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

3.2.3.9 Bancas

Antigamente as bancas centrais tinham acabamento com tampo em mármore do tipo Carrara Itália, onde eram suportados por ferros de perfil L. Nas outras bancas existem colunas em ferro, em perfil I e na parte superior são fixados horizontalmente um ferro em perfil I.

Estado atual: as bancas, que antigamente eram revestidas com tampos de mármore do tipo Carrara deram lugar às granitinas.

As paredes posteriores às bancas, e as muretas que as delimitam, são revestidas com azulejos brancos e apresentam descolamento, muitas estão deprecadas (Figura 77). Através do manual construtivo, conclui-se que foram posteriormente colocados, não tendo data precisa de colocação.



Figura 77 – Imagem interna da área central do Mercado, mostrando as bancas.
Fonte: arquivo pessoal, 2012.

Conclui-se assim, que apesar da época em que foi construído, o arquiteto teve uma grande preocupação com o conforto térmico e com a salubridade do local, onde internamente, através da estrutura metálica e dos pátios que eram descobertos, posteriormente fechados, permitia-se uma ventilação cruzada, e, além disso, todos os materiais utilizados foram de boa qualidade e buscavam sempre um bom acabamento.

3.3 Mapa de danos

Através das informações obtidas por meio do levantamento métrico, foram elaborados os mapas de danos correspondentes a cada fachada da edificação do Mercado Público e apresentados no Apêndice D do trabalho.

Assim, através deles pode-se relatar individualmente o estado atual de cada fachada como se verifica a seguir, baseados nas análises elaborado por Queruz (2012).

3.3.1 Mapa de danos elevação sul (conferir prancha com processos de degradação – apêndice D, prancha 1/5)

- Elementos em metal - o portão em ferro, principal e de acesso ao conjunto, apresenta-se em estado avançado de degradação. A porção inferior do mesmo, mais suscetível a umidade e mesmo a ação de agentes agressivos, como urina, possui mais perda de espessura por ação da oxidação, sendo que no encontro com o marco, algumas partes do mesmo estão completamente perdidas. Junto às esquinas, nas salas de número 03 e 10, as janelas de enrolar, de origem argentina, já citadas anteriormente, estão em estado precário de conservação, com oxidação decorrente da ação de intemperismo prolongado sem proteção adequada. Na janela da sala 03, houve substituição de parte da cortina, a metade superior aparentemente se manteve, enquanto que a metade inferior foi substituída.
- Alvenarias – trata-se de grande parte da elevação em questão. A técnica construtiva é de alvenaria de pedra (fundação) e de tijolos maciços rebocados com argamassa de cal e areia, e eventualmente cal, cimento e areia. Já os trabalhos de ornamentação foram realizados em moldes com a chamada Terra Romana. Como o estado de conservação da elevação é precário, percebe-se o início da desagregação granular da argamassa de reboco, praticamente sistemática nas empenas.
 - Praticamente toda a elevação possui, em maior ou menor escala, biofilme (fungos, algas ou bactérias) disperso, principalmente na platibanda e nos 2 terços inferiores da elevação. Pode-se perceber também que a pintura resiste em poucas partes da elevação, o que, como dito, expõe as argamassas a ações derivadas de intemperismo, como chuva e umidade, de maneira geral. Nas porções em que há pintura, por vezes ela é resultado de propagandas colocadas na elevação ou ainda ação pontual de algum dos moradores do local e são, indistintamente, inadequadas.
 - Entre as duas portas externas da sala 11 há uma fissura, que surge acima da pilastra e se estende até a platibanda. As razões para o

surgimento dessa patologia são incertas, mas o alinhamento não difere muito da altura da estrutura da cobertura do compartimento, o que pode indicar uma acomodação externa a partir de um esforço surgido no telhado. Também pode ter havido uma acomodação pontual de alguma parte da fundação. Assim, cabe avaliar com mais afinco a situação, inclusive para saber se a fissura está estável e se não há deslocamento no alinhamento da mesma. O mesmo tipo de fissura existe também acima da pilastra existente entre as 2 portas da sala 12.

- As empenas rebocadas dessa elevação estão em estado precário de conservação, sendo que em diversos pontos há perda de espessura de reboco por desagregação da argamassa ou descolamentos pontuais. Há descolamentos de reboco em áreas maiores próximo ao acesso central (nas pilastras principais), próximo a altura do soco. Pode-se perceber também nestes pontos mapeamento dos rebocos (no trecho da fachada correspondente a sala 2 e 10), possivelmente derivados da fragilização das argamassas e comportamento diferenciado do substrato, exposto a umidade.
- A situação de desagregação das argamassas também é avançada nos elementos de massa, as ornamentações da elevação. Em relação a elas, preocupa especialmente o elemento repetitivo das platibandas, em formato de estrela (balaustrada). Como são elementos vazados, e de pequena espessura, sua integridade está bastante comprometida. As razões para tanto giram em torno da falta de manutenção e ação do intemperismo.
- Pode-se perceber ainda que há diversos locais de colocação de suportes para recebimento de energia elétrica, telefonia e mesmo a colocação de uma antena na elevação. Esses elementos foram chumbados à parede e trata-se de intervenções indevidas, sem respeito ao projeto inicial.
- Percebe-se também que em algumas soleiras de acesso às salas (01e 02 e compartimento 03), houve a colocação de acabamento em granitina, assim como em outras partes do mercado (escadaria de acesso a Rua das Carroças).

- Elementos em madeira e vidro – trata-se novamente das portas e janelas. Em memorial, foram propostas aberturas em pau ferro, cedro e pinho (elementos internos). Destaca-se que são 10 portas projetadas de forma igual (compartimentos 03 e 22 e salas 01, 02, 11 e 12), além das portas de esquina (salas 03 e 10). Caracterizam-se por serem de 2 folhas, com parte superior em vidro e postigos internamente, além de bandeira na parte superior. Estão muito danificadas, todas, e principalmente na porção inferior, possivelmente por ação prolongada de umidade combinada com biofilme (fungos e bactérias) e ainda a falta de manutenção preventiva (pintura). Pode-se perceber a tentativa dos moradores (que habitam as salas internas) em tentar reformá-las, através da adição de outros elementos, como tábuas e metais. As fechaduras inexistem ou foram substituídas, em geral, e o que se percebe é a perfuração de algumas aberturas para instalação de correntes com cadeados. Há a ausência de vidros em diversas aberturas, e mesmo falta de partes dos baguetes de fixação dos mesmos. Os elementos de fixação das portas aos marcos, em metal, também possuem danos severos, e vários foram substituídos. Em uma das portas foi feita a inserção de um condicionador de ar, próximo ao piso, que ainda foi apoiado com tijolos. Os danos aos elementos de madeira, portanto, possivelmente gerem a inutilização de partes de diversas portas. As poucas vidraças ainda intactas apresentam grande risco de dano, pois estão mal apoiadas ou pintadas junto com o resto da abertura (bandeiras). Percebe-se também uma profusão de placas e anúncios fixados nas portas, com pregos e parafusos, em razão da venda que existe em uma das salas, e que prejudicam a leitura do conjunto.
- Espécies vegetais existentes no alinhamento – pelo que se pode notar em rápida análise, não há prejuízo à existência ou permanência das árvores plantadas no passeio público. A exceção se faz apenas ao aumento da quantidade de biofilme na parte da elevação que possui uma espécie já com porte considerável, e a quebra leitura da elevação como um todo. Sugere-se apenas o manejo com poda adequada, monitoramento de raízes e coleta de folhas em épocas condizentes.

3.3.2 Mapa de danos elevação leste (conferir prancha com processos de degradação – apêndice D, prancha 2/5)

- Elementos em metal – os gradis e portões em ferro da elevação leste apresentam-se em estado avançado de degradação. Os gradis (em número de 2) aparentemente possuem oxidação superficial e pequenas partes faltantes. O portão para acesso de pedestres a antiga Rua das Carroças está com a parte superior em bom estado, porém junto ao piso a chapa utilizada está oxidada e com perda de material. O portão de acesso veicular à rua das Carroças possui parte de sua ferragem faltante ou retorcida. Percebe-se também o avançado estado de degradação da parte inferior deste mesmo portão, com oxidação generalizada inclusive de chapas que aparentemente foram soldadas *a posteriori* no local, possivelmente para repor alguma peça faltante ou ainda para reduzir o vão existente em relação ao piso. Já a porta utilizada no compartimento de serviço (compartimento 34), a norte da Rua das Carroças, aparentemente foi instalada em algum momento posterior, pois trata-se de mescla de alumínio, ferro e vidro, em padrão inexistente no resto do conjunto, portanto não apresenta valor histórico ou testemunhal. Do lado oposto da elevação, a janela de enrolar, de origem argentina (inscrição “*L. MASTRAZI E CIA– 589 LAS HERAS 591 – B. AIRES*”), aparentemente original do conjunto, está em estado precário de conservação, com oxidação decorrente da ação de intemperismo prolongado sem proteção por tinta. O estado de conservação do mecanismo da janela de enrolar também é ruim, não é funcional, possivelmente por falta de manutenção.
- Alvenarias – trata-se de grande parte da elevação em questão. A técnica construtiva é de alvenaria de pedra (fundação e soco) e de tijolos maciços rebocados com argamassa de cal e areia, e eventualmente cal, cimento e areia. Já os trabalhos de ornamentação foram realizados em moldes com a chamada Terra Romana.
 - Como o estado de conservação da elevação é precário, notadamente pela falta de pintura e propagação de fungos/algas/bactérias e mesmo pequenos vegetais, percebe-se o início da desagregação granular da

argamassa de reboco, praticamente sistemática nas empenas. Nas porções mais baixas das alvenarias, percebe-se uma desagregação mais ostensiva dos rebocos. As razões que envolvem tal desagregação da porção inferior parecem estar relacionadas à presença de umidade ascendente nas paredes. A possível alteração de pisos internos (com retirada do assoalho e colocação de pisos frios, com possível enchimento de vãos) pode ter contribuído para elevação da umidade nas paredes. Também parece ter contribuído para a existência de umidade ascendente o método proposto pelo arquiteto construtor para isolar as fundações da supraestrutura (camada de argamassa de cimento e areia), pois o cimento é poroso e permite a passagem de água.

- Há pontos em que, por ação de choque (quinas dos portões de acesso a Rua das Carroças, por exemplo), houve perda de material, que algumas vezes ultrapassou a espessura da argamassa e chegou a estrutura da parede. Possivelmente estes choques sejam oriundos da passagem de veículos pelo local.
- Em outros locais, pode-se perceber uma série de ações indevidas e descuidadas, como no caso da instalação de um medidor de água potável que quebrou a base de uma pilastra, instalações de entrada de energia elétrica ou ainda placas de sinalização de serviços que ocorriam no interior do prédio, sendo que todas elas geraram danos pontuais a leitura do conjunto.
- Apesar de não aparecerem, as vergas de portas, janelas e de corpos em balanço tiveram sua sustentação proposta com vigas de ferro (perfil I), e, portanto deve ser observada caso a caso a existência pormenorizada de sinais de oxidação junto às argamassas, o que pode indicar um processo interno avançado de degradação, e conseqüentemente, de expansão e ruptura das argamassas envoltórias. A oxidação destes elementos está associada, geralmente, a despassivação do envoltório das peças metálicas em presença de umidade e ar.
- Em relação aos elementos em massa que caracterizam a ornamentação da elevação, de forma geral, encontram-se em estado

regular, semelhante ao resto da elevação. Pode-se perceber, porém, que acima da verga da janela da Sala 07 houve o desprendimento de parte da ornamentação.

- Há pontos em que se percebe a tentativa de correção de degradação das alvenarias através na nova aplicação de rebocos. Aparentemente, tais intervenções foram realizadas com argamassas a base de cimento, sem cal, o que deve gerar comportamentos diferenciados em relação às de cal.
- Elementos em madeira e vidro – trata-se especificamente das portas e janelas. Em memorial, foram propostas aberturas em pau ferro, cedro e pinho (elementos internos). Caracterizam-se por serem de 2 folhas, com parte superior em vidro e postigos internamente. Algumas vidraças estão quebradas ou faltantes, e os elementos em madeira receberam algumas adições (remendos) ou alterações de layout, deterioradas por ação de intemperismo prolongado sem ações de manutenção, o que acaba por expor a madeira a umidade e raios solares, danosos à madeira. Também se percebe apodrecimento de partes próximas ao piso, fenômeno que está relacionado à existência de umidade, associada novamente a falta de pintura. Como a fixação dos vidros às esquadrias se dá através de massas, externamente, percebe-se que o intemperismo causou o ressecamento das mesmas em várias vidraças antigas. Percebem-se, ainda, vidros de bandeiras que foram indevidamente pintados, devido aos usos que tais espaços assumiram (dormitórios), mas que prejudicam a leitura do conjunto.

3.3.3 Mapa de danos elevação oeste (conferir prancha com processos de degradação – apêndice D, prancha 3/5)

- Elementos em metal – os gradis e portões em ferro da elevação oeste apresentam-se em estado precário de conservação. Os gradis (em numero de 3) aparentemente possuem oxidação superficial e pequenas partes faltantes. O portão para acesso de pedestres na antiga Rua das Carroças

está com a parte superior em bom estado, porém junto ao piso a chapa utilizada está muito oxidada e com pequenas perdas de material. O portão de acesso veicular a Rua das Carroças possui parte de sua ferragem faltante ou retorcida. Percebe-se também o avançado estado de degradação da parte inferior deste mesmo portão, com oxidação generalizada. A janela metálica de enrolar localizada na sala 3 segue o padrão das elevações leste e sul, de origem argentina, e está em estado precário de conservação, com oxidação decorrente da ação de intemperismo prolongado sem proteção por tinta. O mecanismo de funcionamento desta janela também está comprometido, pelo uso ao longo do tempo associado à falta de manutenção adequada. Todas as peças em metal utilizadas nesta elevação parecem ser idênticas as da elevação leste, o que pode permitir estabelecer comparações, verificar partes faltantes e mesmo auxiliar no processo de restauro.

- Alvenarias – trata-se da maior parte da elevação. A técnica construtiva segue o já descrito anteriormente, tanto com alvenarias de pedra como de tijolos, e argamassas de reboco, externamente, de cal, cimento e areia (1 : ¼ : 2 ½). Já os trabalhos de ornamentação foram realizados em moldes com a chamada Terra Romana.
 - Como o estado de conservação da elevação é precário, notadamente pela falta de pintura e propagação de fungos/algas/bactérias e mesmo pequenos vegetais, percebe-se o início da desagregação granular da argamassa de reboco, principalmente na porção inferior da elevação, na altura correspondente ao soco da edificação. Conjuntamente a essa desagregação da argamassa, ocorre o mapeamento das camadas ainda resistentes de reboco.
 - Ainda na porção inferior da elevação pode-se perceber também a ausência de reboco em áreas consideráveis, possivelmente decorrentes de desagregação da argamassa empregada ou, ainda, falta de aderência da mesma ao substrato. Como esses problemas estão mais próximos ao solo, é provável que as causas desses desprendimentos esteja relacionada a umidade ascendente. Vale observar que, apesar dos compartimentos voltados para esta elevação (salas 3, 4, 5 e 6 e compartimento 7), e estarem acima da cota do piso,

foram utilizados pisos de ladrilho hidráulico e de parquet, o que indica um preenchimento de toda a altura entre o nível da calçada e o nível do piso interno, possivelmente com entulho ou terra. Como o parquet não pertencia à proposta inicial do mercado pode-se afirmar que sua utilização remonta a uma época mais recente. Em compensação, não há como afirmar de que época são as peças de ladrilho existentes nas salas 3 e 4, e no compartimento 7. Portanto, é possível que o preenchimento para uso de parquet seja posterior à gênese do edifício e tenha contribuído para a presença de umidade ascendente na altura correspondente ao soco.

- Nesta elevação, também por ação de choque (quinas dos portões de acesso a Rua das Carroças), houve perda de material, que algumas vezes ultrapassou a espessura da argamassa e chegou à estrutura da parede. A razão desses choques possivelmente foi a imperícia dos motoristas que acessavam a rua para cargas e descargas.
- Em alguns locais, pode-se perceber uma série de ações indevidas, como as instalações de energia elétrica/ telefonia, sendo que todas elas geraram danos pontuais a leitura do conjunto.
- Apesar de não aparecerem, as vergas de portas, janelas e de corpos em balanço tiveram sua sustentação proposta com vigas de ferro (perfil I) e, portanto, deve ser observada caso a caso a existência pormenorizada de sinais de oxidação junto às argamassas, o que pode indicar um processo interno avançado de degradação, e conseqüentemente, de expansão e ruptura das argamassas envoltórias. A porosidade excessiva ou trincas das argamassas são razões que geralmente tornam as peças metálicas instáveis e suscetíveis à oxidação, portanto seu surgimento está relacionado a falta de manutenção preventiva das argamassas.
- Em relação aos elementos em massa que caracterizam a ornamentação da elevação, de forma geral, encontram-se em estado regular, semelhante ao resto da elevação. Os problemas mais sérios percebidos em relação a isto são as peças em formato de estrela que compõem a balaustrada da platibanda e os frisos imediatamente inferiores. As primeiras são esbeltas e estão danificadas pela ação de

intemperismo prolongado, enquanto que as últimas recebem o escoamento laminar de água da elevação.

- Elementos em madeira e vidro – trata-se especificamente das portas e janelas. Em memorial, foram propostas aberturas em pau ferro, cedro e pinho (elementos internos). Tanto portas quanto janelas em madeira caracterizam-se por serem de 2 folhas, com parte superior em vidro e postigos internamente. As janelas aqui citadas possuem peitoril baixo, sendo que a proteção se faz através dos gradis em ferro citados anteriormente. Algumas vidraças das aberturas estão quebradas ou faltantes, e os elementos em madeira receberam algumas adições (remendos), alterações de layout ou estão com partes faltantes, e estão em geral deterioradas por ação de intemperismo prolongado sem ações de manutenção, o que acaba por expor a madeira a umidade e raios solares, danosos à madeira. Há algumas janelas que possivelmente se terá perdas por apodrecimento e degeneração.
- Espécies vegetais existentes no alinhamento – pelo que se pode perceber, as copas das espécies existentes no passeio público têm prejudicado as argamassas de reboco e trabalhos em massa desta elevação. Os danos, além da fricção de galhos e folhas sobre a elevação, se dão também através da facilitação a ação do biofilme, que deixa de receber a ação do sol. Sugere-se o manejo com poda adequada, monitoramento de raízes e coleta de folhas em épocas condizentes.

3.3.4 Mapa de danos elevação norte interna (conferir prancha com processos de degradação – apêndice D, prancha 4/5)

Em relação a esta elevação, é necessário considerar que houve uma série de alterações ao longo da história do mercado. As principais que podem ser percebidas nesta elevação são o fechamento lateral do espaço do pátio coberto com uma estrutura em metal e vidro, a criação de um muro de separação entre a passagem de pedestres e de veículos até o pátio central 9 na rua interna), e a criação de compartimentos sobre a antiga passagem de pedestre ao pátio central

(compartimentos 13 e 14). Ainda, foram criadas aberturas distintas das inicialmente presentes no edifício, e outras foram substituídas por outras, de baixa qualidade. Assim, a visão que se observa desta elevação hoje é disforme e comprometida.

- Elementos em metal e vidro– consideradas nesta análise a estrutura de fechamento do pátio central e as básculas e respectivas grades. Serão desconsideradas as venezianas, estrutura metálica e telhado visíveis, pois para a cobertura há análise específica. O estado de conservação das peças indicadas, em geral, é precário. De qualquer forma, as janelas basculantes e suas grades possuem oxidação superficial, derivada da falta de manutenção. A porta em chapa metálica de acesso ao pátio central está bastante oxidada, possivelmente por ação de intemperismo ou agentes agressivos. Além disso, essa porta foi deslocada de seu local de origem, e aparentemente seu mecanismo está avariado. As vidraças desses elementos estão bastante avariadas e grande parte faltante ou quebrada. Vale observar que nenhum destes elementos analisados faz parte do projeto original, são todos elementos adicionados *a posteriori*.

- Alvenarias – são percebidas alvenaria de pedras abaixo do nível do piso do pátio central do mercado, na doca que se forma com a rua interna. Diferentemente do resto do mercado, tais pedras ficam aparentes. Já as alvenarias de tijolos são possivelmente de 3 momentos distintos: as feitas no primeiro momento, com o corpo principal do mercado, uma segunda, em que se separa a passagem aberta peatonal da para veículos, e outra parede ainda, que foi usada para fechar a passagem, e conformar os compartimentos 13 e 14. Como se trata de uma elevação “de serviço” pode-se perceber uma simplificação considerável na quantidade de ornamentos.
 - Percebe-se propagação de biofilme e toda a elevação sofre com a falta de pintura, que poderia ter protelado certos processos de degradação. Assim, percebe-se o início da desagregação granular das argamassas de reboco que foram feitas no primeiro momento do edifício. Conjuntamente a esta desagregação da argamassa, ocorre o mapeamento das camadas ainda resistentes de reboco. O biofilme surge em áreas pouco expostas a sol ou muito expostas a umidade, sendo que esta última para ser a causa de surgimento da camada de

algas, fungos e bactérias. A ausência de pintura também permite que a umidade penetre com mais facilidade nas empenas, o que favorece a desagregação e mesmo a presença de micro-organismos.

- Na porção mais a oeste desta elevação, junto a Rua Independência, na parte superior, percebe-se uma fenda vertical, possivelmente por falha na amarração superior entre as empenas de paredes. Como a indicação em memorial especificava a colocação de grampos e mesmo vigas metálicas na amarração entre as paredes, pode-se considerar também a possibilidade de falência deste recurso, ou o fato de não ter sido executado. Já no trecho de parede existente acima das divisórias nos compartimentos 11 e 13 também se verifica uma fissura vertical. Como foram feitos acréscimos justamente neste ponto, é possível que este dano esteja relacionado a uma alteração na estabilidade na base desta parede. Ainda, percebem-se fissuras horizontais nesta mesma empena anterior. As razões para esse tipo de fissura normalmente estão associadas a dilatações de elementos com consequente deslocamento, porém não há como identificar, sem retirar o telhado e analisar o apoio das tesouras/terças com mais cuidado, as razões detalhadamente.
- Em outros locais, podem-se perceber ações indevidas, como as instalações de cabos e antenas de telefonia, sendo que todas elas geraram danos pontuais à leitura do conjunto.
- Em relação aos poucos elementos em massa que há na elevação, pequenos frisos estão se descolando da parede, sendo que em alguns pontos já foram perdidos. Como esses descolamentos em geral provém de falta de aderência entre o elemento e seu substrato deve-se verificar também a situação dos demais pontos em que o friso ainda se encontra aderido.
- Como já referido, há acréscimos datados de épocas posteriores nesta elevação. Convém verificar o tipo de argamassa que foi utilizado nestas intervenções, sua forma de fundação e mesmo a extensão da reforma realizada naquele momento.

- Elementos em madeira e vidro – trata-se especificamente de portas e janelas existentes nos pátios laterais.
 - As aberturas que estão localizadas no que se convencionou chamar de pátio lateral 1, voltado a rua Independência, foram modificadas ao que se presume fossem as originais, substituídas por janelas em ferro, tipo cantoneiras, compondo basculantes com vedações em vidro. Essas possuem algumas vidraças quebradas e os metais oxidados em parte. Percebe-se alteração do padrão do vão, com marcas salientes apesar do reboco e pintura (já desgastada).
 - As aberturas voltadas para o chamado pátio lateral 2 (voltado para a Travessa Domingos Lacroix) estão em mau estado de conservação. Em parte (uma porta e uma das janelas) estão em estado de ruína, apodrecidas e com vários montantes faltantes, porém uma das janelas foi substituída por outra, mais nova, e composta de veneziana.

- Espécies vegetais – percebe-se a profusão de espécies gramíneas ao longo da rua interna, que é calçada com paralelepípedos regulares. Há também alguns arbustos, que cresceram espontaneamente no local. Junto ao pátio lateral 2 há algumas espécies arbóreas plantadas de forma irregular, sobre o que seria a passagem peatonal, aparentemente também nascidas de forma espontânea. Tais espécies não possuem covas preparadas ou estudo de implantação, além de seu crescimento poder representar possibilidades de danos ao conjunto edificado.

Dessa maneira observou-se que o estado atual da edificação encontra-se bastante danificada, porém em estado regular. Muitos dos processos de degradação do conjunto possuem causas derivadas de falta de manutenção preventiva, como se pode perceber pela presença ostensiva de biofilme e desagregação das argamassas nas superfícies das elevações, ou ainda pela umidade descendente gerada por danos nas calhas ou sistemas de recolhimento de águas pluviais.

Por fim, como forma mais visível para analisar essas informações coletadas, foram feitos gráficos para verificar a proporção da incidência de cada patologia encontrada nas fachadas, apresentados no item a seguir.

3.4 Análise da incidência de manifestações patológicas das fachadas do Mercado Público de Itaquí

A análise da incidência de manifestações patológicas complementa e facilita a compreensão sobre o tema, elaborados através dos resultados encontrados a partir dos mapas de danos das fachadas do Mercado em questão, foram analisados de forma descritiva, ou seja, através de uma leitura mais direta dos dados e estão apresentados nos gráficos a seguir.

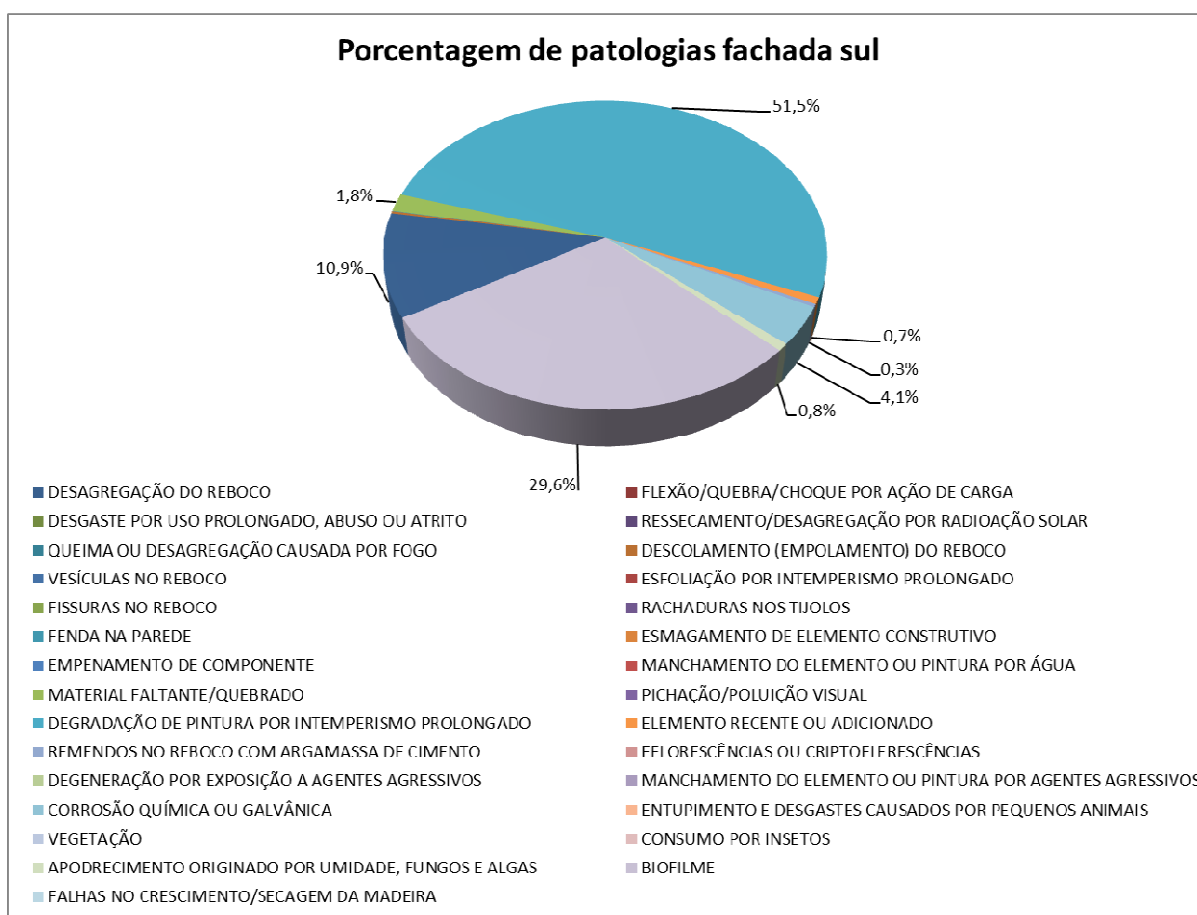


Figura 78 – Gráfico com a incidência de patologia na fachada sul.
Fonte: A autora, 2013.

A figura 78 mostra a relação de patologias encontrada na Fachada principal da edificação, a Sul. Têm-se, nessa fachada, manifestações patológicas mais

significativas, a degradação de pintura por intemperismo prolongado, representando 51,5% (200, 50 m²), Biofilme com 29,6% (115,349 m²), Degradação do reboco com 10,9% (42,518 m²) e Corrosão química ou galvânica com 4,1% (15,86 m²) sendo as demais totalizando 3,9%. Nota-se que as principais manifestações patológicas encontradas, ocorrem fundamentalmente pela falta de manutenção periódica, e encontram-se presente em toda a extensão da fachada, conforme se verifica através do mapa de danos 01 junto ao apêndice D. Já a presença de Biofilme, concentra-se mais na parte superior, junto do coroamento da edificação, e a corrosão química ou galvânica incide totalmente no portão de acesso principal ao Mercado.

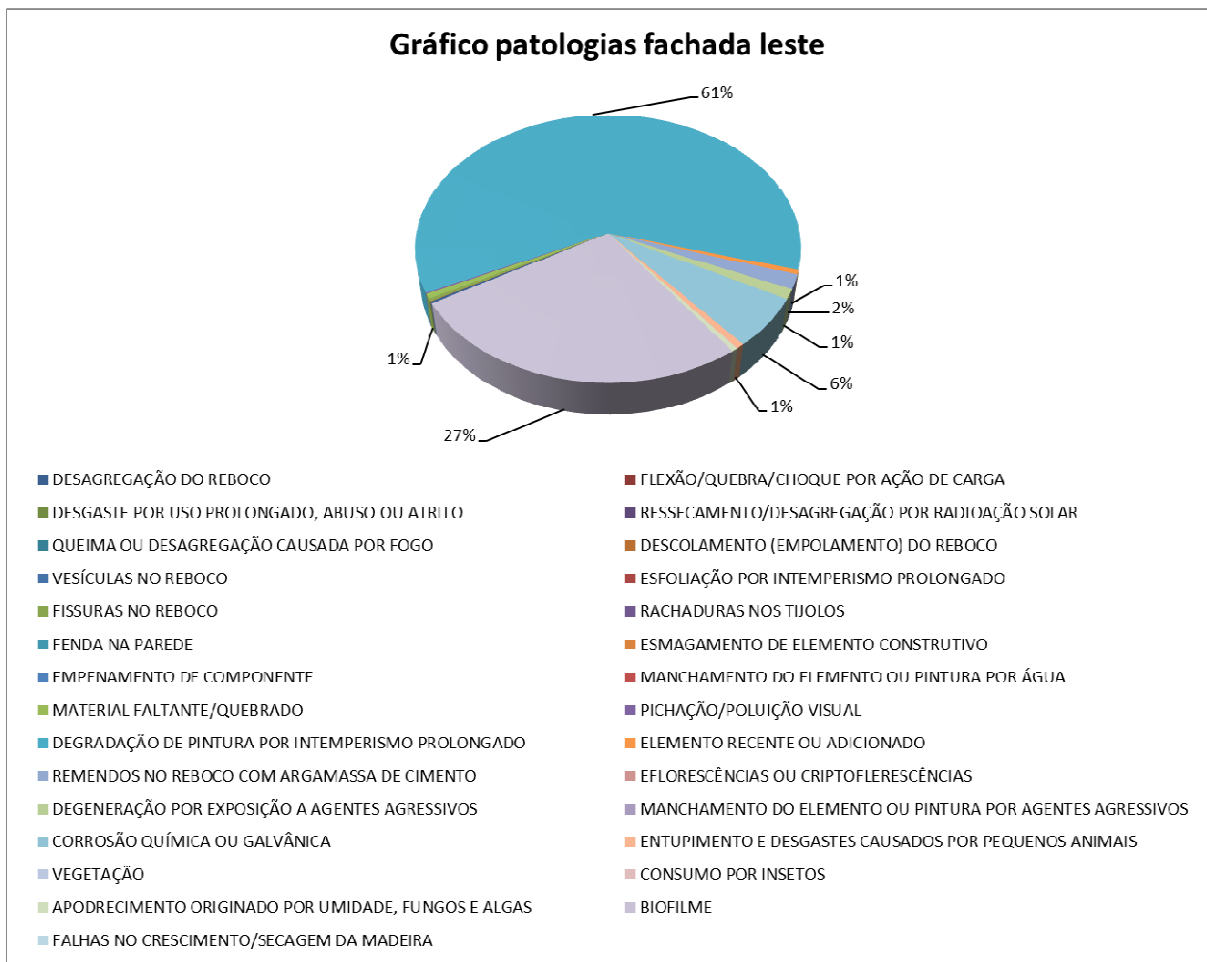


Figura 79 – Gráfico com a incidência de patologia na fachada leste.
 Fonte: A autora, 2013.

Na figura 79 verificam-se as manifestações patológicas na fachada leste. As que mais incidem são: Degradação de pintura por intemperismo prolongado, representando 61% (190,162 m²), Biofilme com 27% (82,665 m²) e Corrosão química ou galvânica com 6% (18,85 m²), sendo as outras totalizando 6%. Nesse caso, em comparação com a fachada anterior, percebe-se uma maior incidência de corrosão química ou galvânica devido a presença de material metálico, representado aqui pelos portões de acesso de serviço, guarda-corpos e cortina metálica encontrada na esquina.

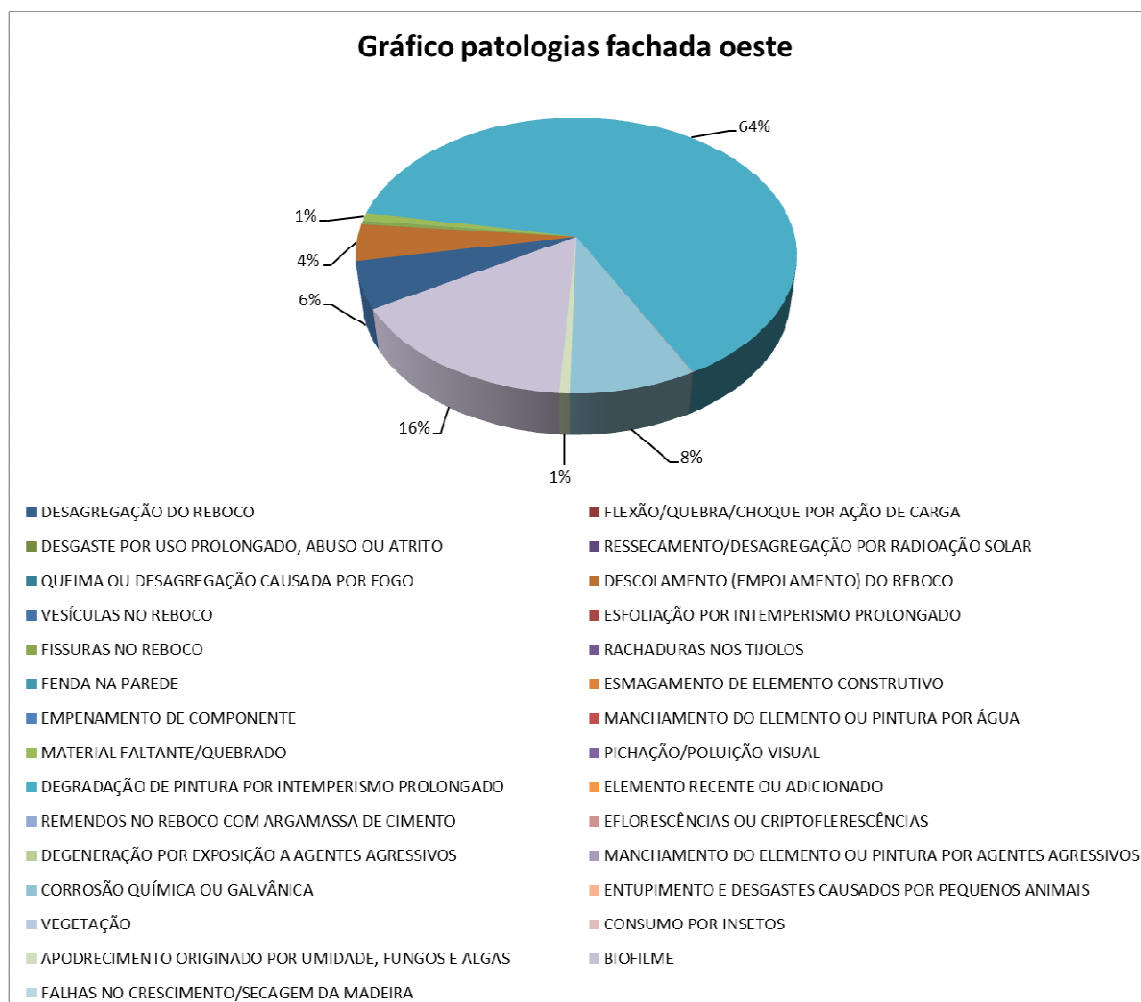


Figura 80 – Gráfico com a incidência de patologia na fachada oeste.
Fonte: A autora, 2013.

A figura 80 apresenta as patologias da Fachada Oeste, constatando que, a degradação de pintura por intemperismo prolongado apresenta aqui 64% (189,42 m²), o Biofilme, 16% (45,9165 m²), já a corrosão química ou galvânica, 8% (23,8 m²), a Desagregação do reboco, 6% (16,2653 m²), e o deslocamento (empolamento) do reboco incide 4% (12,46 m²). Dessa maneira, nota-se que, as patologias verificadas, são as mesmas encontradas nos gráficos anteriores com valores de incidência diferentes, e todas elas devido ao mesmo fator, a falta de manutenção periódica. Mas, cabe aqui salientar, que a porcentagem de Biofilme nessa fachada é menor, devido a localização em relação a posição solar, sendo nesse caso mais favorável.

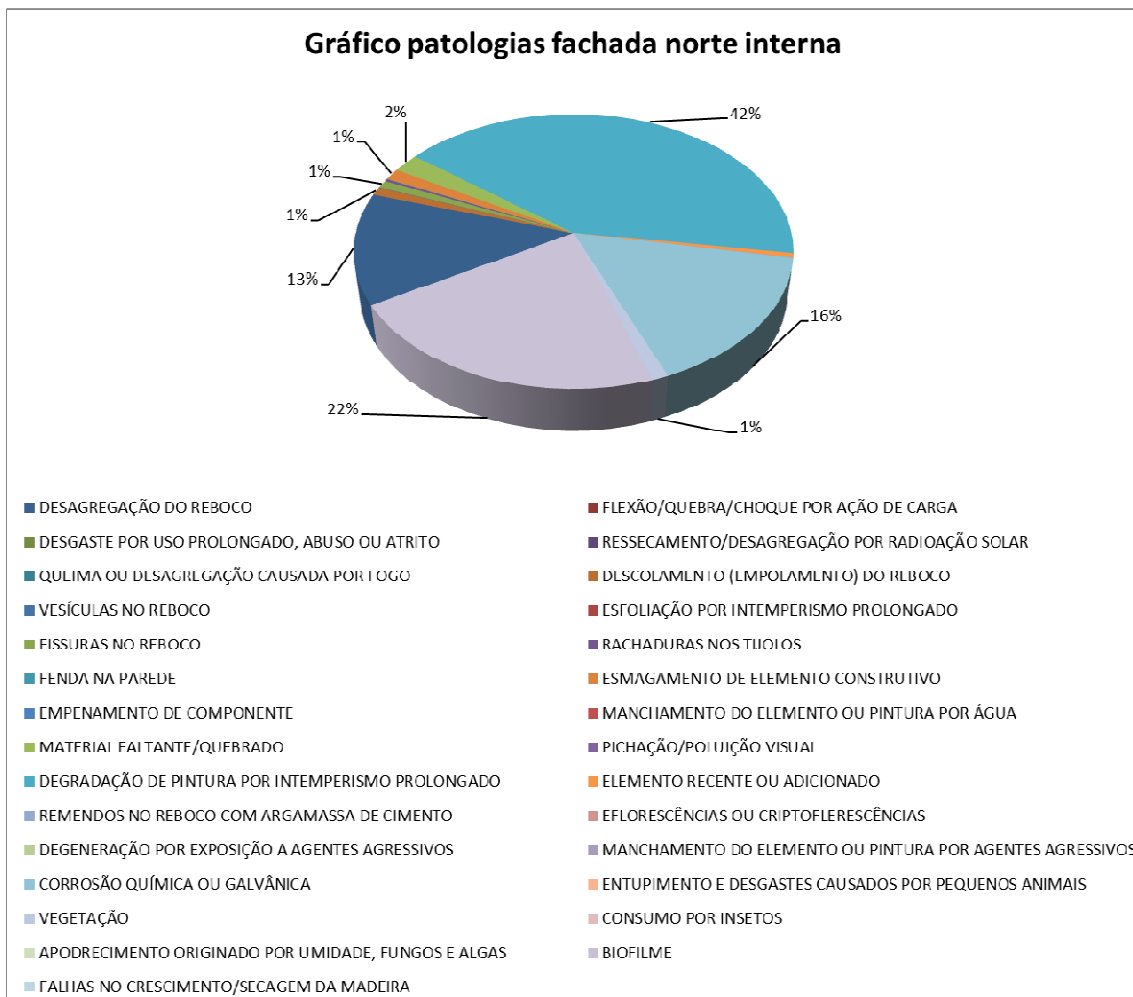


Figura 81 – Gráfico com a incidência de patologia na fachada norte interna.
 Fonte: A autora, 2013.

Já a figura 81 apresenta as patologias da Fachada norte interna, constata-se a degradação de pintura por intemperismo prolongado e apresenta 42% (128,223 m²), o Biofilme, 22% (66,83 m²), já a corrosão química ou galvânica, 16% (48,95 m²), a Desagregação do reboco, 13% (40,19 m²), e material faltante com 2% (6,836%). Aqui, diferente das fachadas até o momento analisadas, aparece a incidência de material faltante, verificada principalmente na área onde existem azulejos na parede, devido principalmente pelo descolamento desses materiais, inexistindo em alguns trechos.

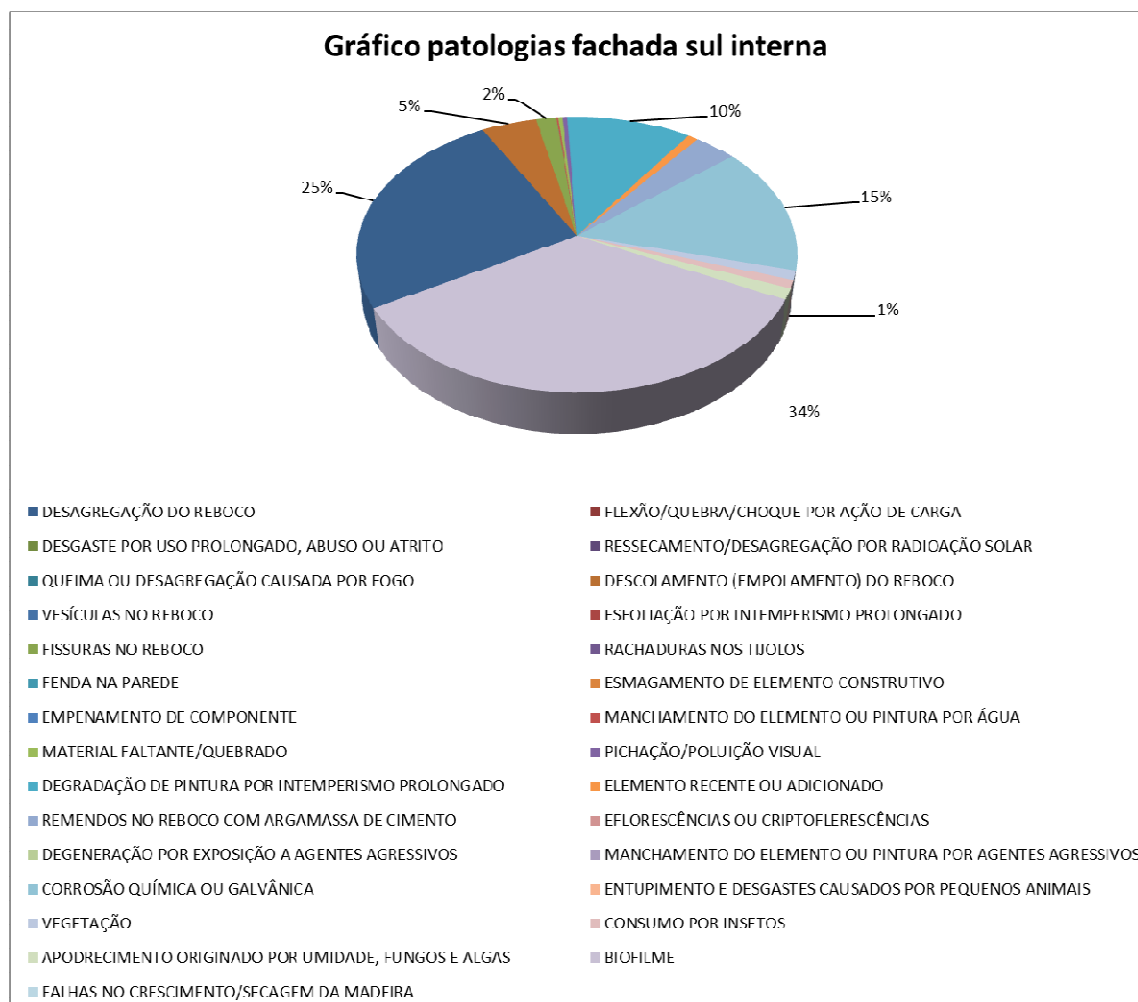


Figura 82 – Gráfico com a incidência de patologia na fachada sul interna.
Fonte: A autora, 2013.

Por fim, a fachada Sul interna representada pela figura 82, acima, apresenta as seguintes porcentagens: Biofilme, com 34% (95,749 m²), Desagregação do

reboco, com 25% (70,618 m²), a corrosão química ou galvânica, 15% (41,775 m²), degradação de pintura por intemperismo prolongado, 10% (28,961 m²), e o deslocamento (empolamento) do reboco incide 5% (12,823 m²).

Dessa forma, entende-se que a edificação apresenta muitas patologias, dentre elas, as mais significativas são a presença de Biofilme, desagregação do reboco, corrosão química ou galvânica e degradação por intemperismo prolongado, todas geradas devido a inexistência de manutenção periódica, porém não apresentando nenhum dano comprometedor a edificação. Assim, com o objetivo de sanar tudo isso foram elaboradas recomendações de recuperação da edificação, apresentadas no item a seguir.

4 DIRETRIZES DE REABILITAÇÃO

A conservação do patrimônio cultural construído é assegurada pela permanência da aplicação das técnicas construtivas tradicionais, devendo ser uma atividade viva na construção civil. O conhecimento dos materiais, as técnicas e dos ofícios tradicionais da construção fornece os subsídios para intervenções em edificações de valor cultural, possibilitando a garantia da integridade física e da autenticidade de suas características arquitetônicas. (Tinoco, 2012, p. 6)

Através de todos dados levantados referentes à situação atual da edificação do Mercado Público de Itaquí, conseguiu-se elaborar diretrizes para a sua reabilitação, baseados no material proposto por Queruz (2012), a partir do Manual de conservação preventiva (KLÜPPEL; SANTANA, 2006). Estas diretrizes também servem como medidas para prevenir o aparecimento de danos futuros na edificação, para que assim o edifício possa reafirmar seu valor histórico e arquitetônico.

4.1 Retirada de elementos indevidos

Recomenda-se a retirada de todo e qualquer elemento impróprio e indevido, como antenas de televisão, fiações, condicionadores de ar e placas. No caso de instalações de telefonia, água e eletricidade, sugere-se que todos sejam feitos inicialmente subterrâneos, de forma a desobstruir as fachadas.

4.2 Vegetação

4.2.1 Vegetação do passeio público

A vegetação é importante para manter a ambiência agradável no passeio público e, portanto, manter o público próximo ao edifício. Porém, sugere-se que a vegetação arbórea que for utilizada seja caducifólia, e que as copas das mesmas

não encostem ou se projetem sobre as coberturas do conjunto, de forma a evitar atritos e depósito excessivo de folhas e matéria orgânica nas calhas e TQPs. Ainda, sugere-se que o sistema de raízes das mesmas seja limitado, através de tubulações de concreto (1500 mm), para não se aproximar das fundações do conjunto edificado.

4.2.2 Vegetação em áreas internas

Trata-se das espécies localizadas junto a Rua das Carroças. Sugere-se a retirada dessas espécies, para não se obter o comprometimento das fundações lindeiras.

4.3 Pisos de ladrilho hidráulico

O caso dos ladrilhos deve ser avaliado caso a caso. Como se trata de um piso previsto inicialmente no projeto, é interessante, dentro do possível, manter os trechos que sejam avaliados como de valor para o conjunto (não tenham sido inseridos há pouco tempo). Caso os pisos estejam deteriorados, deve-se tentar lavar, inicialmente com água, sob pressão controlada, para retirar sujidades ou manchas. O uso de sabão neutro é aceito caso as manchas estejam impregnadas, ou ainda é aceita a lixação controlada e com lixa fina, para gerar um desgaste controlado nas peças lisas. Como a camada colorida do ladrilho é limitada, esse procedimento deve ser muito cuidadoso. Nos casos em que houver perda de peças, e se tiver a informação do desenho e posicionamento da peça, deve-se catalogá-las e buscar fábricas ou museus de azulejos que vendam peças suplentes. Quando houver sedimento em pisos de ladrilho ou outros quaisquer, sugere-se a abertura de inspeção no perímetro afetado para o reconhecimento real das razões envolvidas, resolução do problema (como ruptura de canos, por exemplo) e posteriormente fechamento e recomposição do piso em questão.

4.4 Elementos em madeira

Trata-se de partes das aberturas, madeiramento das coberturas (telhados e forros) e ainda os pisos e suas estruturas de sustentação. Quando houver a possibilidade, indica-se que as aberturas sejam restauradas, mas apenas nas situações em que se tiver os testemunhos relacionados a originalidade dos elementos. Quando não se tiver provas dos mesmos, deve-se fazer uso da teoria das lacunas (de Cesare Brandi) para embasar os novos modelos.

- As peças em madeira devem ser verificadas, com o objetivo de perceber falhas, apodrecimentos, ação de brocas ou cupins ou quaisquer outros danos não identificados.
- A substituição total de uma peça de madeira só deve ocorrer em caso extremo.
- Quando houver a necessidade, deve ser feita a reintegração das peças, que é a intervenção feita no sentido de complementar um pedaço de uma peça danificada ou destruída.
- As peças novas de madeira devem ser sem alburno, sem sinais de fungos ou insetos, e ainda sem nós. Elas devem ser alinhadas e cortadas no mesmo sentido das fibras das já existentes, e devem possuir as mesmas características mecânicas das já existentes no local.
- As peças novas de madeira devem ter sido secas ao ar, e não em estufas. Para pisos, forros e esquadrias, utilizar madeiras tratadas, cuja umidade residual seja semelhante à umidade das madeiras já existentes no edifício.
- As emendas realizadas, entre madeiras novas e pré-existentes, sempre com tarugos e colas. Só em último caso devem-se utilizar parafusos de latão. Não utilizar pregos ou parafusos de ferro que sofrem oxidação e irão causar danos ao material. Nos casos onde for necessário utilizar chapas ou perfis de ferro galvanizado e deverão ser muito bem tratados para evitar corrosão.
- Nas peças danificadas por cupins ou brocas, deve ser feita a retirada das partes infectadas, com folga de 50 cm a partir do ultimo ponto

identificado, e refeita a imunização por imersão das peças com cupinicida de comprovada eficácia, sem que isso altere as características formais e cromáticas das peças.

- Para preenchimento de pequenos buracos, defeitos devido à presença de nódulos, rachaduras ou buracos, deve ser feita uma massa com cola de madeira e pó de serra fino, no mesmo tom da madeira original. Esse pó não deve ser de madeira mais dura que a original. Deve-se ter o cuidado de deixar o preenchimento um pouco mais alto. Para fazer o acabamento da peça, deve-se utilizar uma lixa mais grossa e depois uma lixa fina.
- Para falhas grandes, é necessário se fazer emendas. Deve-se remover cuidadosamente com um formão a parte danificada, tornando a falha regular. Em seguida imuniza-se a parte interna, para depois aplicar o novo pedaço de madeira. Muito cuidado com a escolha da madeira, ela deve ter características mecânicas e plásticas semelhantes. A fixação se faz com cola branca ou cola epoxídica. Enquanto a cola não seca deixe a emenda presa com grampo ou sargento para garantir a fixação correta. Muito cuidado no entalhe da madeira e no acabamento da peça.

4.5 Elementos em metal

Compreende desde as estruturas que compõem o pátio coberto, venezianas, os portões e gradis, janelas de enrolar e mesmo as telhas e vigas metálicas que foram utilizadas no conjunto.

- No caso das vigas e pilares do pátio central, de valor reconhecido e hoje parte do patrimônio do conjunto, sugere-se uma intervenção bastante delicada, para estabilizar a estrutura (aparentemente em bom estado), retirada das pinturas existentes, reconhecimento de pontos de ferrugem e estabilização dos mesmos, e posteriormente, pintura com material não agressivo.

- No caso das telhas em zinco, e subestruturas, devem-se analisar as peças que podem ser mantidas, e substituir apenas as que reconhecidamente estejam em situação de falência. Indica-se também estabilizar a ferrugem existente e posteriormente pintar as telhas.
- No caso dos gradis e portões, devem-se retirar os elementos amorfos, como chapas posteriormente soldadas, substituir apenas as partes das barras que estiverem com partes faltantes, soldar e realinhar as peças quebradas, retirar camadas de tinta, estabilizar os processos de oxidação e posteriormente aplicar fundo e pintura, conforme especificação.
- Já para as janelas de enrolar, utilizadas nas salas das esquinas, e com partes faltantes, orienta-se a recompor as partes faltantes através de manufatura, e ajustar o sistema interno de funcionamento.

4.6 Vidros

Para a reposição de vidros ausentes em aberturas deve-se, através de pesquisas *in loco*, reconhecer a espessura utilizada nas peças existentes e repô-las, para garantir a devida vedação. Em relação aos existentes no local, deve-se garantir a limpeza (por ventura pintados). Ainda, nos fixadores dessas peças, devem-se substituir as massas que estiverem quebradiças ou faltantes, recuperando o efeito desejado de acabamento.

4.7 Fissuras na fachada Sul e Norte

Sugere-se inicialmente, identificar se as fissuras (verticais) nos locais estão estáveis ou não. No caso da fissura localizada na elevação Norte, próximo a Rua Independência, é conveniente observar se os grampos que inicialmente devem ter sido colocados na amarração entre as duas paredes não foram à falência. Caso isso tenha ocorrido, convém refazer esta conexão. Para verificar a estabilidade das fissuras, devem ser colocados testemunhos de gesso colados nos dois lados das

fissuras. Caso as fissuras estejam ativas (os testemunhos quebrem), deve-se chamar um especialista em estruturas ao local e fazer análises in loco, em tempo real, de forma a evitar a ruína do conjunto. Por outro lado, caso as fissuras estejam estáveis, e os testemunhos não quebrem, pode-se proceder a recuperação das mesmas. A recuperação passa pelo processo de reestruturação da empena, através da colocação de armaduras internas entre as duas faces antes unidas, e chumbamento das mesmas. É interessante que as armaduras se configurem como grampos, gerando um conjunto uniforme e monolítico. Limpar com cuidado a área onde se encontra a fissura, fazendo escariamento e, em seguida, embrechar ou preencher o vazio com argamassa forte de cal e areia, pouco espessa, e as vezes, em vazios maiores, fazer o embrechamento com pedaços de pedra ou tijolo. A aplicação dessa argamassa deve ser feita depois de convenientemente molhada a alvenaria. Finalmente, deve-se proceder ao acabamento com reboco da interface.

4.8 Paredes com umidade ascendente

Os procedimentos sugeridos para a minimização da recorrência de umidade ascendente em paredes consistem em dois métodos principais:

- o primeiro, criação de valas preenchidas drenantes, ao longo das paredes em que for percebido o problema, porém em distância entre 50 cm e 1,5 m (Figura 83), para baixar o nível existente do lençol freático. Os drenos colocados nessa situação devem ter caimento por gravidade e encaminhados para o logradouro público, naturalmente ou através de cisterna e bombeamento. A profundidade esperada para essas valas é de 1 m abaixo no atual do terreno. A vala deve funcionar com um dreno, com laterais protegidas por manta geotextil, de forma a separar a terra do degradê de pedras.

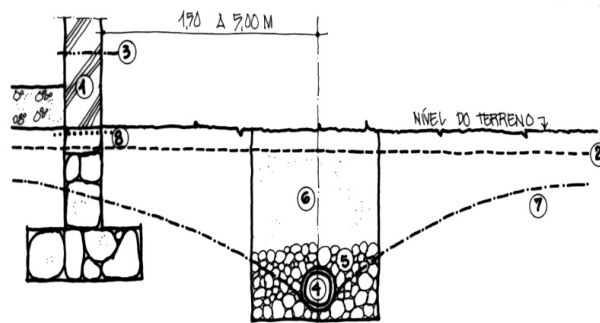


Figura 83 – Croqui de funcionamento de uma vala de drenagem. Em 1, percebe-se a parede existente, em 3 a altura atingida pela umidade na parede. Em 6, percebe-se a vala, 2 o nível presumido hoje das águas no solo, e em 7 o que se espera em relação ao nível de umidade. Fonte: KLUPPEL; SANTANA (2006).

- O outro procedimento consiste no chamado barramento químico, com a injeção de fluido de sais cristalizantes nas paredes, em distâncias máximas de 15 cm entre si, e em 2 linhas intercaladas, conforme figura 84. As injeções devem acontecer preferencialmente sob pressão, de forma a penetrar em maior área no interior da parede. Também devem acontecer preferencialmente nas argamassas de interstício entre as fiadas de alvenaria, e o procedimento deve ser acompanhado e orientado por especialista na técnica.

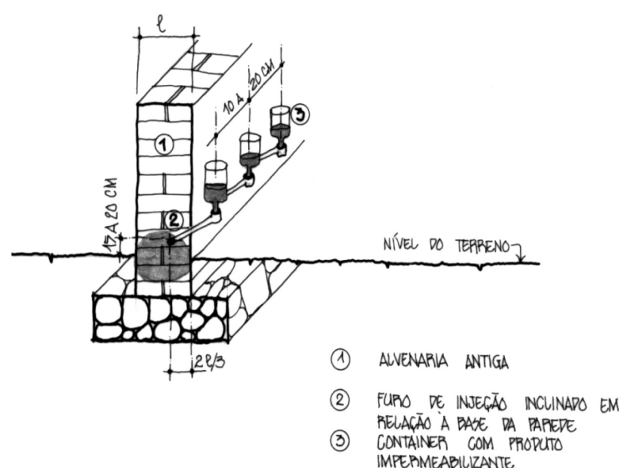


Figura 84 – Croqui de funcionamento do barramento químico. Fonte: KLUPPEL; SANTANA (2006).

4.9 Argamassas

São revestimentos de grande parte das alvenarias, com exceção das que hoje apresentam peças cerâmicas. Como o estado de conservação das argamassas de reboco é variável, a verificação das partes que terão que ser substituídas ou simplesmente mantidas dependerá de verificação *in loco* e dos estudos apresentados de degradação (elevações com processos de degradação anexos). Inicialmente, deve-se identificar que há argamassas propostas inicialmente com cal e areia, outras com cal, cimento e areia, e ainda outras, oriundas de intervenções mais recentes, que são de composição ignorada, mas que possivelmente sejam de cimento e areia. Para tanto, devem ser consultados os testes de composição de argamassa identificados, e as zonas em questão:

- Rebocos internos – cal (em pasta) e areia, razão 1:2 ½;
- Rebocos externos – cal, areia e cimento Portland, em razão 1:2 ½.: ¼;
- Esculturas e trabalhos em massa – composição ignorada, chamada pelo autor como Terra Romana.
- Argamassa de assentamento das fundações, soco e paredes – cal e areia, razão 1:4;

Em relação aos trabalhos feitos em massa, como adornos e frisos, procura-se manter todos os exemplares que estiverem fixos e em estado regular, viabilizando, sempre que necessário, pequenos trabalhos para a estabilização das peças ou recomposição parcial das mesmas. Quando for claro que tais peças repetem outras iguais em partes distintas do edifício, deve-se aceitar a recomposição dos traços gerais. Porém, sempre que houver dúvida em relação à forma, e organização, deve-se buscar a recomposição apenas da unidade potencial do conjunto, sem falsificar os remanescentes.

Em relação às novas argamassas que serão utilizadas, é importante utilizar traços semelhantes aos existentes nos rebocos locais, para garantir comportamentos semelhantes de dilatação e porosidade. Daí a importância de se ter esses traços de argamassa comprovados.

Vale observar que em TODAS as situações, antes de se efetuar qualquer recuperação de argamassas, deve-se estar certo que as razões que geraram os danos nas argamassas estão estabilizadas ou sanadas.

Em relação aos rebocos, tanto externos quanto internos, sugere-se proceder da seguinte forma:

- Detecção de áreas com descolamentos ou desagregação das argamassas. Para substituir uma área de reboco, deve cortar-se o trecho danificado, com corte esquadrejado, até atingir-se a base da alvenaria. Após o corte, todo o material solto ou com pouca aderência (assim como as eflorescências e qualquer tipo de crescimento biológico), devem ser removidos por meio de escovação vigorosa com escova de cerdas duras, aplicando-se em seguida biocidas, no caso de haver indícios de que tenha ocorrido ataque biológico. Antes que qualquer argamassa seja aplicada à superfície, as juntas devem ser cortadas a uma profundidade de pelo menos 1,6 cm, para se obter aderência suficiente. A superfície da alvenaria deve, então, ser umedecida para reduzir a sucção, e posteriormente aplicada a argamassa. Aplica-se primeiro uma camada de emboço de traço, em argamassa de cal e areia grossa, no traço 1:2 ou 2,5 que deve ser texturizada com uma desempenadeira dentada, para que haja melhor aderência do reboco de acabamento. Após, acrescenta-se a argamassa de reboco conforme traço e composição identificada em teste.
- Quando for percebida a colocação de rebocos posteriores, a base de cimento e areia, sugere-se a retirada dos mesmos e a reposição de argamassas com os traços originais, conforme já indicado anteriormente;
- Quando for percebido biofilme, deve-se efetuar inicialmente a retirada de umidade da parede, posteriormente, efetua-se a limpeza da seguinte forma:
 1. lavagem com uma solução de hipoclorito de sódio (Q boa) a 10% - deixar a solução por 15 minutos;
 2. lavagem com água limpa;
 3. secagem completa;
 4. aplicação de produto fungicida;
 5. após 3 dias, retirada do fungicida por meio de escovação;
 6. reaplicação de acabamento e pintura.

4.10 Pinturas

Todas as alvenarias devem ser executadas em pintura a base de cal, colorido conforme especificação, para garantir a boa “respiração” das paredes, e mesmo a continuidade da aderência.

4.11 Instalações elétricas

Como não se tem indícios de reforma referente à parte elétrica, deve-se solicitar inicialmente uma avaliação da companhia de abastecimento de eletricidade para a substituição de fios e cabos aéreos que estejam danificados, assim como uma revisão completa em toda fiação substituindo os fios danificados por fios novos com qualidade garantida e dentro das normas da ABNT.

4.12 Instalações Hidráulicas

As instalações hidráulicas prediais abrangem três tipos distintos de sistemas: O sistema de abastecimento de água fria e o sistema de esgotos sanitários e o sistema de águas pluviais. Aparentemente as instalações hidráulicas não apresentam nenhum dano ao prédio, porém se devem avaliar as condições das instalações, para que atenda um bom funcionamento da edificação.

Sistema Predial de Água Fria: em relação às instalações, algumas medidas preventivas devem ser tomadas:

- Limpar anualmente os reservatórios subterrâneos e superiores, realizando nesse momento uma verificação na integridade das vedações, juntas e paredes dos reservatórios buscando a existência de possíveis vazamentos.
- Sempre que ocorrer problemas de ruptura de tubulações ou vazamento em juntas e conexões, chamar um técnico especializado para executar o

concerto. Caso contrário, poderão ocorrer mais danos e prejuízos para o morador.

4.12.1 Sistema Predial de Esgotos Sanitários

Para garantir o perfeito funcionamento da instalação de esgotos, devem-se seguir algumas recomendações:

- Limpar os ralos a cada 6 meses para que não acumulem sujeira que impeça o seu funcionamento. Mantenha as grelhas sempre colocadas sobre a boca do tubo de descida e em bom estado, pois elas têm a função de proteger o ralo.
- As fossas devem ser limpas anualmente e deve-se verificar a não existência de vazamentos que possam infiltrar-se no terreno e atingir a edificação, ou contaminar poços de água nas suas proximidades.

Os mesmos cuidados descritos para as tubulações de água fria devem ser obedecidos com as tubulações de esgoto.

Assim, antes de qualquer intervenção arquitetônica, além de seguir essas recomendações, o projeto deverá atender também normas técnicas, como Acessibilidade (NBR 9050), Prevenção contra incêndio (NBR 9077), e normas que forem necessárias conforme o uso dado à edificação.

CONCLUSÕES

Trabalhar com Patrimônio Cultural, é trabalhar com memória e inevitavelmente com o testemunho de gerações passadas. Saber que se pode conservá-lo é a grande chave de sua perpetuação. Nesse aspecto, compete à preservação ser uma ferramenta, que possibilite transmitir os valores para as gerações futuras, garantindo sua identidade sem nunca perder sua essência. Desse modo, com a finalização deste trabalho percebeu-se a importância da preservação de um Patrimônio edificado, o Mercado Público de Itaqui, localizado na Fronteira Oeste do Estado do Rio Grande do Sul, objeto desta dissertação.

O tema atende a necessidade de resolução de um problema urbano, o abandono de uma área central da cidade. Vale destacar que apesar das populações atualmente aderirem aos supermercados, shoppings, etc, os Mercados Públicos mantêm a sua importância, representam o patrimônio e a memória da cidade. Sabe-se que vai além de um espaço físico que oferece diversidade e facilita o acesso de produtos a população.

Apesar dos mercados estarem presentes no cotidiano de muitas cidades, e serem uma questão bastante conhecida, o tema apresentou algumas dificuldades, dentre elas a pouca bibliografia, buscou-se assim, temas similares que agregam informações à pesquisa. Através dos estudos históricos, tentou-se revelar a essência de um Mercado, como todos os outros, que carregam consigo seus significados, vida e sentidos, sendo eles, tato, olfato, visão, paladar e audição, e assim impregnando seus sabores, aromas, cores, barulho e diferentes texturas. (ROMANO,2005). Desse modo, entendeu-se todo o processo de surgimento dos Mercados Públicos, seu funcionamento e sua dinâmica. Ainda, sabe-se que esses prédios são organismos vivos de uma cidade, que se relacionam harmoniosamente com o todo.

Como forma inicial de resolução do problema, este trabalho resultou em diretrizes de reabilitação, baseadas no reconhecimento das patologias que a edificação apresenta, juntamente com a avaliação do estado atual de conservação. Desse modo, o estudo de caso, elemento primordial para a realização deste trabalho, foi elaborado através de dados coletados, juntamente com visitas feitas ao local e os levantamentos cadastrais e fotográficos, onde posteriormente,

compilaram-se todos dados encontrados servindo de apoio para as análises da edificação e para uma futura intervenção.

A partir da análise do estado atual de conservação, observou-se que muitas modificações com pouca significância foram feitas ao longo dos anos, e muitas delas descaracterizam a concepção inicial do projeto. Isso tudo elaborado através de dados e do memorial descritivo do prédio datado da época da construção, feito pelo arquiteto Pascoal Minnógio, que tinha como premissa o conforto térmico e a salubridade do local.

Diante de tudo isso e como subsidio para a elaboração das diretrizes de reabilitação, verificou-se a incidência de manifestações que prejudicam as fachadas, constatadas através dos mapas de danos. Isso revela que a edificação, mesmo apresentando muitas patologias, elas não comprometem sua estrutura, mas danificam sua aparência. Quanto às mais significativas, o Biofilme aparece em todas as fachadas com uma maior incidência, juntamente com a desagregação do reboco, corrosão química ou galvânica e degradação por intemperismo prolongado, todas estas, resultantes da inexistência de manutenção periódica.

Por fim, as diretrizes têm a intenção de servir como um manual de conservação do prédio do Mercado Público, recomendando métodos reparatórios e preventivos aos materiais degradados, para permitir a integridade futura da edificação.

Mas como premissa, para a conservação deste prédio, é urgente a intervenção principalmente na reparação dos elementos:

- que compõem o telhado, pois em alguns compartimentos apresentam umidade descendente, principalmente na área central, que podem prejudicar a sustentação deste local;
- de madeira, principalmente os que servem de sustentação da parte central do mercado, que apresentam um processo avançado de apodrecimento devido à esta umidade já relatada;
- de ferro, que se apresentam em estado avançado de degradação, como o portão principal de acesso ao conjunto, e os portões laterais de acesso de serviço

E, é claro, para melhorar o aspecto visual do edifício é inevitável a recuperação do reboco, pintura e reposição de materiais ausentes, como peças de madeiras das portas e vidros.

Porém, para que haja tal perpetuação é necessário que seja feita uma manutenção periódica anualmente, que evite danos que possam realmente comprometer a edificação, sem esquecer, que seja proposto uma política de conservação e incentivo econômico para que isto ocorra.

Desse modo, com a conclusão deste trabalho, têm-se a convicção de que a retomada do Mercado Público de Itaquí é a melhor opção para a melhora e a valorização do espaço. Ele contém um significado histórico e arquitetônico para toda a população e assim constituindo um organismo vivo que beneficiará todo o seu entorno.

REFERÊNCIAS

BENEVOLO, Leonardo. **História da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CARDOSO, Alice; ZAMIN, Frinéia. **Patrimônio ferroviário do Rio Grande do Sul**. Inventário das Estações: 1874-1959/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Secretaria da Cultura do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Pallotti, 2002.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

COMITÊ CIENTÍFICO INTERNACIONAL PARA ANÁLISE E RESTAURAÇÃO DE ESTRUTURAS DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO, 2001, Paris, **Recomendação para análise, conservação e restauração estrutural do Patrimônio Arquitetônico**. Paris: ICOMOS, 2001.

COPATTI, Renata Pradebon. **Mercado del Puerto**: Intervenção no Mercado Público de Itaqui. 2009. 116 f. (Trabalho Final de Graduação) – Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2009.

DELPHIM, Carlos Eduardo Moura. **Intervenções em jardins históricos**: manual. Brasília: IPHAN, 2005.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Gente e espaços de Porto Alegre**. Porto Alegre: EDUFRGS, 2000.

GAKLIK, Émille S. **Jardim Histórico do Palacete Dr. Astrogildo de Azevedo**: Mapeamento de Manifestações patológicas e Métodos de Limpeza. 2012. 203 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

IPHAN- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Cartas Patrimoniais**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br>>. Acesso em: 25 de mai. de 2011.

ISABELLE, Arsène. **Viagem ao Rio do Prata e Rio Grande do Sul**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006. Disponível em: <<http://livraria.senado.gov.br/edicoes-do-senado-federal/viagem-ao-rio-da-prata-e-ao-rio-grande-do-sul.html>> Acesso em: 10 mar. 2013

ITAQUI. **Código de edificação do Município**. Lei Municipal n° 3245 de 19 de outubro de 2007. Itaquí: Câmara Municipal, 2007.

KLÜPPEL, Griselda P.; SANTANA, Mariely. **Manual de conservação preventiva de edificações**. Minc, IPHAN, UCG/Projeto Monumenta. 2006. Versão Preliminar.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Arquitetura do ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo**: reflexões sobre a sua preservação. São Paulo: Ateliê; FAPESP- Secretaria da Cultura, 1998.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é Patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

MACEDO, Francisco Riopardense. **História de Porto Alegre**. Porto Alegre: EDUFRGS, 1999.

MERCADO PÚBLICO DE PELOTAS. Disponível em: <http://pelotas.ufpel.edu.br/pequenas/mercado_p.jpg> Acesso em: 14 de junho 2006.

MONK, Felipe. **Patología**. De la piedra y los materiales de la construcción. Buenos Aires, 1996.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre: Urbanização e Modernidade: a construção do social e do espaço urbano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

MOREIRA, Igor. **O espaço rio grandense**. 3 ed. Porto Alegre: Ática, 1999.

MOURA, Rosa Maria Garcia Rolim; SCHLEE, Andrey Rosenthal. **100 imagens da arquitetura pelotense**. 2.ed. Pelotas: Pallotti, 2002.

OLIVEN, Ruben George. Patrimônio inatingível: Considerações iniciais. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.) **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

PACHECO, Luiza Segabinazzi. **Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac-110 anos. Preservação e Historicidade.** 2011. 140 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetural e Patrimônio Edificado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

PAHIM, Jesus. **Itaqui: O portal do Rio Grande.** Itaqui: Novigraf, 2003.

PESAVENTO. Sandra Jatahy. **República Velha Gaúcha.** Charqueadas, frigoríficos, criadores. Porto Alegre: Movimento, 1980.

PIRES, Maria do Coeli Simões. **Da proteção ao patrimônio cultural: o tombamento como principal instituto.** Belo Horizonte: Del Rey, 1994.

QUERUZ, Francisco. **Contribuição para identificação dos principais agentes e mecanismos de degradação em edificações da Vila Belga.** 2007. 150 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) , Programa de Pós- Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

RIEGL, Alois. **El culto a los monumentos: Caracteres y origen.** Trad. Ana Pérez López. 2 ed. Madrid:Visor, 1999.

ROMANO, Leonora. **Edifício de Mercados Gaúchos: uma arquitetura dos sentidos.** Porto Alegre: UFRGS, 2004. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

ROTH, Leland M. **Entender la arquitectura: sus elementos, historia y significado.** 2. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2000.

SANTOS. Paulo Corrêa. **Agenda 150: Um passeio pelos carrilhões do tempo pretérito Itaquense.** Itaqui: Novigraf, 2008.

_____. **Dados Históricos do Município de Itaqui.** Itaqui, s.d.

SILVA, Enilda; MORAIS, George. **Levantamento Cadastral IAB.** 2003.

SILVA, Geraldo Gomes da. **Arquitetura do ferro no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Nobel: 1988.

SILVEIRA, Hemetério Velloso da. **As missões orientais e seus antigos domínios**. Porto Alegre: ERUS, 1979.

SYNOPSIS Histórica do município de Itaqui. **A ordem**, a.1, n. 22, Itaqui, dez. 1929.

TELLES, Leandro Silva. **Manual do Patrimônio Histórico**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 1977. (Coleção Temas Gaúchos, 2)

TINOCO, Jorge Eduardo Lucena. **Teoria e prática da conservação**. A experiência do CECI no uso de Materiais e Técnicas Tradicionais, 2012. 54v. Disponível em: <<http://www.ceci-br.org/ceci-br/publicacoes/59-textos-para-discussao/627-texto-para-discussao-v-54.html> > Acesso em: 20 jan. 2013.

VARGAS, Heliana Comin. **Espaço terciário: o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio**. São Paulo: Senac, 2001.

_____. **Intervenções em Centros Urbanos**. Objetivo, estratégias e resultados. São Paulo: Manole, 2006.

VERÇOZA, Enio José. **Patologia das edificações**. Porto Alegre: Sagra, 1991.

WEIMER, Güinter. **Origem e Evolução das cidades rio-grandenses**. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2004.

INCÊNDIO atingiu oito estabelecimentos do Mercado Público. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 07, julho, 2013. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2013/07/incendio-atingiu-oito-estabelecimentos-do-mercado-publico-4192819.html>> Acesso em: 13 ago. 2013.

ANEXOS

Anexo A – Lei Municipal N° 2685/02



GABINETE DO PREFEITO

DECRETO Nº 4.238/02

SILAS DUBAL GOULART, Prefeito Municipal de Itaqui, no uso das atribuições que lhe confere o Art. 53, item VIII combinado com o Art. 113, Parágrafo Único da lei Orgânica do Município e o disposto na Lei Municipal nº 2.685, de 19.04.02;

CONSIDERANDO que o Prédio do Mercado Público Municipal constitui-se em imóvel com significado cultural e arquitetônico vinculado à fatos pretéritos memoráveis da Comunidade Itaquense;

CONSIDERANDO que o prédio foi edificado com características de arquitetura eclética de uso muito comum no passado de Itaqui;

CONSIDERANDO que é dever legal do Poder Público Municipal proteger o Patrimônio Cultural;

CONSIDERANDO os dados e pareceres constantes do Processo nº 14406-1;

DECRETA:

Art. 1º - Fica tombado como Patrimônio Histórico e Cultural o prédio do Mercado Público Municipal localizado à Rua Osvaldo Aranha nº 1108, edificado sobre os terrenos sete, oito e nove, da quadra número um, entre os alinhamentos sete-oito Norte-Sul e um-dois Leste-Oeste, da 1ª Secção, com área construída de 1.636,20m² e uma dependência com 265,56m² totalizando uma área construída de 1.901,76m².

Art. 2º - O prédio de arquitetura eclética, de alvenaria de pedras areníticas, telhado de zinco, piso de mosaicos, esquadrias de madeira e estrutura central metálica com cobertura de zinco e um domo de ventilação e iluminação de vidro aramado é composto por aproximadamente cinquenta compartimentos, achando-se em más condições de conservação e inapropriado para utilização.

Hl

PREFEITURA MUNICIPAL
ITAQUI - RS



Secretaria da Cultura
Proc. nº 820-11.00/09-1
Fls. 05 Rub. HL


GABINETE DO PREFEITO

Art. 3º - As intervenções para restauração e utilização do prédio dependerão da aprovação de projeto arquitetônico pela Prefeitura Municipal de Itaqui, observando-se as obrigações e cominações previstas na Lei Municipal nº 2.685, de 19 de abril de 2002.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

Art. 5º - Este Decreto entra em vigor na data de sua promulgação.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL, EM 07 DE SETEMBRO DE 2002.


SILAS DUBAL GOULART
Prefeito Municipal

REGISTRE-SE:


ARTUR COSTA
Chefe de Gabinete

Anexo B – Lei Estadual Nº. 11.937



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
Gabinete de Consultoria Legislativa

LEI Nº 11.937, DE 03 DE JULHO DE 2003.
(publicada no DOE nº 127, de 04 de julho de 2003)

Declara o Mercado Público Municipal de Itaqui integrante do patrimônio cultural do Estado do Rio Grande do Sul.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.

Faço saber, em cumprimento ao disposto no artigo 82, inciso IV, da Constituição do Estado, que a Assembléia Legislativa aprovou e eu sanciono e promulgo a Lei seguinte:

Art. 1º - Fica declarado bem integrante do patrimônio cultural do Estado do Rio Grande do Sul o Mercado Público Municipal de Itaqui, nos termos e para fins dos artigos 221, 222 e 223 da Constituição do Estado.

Parágrafo único – O prédio do Mercado Público, inaugurado em 7 de setembro de 1909, está localizado entre as ruas Independência, Beco Lacroix e Osvaldo Aranha.

Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

PALÁCIO PIRATINI, em Porto Alegre, 03 de julho de 2003.

FIM DO DOCUMENTO

Anexo C – Documento do tombamento estadual do Mercado Público de Itaqui



GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

PORTARIA DE TOMBAMENTO

Portaria N.º 019/2009

A Secretária de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul, no uso das atribuições conferidas pelo artigo 90, inciso V, artigo 221 e seus incisos e artigo 222 e seus parágrafos da Constituição do Estado do Rio Grande do Sul, e, fundamentando-se na Lei 7.231, de 18 de dezembro de 1978, combinada com o Decreto-Lei n.º 25, de 30 de novembro de 1937, e ainda, considerando a importância de preservar imóvel de inestimável valor histórico no Município de Itaquí, corroborado no parecer técnico do IPHAE n.º 08/09 do Processo Administrativo n.º 820-11.00/09-1,

RESOLVE

Tombar o prédio do Mercado Público de Itaquí, edificação em alvenaria com um pavimento, situado a Rua Oswaldo Aranha, N.º 1126, de autoria do Arquiteto Paschoal Minoggio, com área total construída de 1901,76 m², assente em terreno com área de 2615,82 m²

Publique-se no Diário Oficial do Estado. Ratifique-se e registre-se no respectivo Livro Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado. Promova-se a averbação no Registro de Imóveis competente.

Porto Alegre, 16 de dezembro de 2009.

Mônica Leal

Secretária de Estado da Cultura

Testemunhas:

1.

2.

Anexo D – Parecer técnico do IPHAE

Parecer técnico IPHAE nº 08/09

Porto Alegre, 18 de setembro de 2009

Assunto: Tombamento do Antigo Mercado Público de Itaqui-
Proc. nº 000820- 11.00/09-1

Introdução:

Este parecer visa embasar o processo de tombamento do Antigo Mercado Público de Itaquisituado na rua Oswaldo Aranha nº1126 na cidade de Itaqui. A autoria do projeto é do Arquiteto Paschoal Minoggio e a construção data de 1909.

A iniciativa do tombamento é da Prefeitura Municipal de Itaqui através do ofício nº302/09, assinado pelo Prefeito Municipal Sr. Gil Marques Filho.

Foram anexados ao processo documentos e o levantamento fotográfico de forma a caracterizar o bem e justificar os valores para o tombamento.

Pelo memorando IPHAE nº121/09 o Instituto solicitou a abertura do processo de tombamento, assim documentado:

- Cópia xerox do Decreto nº4238/02 tombando a nível municipal o prédio do Mercado Público Municipal de Itaqui- fl. 04 e 05, datado de 7 de setembro de 2002;
- Cópia xerox do Projeto Reabilitação do Mercado Público de Itaqui – Primeira etapa, fl. 06 e 07, <http://www.lic.rs.gov.br>;
- Cópia xerox da lei nº11.937 que declara o Mercado Público de Itaqui como integrante do Patrimônio Cultural do Estado do Rio Grande do Sul, fl. 08, Sistema LEGIS , Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul;
- Cópia xerox da Ata de Tombamento Municipal do prédio do Mercado Publico de Itaqui, fl. 09 a 14;
- Cópia xerox da Lei nº2.644/2001 da Câmara de Vereadores de Itaqui, que declara patrimônio histórico e cultural o prédio do Mercado Público Municipal de Itaqui, fl. 15;



- Cópia xérox do Diário Oficial do Estado de 04 de julho de 2003 com a publicação da lei nº11.937 declarando o Mercado Público de Itaqui como bem integrante do Patrimônio Cultural do Estado – fl.16;
- Cópia xérox da Lei nº11.937, fl.17; Sistema LEGIS, Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul;
- Cópia xérox do texto “Condições para a construção de um Mercado Municipal”, fl.18 a 38, com detalhes técnicos relativos à execução da obra;
- Cópia xerox da Ata de Inauguração do Mercado Municipal, fl. 39 a 43;
- Cópia do texto “Patrimônio Cultural e Arquitetura Brasileira - Mercado Público de Itaqui”, de junho de 2000, fl. 44 a 61, Universidade Luterana do Brasil, Curso de Arquitetura e Urbanismo;
- Cópia xerox da Lei nº2.644/2001 – Ementa - Câmara de Vereadores de Itaqui, que Declara Patrimônio Histórico e Cultural o prédio do Mercado Público Municipal de Itaqui, fl. 62;
- Cópia xerox da justificativa da declaratória de autoria do Deputado Adroaldo Loureiro, fl. 63 e 64;
- Cópia xerox do Projeto de lei nº24/02 que declara o Mercado Público de Itaqui integrante do Patrimônio Cultural do Estado do Rio Grande do Sul-fl.65;
- Cópia do Levantamento Cadastral do Concurso Público Nacional de Anteprojeto de Arquitetura – Reabilitação do Antigo Mercado Público de Itaqui – fl.67 a 154, com dados históricos, detalhes construtivos da obra, levantamento fotográfico, plantas, cortes e fachadas do prédio;
- Ofício do Sr. Prefeito Municipal com dados biográficos do autor do projeto, fl. 155 a 157;
- Cópia xerox do Ofício do Registro de Imóveis de Itaqui com a matrícula do prédio do Mercado Público de Itaqui- fl.158.

Justificativa:

O bem que constitui o alvo deste processo de tombamento foi projetado pelo arquiteto Paschoal Minoggio, filho de imigrantes italianos e nascido em Itaqui em 01 de outubro de 1874. Sua formação em arquitetura foi realizada na Escola de Belas Artes de Buenos Aires e seus projetos destacam-se no panorama arquitetônico do município pelo requinte dos detalhes construtivos.

Entre suas obras mais significativas, além do Mercado Público de Itaqui, destacam-se o Clube Comercial de Uruguaiana, o primeiro cinema de Itaqui e vários mausoléus das famílias tradicionais do município. O arquiteto faleceu em julho de 1952, em orto Alegre, aos 68 anos de idade.

O Mercado Público, entretanto, é a obra referencial deste importante profissional e constitui além de um referencial urbano da cidade de Itaqui, um dos poucos projetos deste tipo existentes no Estado.

Concluindo, é nosso parecer que o Mercado Público de Itaqui possui valores que justificam sua relevância em nível estadual, segundo os critérios de valoração utilizados para bens de interesse cultural. Entre estes salientamos:

Instancia Histórica:

O bem é um testemunho do apogeu do intercâmbio socioeconômico ocorrido nas áreas de fronteira entre Brasil e Argentina que trouxe para as comunidades locais, fartura, prosperidade e urbanidade, em função da posição geográfica privilegiada e favorável ao intercambio comercial.

Instancia Artística:

Pelas qualidades espacial e formal, somadas as soluções técnicas adotadas pelo autor, o conjunto pode ser classificado como uma obra de arte. O requinte da composição das fachadas, a utilização de estruturas metálicas importadas da Europa e a qualidade da mão de obra de execução dão ao conjunto a importância de um referencial urbano a nível local e de um importante expoente arquitetônico, em nível estadual.

Descrição do bem:

Inaugurado em 7 de setembro de 1909, o Mercado Público de Itaqui está situado na Rua Oswaldo Aranha nº1126, área central da cidade e próximo ao Rio Uruguai. O partido arquitetônico adotado ocupa cerca de metade do quarteirão formado pelas Ruas Independência, Saldanha da Gama e Travessa Domingos Lacroix.

A planta é retangular e de apenas um pavimento. A entrada principal, marcada pelo frontão ricamente adornado e por um portão de ferro em duas folhas, é pelo centro da fachada da Rua Oswaldo Aranha e possibilita o acesso direto a praça interna do Mercado. Os espaços comerciais periféricos tem acesso direto ao passeio público. Em alguns destes espaços foram criados mezaninos correspondentes a ntervenções posteriores de pouca qualidade e que descaracterizam o bem.

H 164

Na parte posterior existe uma via interna denominada de *Rua das Carroças*, com acesso tanto pela Rua Independência como pela Rua Domingos Delacroix ; é marcada na fachada por dois portões de ferro de larguras diferentes e em ambas as ruas, com duas folhas cada, fixados a colunas de alvenaria. Por esta via também é possível ter acesso a área interna do Mercado onde era comercializada a carne. Neste espaço existem quatro bancas centrais com balcões em mármore branco e dez bancas perimetrais.

A cobertura é com telhas de zinco e estrutura de madeira apoiada sobre as alvenarias. Na parte central, sobre uma estrutura de ferro importada da Inglaterra, existe uma cobertura octogonal central em vidro, contornada por uma faixa de telhas de zinco. A estrutura é formada por um conjunto de mãos francesas ricamente adornadas. O sistema de ventilação é pela cobertura, através de janelas e venezianas metálicas situadas acima das quatro bancas centrais da praça interna.

As alvenarias são de pedra e tijolos rebocados e as fachadas ricamente decoradas destacam os acessos laterais e central, assim como as duas esquinas. Estes volumes são marcados por conjuntos de pares de pilastras arrematadas com capitéis em estilo jônico e soco em alvenaria.

A platibanda com detalhes geométricos vazados modulados, contorna todo o volume principal, apresentando no arquitrave uma seqüência de denticulos arrematados por um friso. Os vãos das esquadrias das esquinas são coroados por arcos de meio ponto com veneras em argamassa. Na parte superior da platibanda do acesso principal existem duas compoteiras laterais e um ornamento destacando o centro do conjunto.

As esquadrias são em madeira, com duas folhas com vidro e almofadas na parte inferior e bandeira também envidraçada. O ritmo das esquadrias na fachada é marcado por pilastras laterais, em escala inferior as existentes nos volumes maiores, também com capitéis jônicos. Na parte superior, acima das vergas das esquadrias destes volumes intermediários e no centro de um friso existem rosetas de argamassa.

Nas ruas laterais, em algumas das esquadrias que tem contato com o passeio público, existem guarda corpos em ferro, no mesmo padrão dos portões do acesso da via interna posterior.

Os pisos internos são em madeira e em algumas áreas, como no acesso principal, foram utilizados ladrilhos hidráulicos em módulos de quatro peças e tabeira com gregas.

Tomba-se:

Estão tombados todos os elementos do projeto original de autoria do Arq. Paschoal Minoggio cujo levantamento fotográfico foi anexado ao processo. São eles:

11 107


- Volumetria do conjunto;
- Paredes em pedra e tijolo rebocadas;
- Modenatura das fachadas;
- Elementos decorativos das fachadas;
- Estrutura metálica do pátio interno central importada da Inglaterra;
- Esquadrias e vãos originais;
- Cobertura e telhamento;
- Pisos em ladrilho hidráulico;
- Portões de acesso principal e posteriores;
- Pilares que marcam os acessos a via interna, *Rua das Carroças* e sustentam os portões de ferro;
- Demais pisos originais
- Revestimentos originais das alvenarias internas
- Demais elementos identificados como sendo do projeto original

Não serão tombados:

Todas as intervenções posteriores, que tenham descaracterizado e ou comprometido a concepção original do projeto.

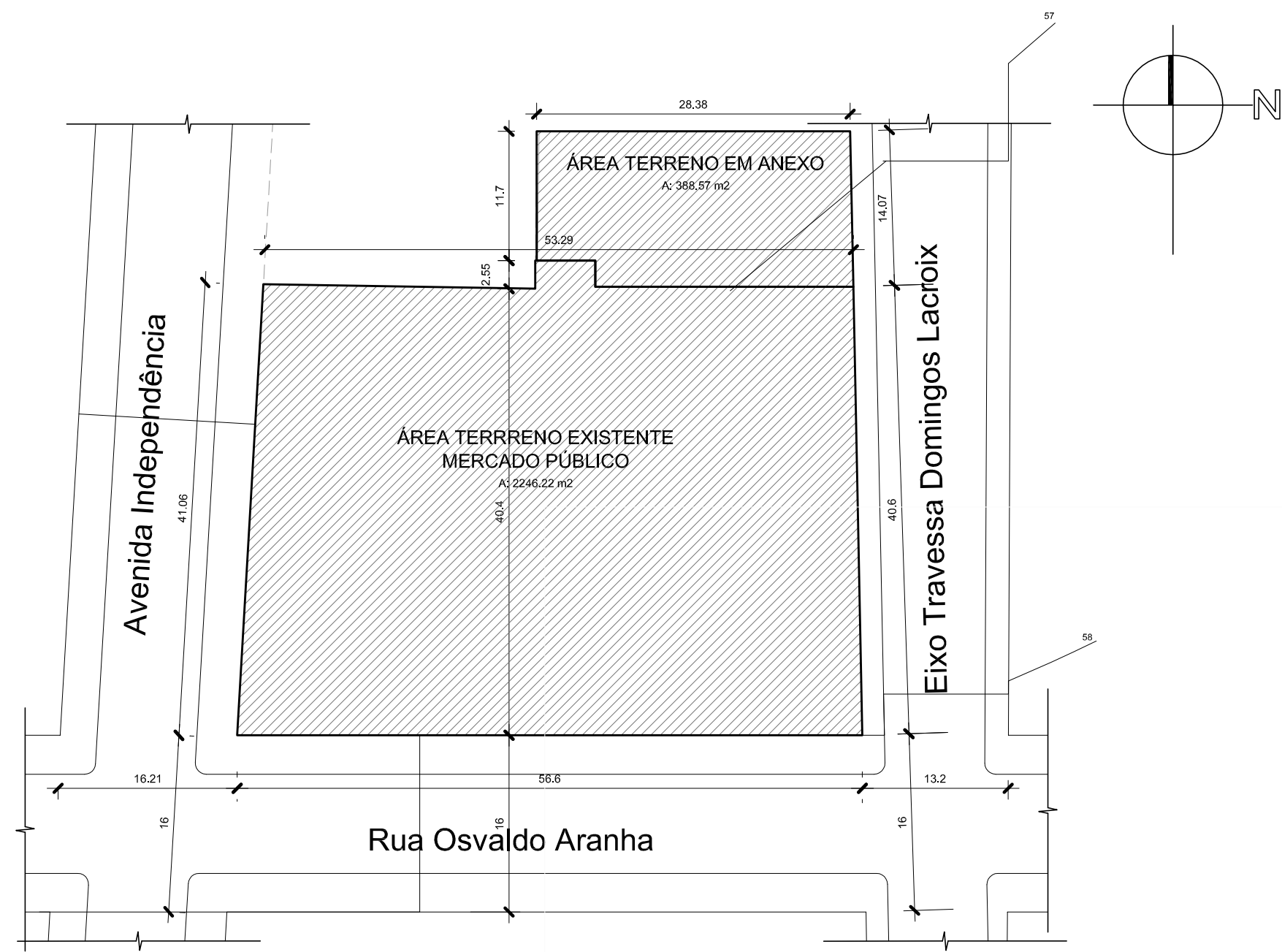


Arq. Angelo Braghirolli
CREA 29221

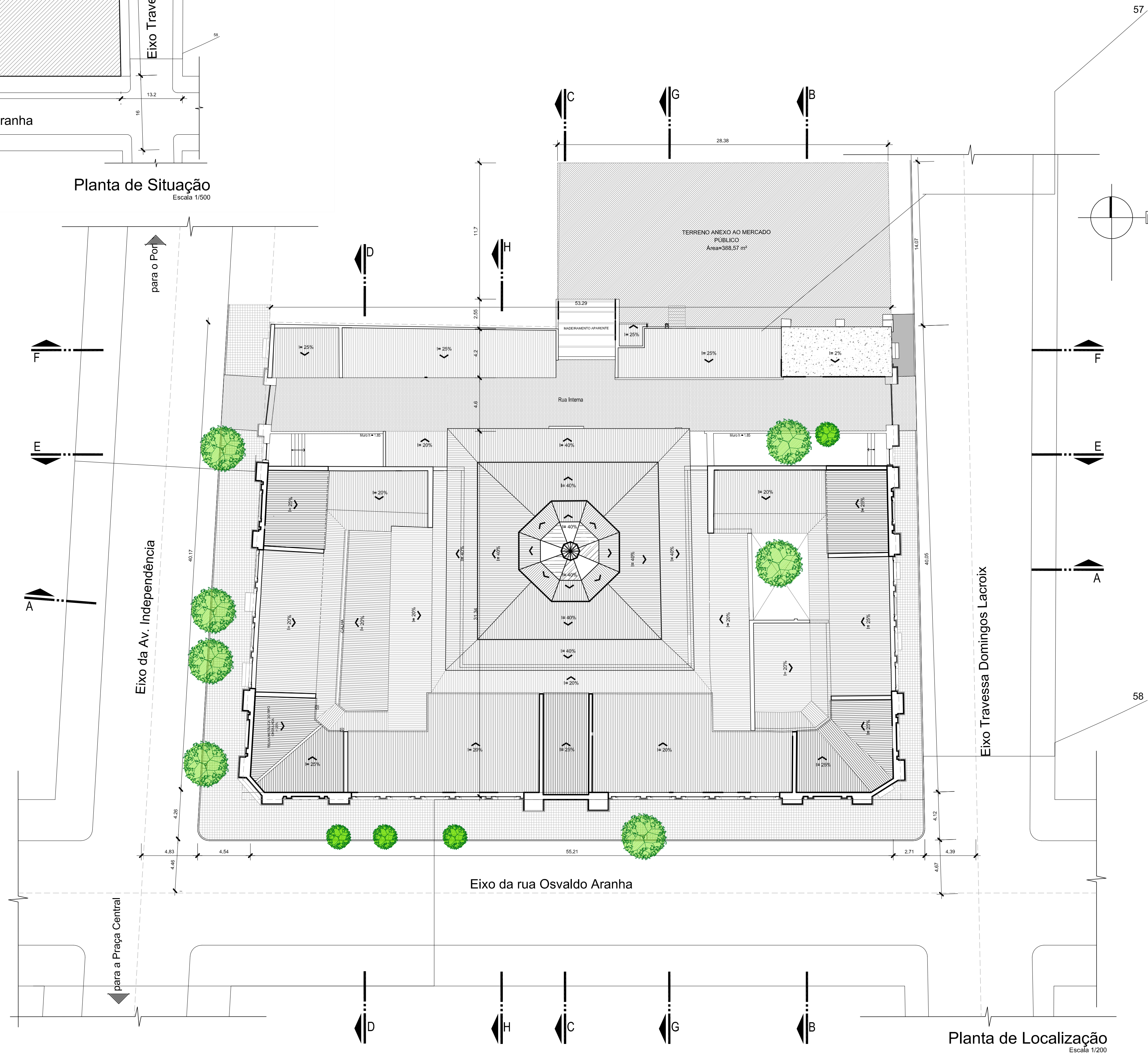
Ciente, em 
Arq. Maria Beatriz Kother
Diretora do IPHAE

APÊNDICES

Apêndice A- Levantamento métrico da edificação



Planta de Situação
Escala 1/500



Planta de Localização
Escala indicada

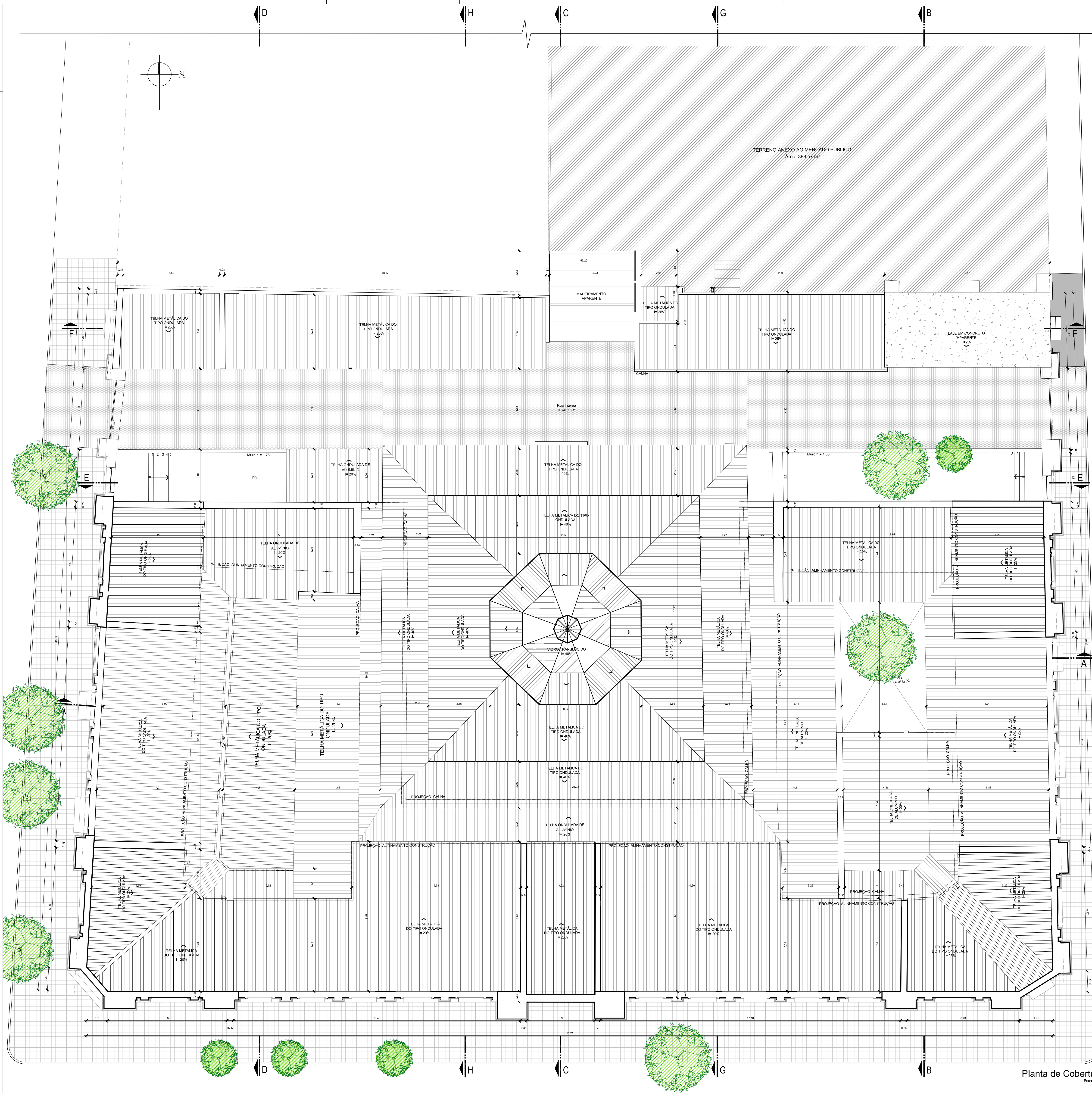


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONALIZANTE EM PATRIMÔNIO CULTURAL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
MERCADO PÚBLICO DE ITAQUI: UMA ANÁLISE DO ESTADO ATUAL DE CONSERVAÇÃO E DIRETRIZES PARA SUA PRESERVAÇÃO

AUTORA: Arquiteta Renata Pradebon Copatti
COLABORADORES: Ana Maria Belladonna, Daniela Biasuz Trevisan, Paula Tomazoni

Escala indicada MARÇO 2013



TERRENO ANEXO AO MERCADO PÚBLICO
Área=368,57 m²

Planta de Cobertura
Escala: 1/100

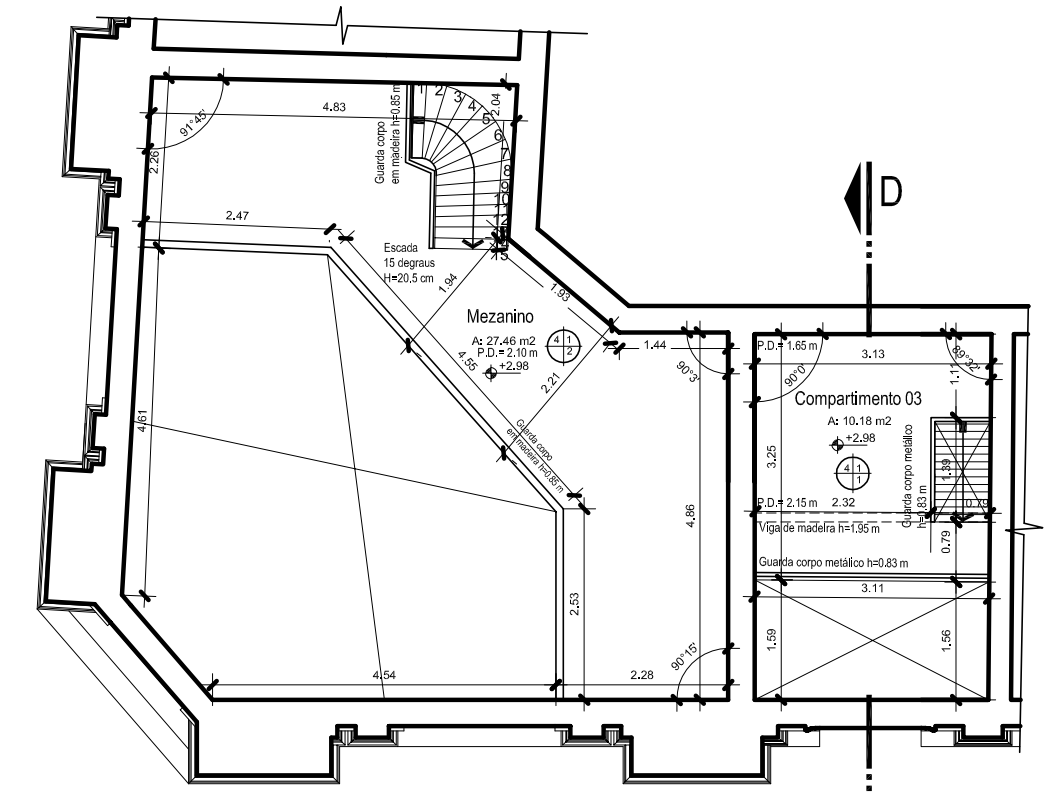


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONALIZANTE EM PATRIMÔNIO CULTURAL

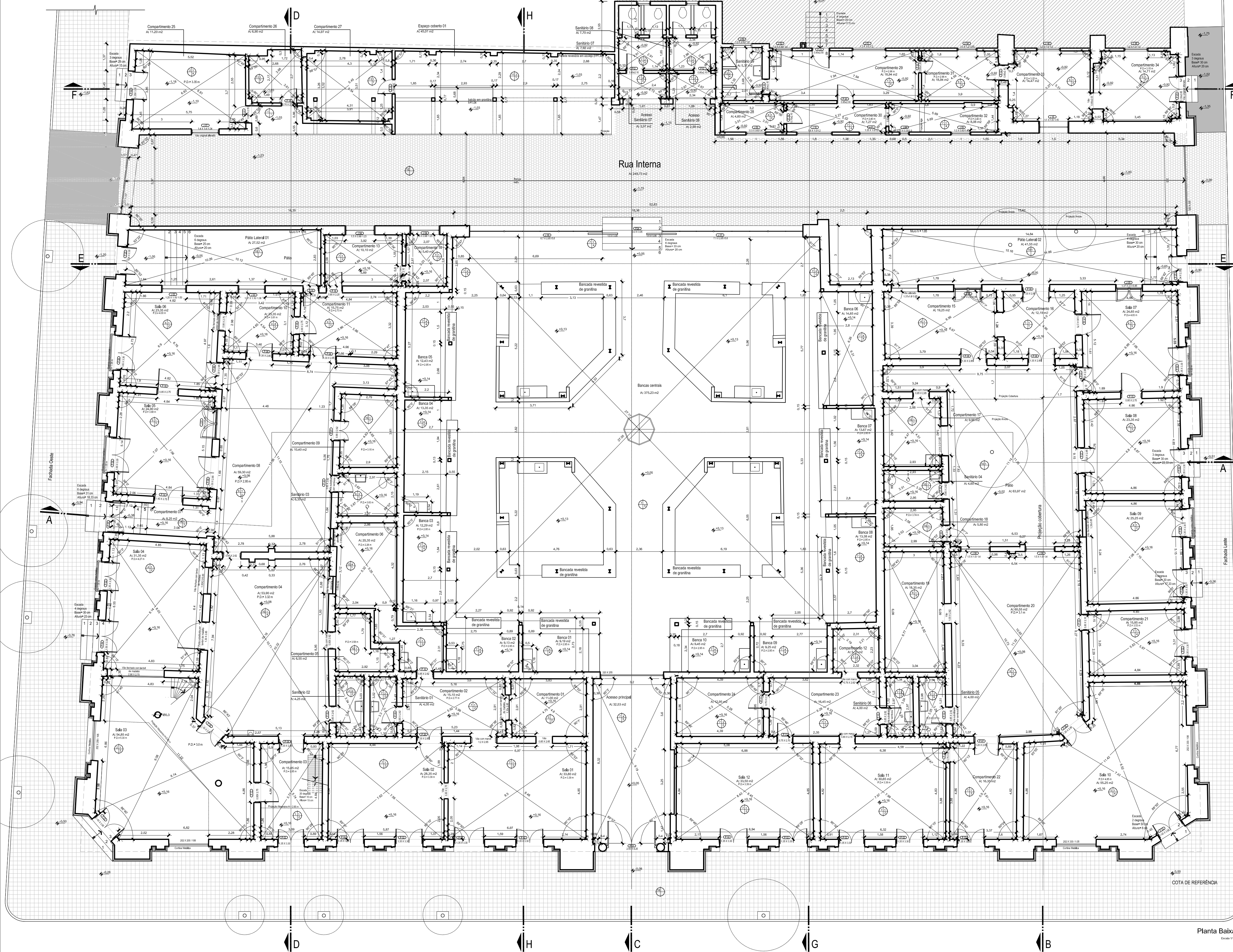
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
MERCADO PÚBLICO DE ITAQUI: UMA ANÁLISE DO ESTADO ATUAL DE CONSERVAÇÃO E DIRETRIZES PARA SUA PRESERVAÇÃO

AUTORA: Arquiteta Renata Pradebon Copatti
COLABORADORES: Ana Maria Belladonna, Daniela Biasuz Trevisan, Paula Tomazoni

- ESPECIFICAÇÃO DE MATERIAIS**
- PIEDRA**
1. Píedra de vidro: 40 x 40 cm
 2. Ladrão Hércules: 20 x 20 cm - Tipo 1
 3. Ladrão Hércules: 20 x 20 cm - Tipo 2
 4. Píedra Hércules: 40 x 40 cm
 5. Píedra Hércules: 20 x 20 cm - Tipo 3
 6. Ladrão Hércules externo
 7. Cerâmica encaixada em formato retangular
 8. Cerâmica encaixada em formato hexagonal
 9. Ladrão cerâmico cor azul
 10. Cerâmica azul
 11. Píedra retangular de vidro
 12. Píedra cerâmica retangular
 13. Cerâmica branca em formato retangular
 14. Ladrão Hércules: 20 x 20 cm - Tipo 3
 15. Ladrão Hércules: 20 x 20 cm - Tipo 4
 16. Ladrão Hércules externo colorido (azul)
- PARDE**
1. Reboco com pintura a base cal
 2. Acabado em gesso
 3. Acabado em 1.44 m
 4. Acabado em 2.2 m
- TETO**
1. Tipologia cerâmica celta
 2. Forro do tipo paco
 3. Forro Madeira - Tira-vo-casaca
 4. Ladrão Madeira
 5. Tábua queimada



Planta Baixa-Mezanino
Escala 1:100



ESPECIFICAÇÃO	DIMENSÃO(LxH)	LOCAÇÃO/PAVIMENTO	QUANTIDADE	TIPO/MATERIAL
P 01	2,55x4,25	Acesso ao mercado	01	De abrir/2 folhas perfil metálico
P 02	1,35x3,30	Sala 04	02	De abrir/2 folhas de madeira, com parte superior em vidro, e protegida internamente por dois postigos, com bandeira superior de abrir com vidro
		Sala 07	01	
		Sala 08	01	
		Sala 09	02	
		Sala 11	02	
		Sala 12	02	
		Compartmento 03	01	
		Compartmento 21	01	
		Compartmento 22	01	
		Compartmento 25	01	
		P 03	1,45x3,85	
P 04	1,55x3,30	Sala 04	01	De abrir/2 folhas de madeira com parte superior em vidro fixo, protegida internamente por dois postigos, com bandeira superior de abrir com vidro
P 05	1,50x3,85	Compartmento 07	01	De abrir/2 folhas de madeira, com bandeira superior de abrir com vidro
P 06	1,65x3,30	Sala 05	01	De abrir/2 folhas de madeira com parte superior em vidro fixo, protegida internamente por dois postigos, com bandeira superior de abrir com vidro
P 07	1,20x2,85	Sala 06	01	De abrir/2 folhas de madeira com parte superior em vidro fixo, protegida internamente por dois postigos
		Compartmento 22	01	
P 08	1,30x2,85	Sala 03	01	De abrir/2 folhas de madeira com parte superior em vidro fixo, protegida internamente por dois postigos
		Sala 06	01	
		Sala 10	01	
		Compartmento 03	01	
		Compartmento 10	01	
		Compartmento 11	01	
P 09	1,55x2,85	Sala 05	01	De abrir/2 folhas de madeira com parte superior em vidro fixo, protegida internamente por dois postigos
		Compartmento 18	01	
P 10	0,85x2,82	Sala 01	01	De abrir/1 folha de madeira, com parte superior em vidro fixo, com bandeira superior de abrir com vidro
		Sala 02	01	
		Sala 03	01	
		Sala 04	01	
		Sala 05	01	
P 11	0,75x2,10	Sala 11	01	De abrir/1 folha de madeira semi-oca
		Sala 12	01	
		Compartmento 24	01	
P 12	0,80x2,10	Compartmento 23	01	De abrir/1 folha de madeira semi-oca
		Compartmento 33	01	
		Sala 08	01	
P 13	0,95x2,75	Sala 09	01	De abrir/1 folha de madeira
		Compartmento 03	01	
P 14	1,40x2,75	Sala 05	01	De abrir/2 folhas de madeira com parte superior em vidro fixo, protegida internamente por dois postigos
P 15	0,80x2,75	Compartmento 10	01	De abrir/1 folha de madeira
P 16	0,80x2,20	Sala 07	02	De abrir/1 folha metálica, com parte superior em vidro fixo
		Compartmento 11	01	
P 17	0,85x2,15	Compartmento 25	01	De abrir/1 folha de madeira
P 18	0,75x2,10	Compartmento 26	01	De abrir/1 folha de madeira
P 19	0,70x2,10	Compartmento 27	01	De abrir/1 folha de madeira
P 20	0,85x2,00	Compartmento 29	01	De abrir/1 folha de madeira
P 21	0,80x2,30	Compartmento 29	01	De abrir/1 folha de madeira
P 22	0,80x1,90	Compartmento 31	01	De abrir/1 folha de madeira
P 23	1,30x2,85	Compartmento 34	01	De abrir/2 folhas metálicas, com parte superior em vidro fixo
P 24	3,00x3,05	Área central-bancas	01	De abrir/2 folhas metálicas, com parte superior em vidro fixo
P 25	1,34x2,30	Pátio lateral 01	01	De abrir/2 folhas perfil metálico
P 26	1,30x2,85	Sala 02	01	De abrir/1 folha de madeira
P 27	0,80x2,82	Compartmento 09	01	De abrir/2 folhas de madeira com bandeira superior com vidro fixo

ESPECIFICAÇÃO	DIMENSÃO(LxH)	LOCAÇÃO/PAVIMENTO	QUANTIDADE	TIPO/MATERIAL
J 01	1,50x2,0	Sala 05	01	2 Folhas de abrir em madeira com vidro fixo, protegida internamente por dois postigos
J 02	1,25x1,0	Sala 06	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 03	1,37x1,10	Compartmento 10	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 04	1,50x0,98	Compartmento 14	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 05	1,37x 2,0	Compartmento 15	01	2 Folhas de abrir em madeira com vidro fixo, protegida internamente por dois postigos
J 06	1,50x1,50	Compartmento 20	02	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 07	1,40x1,40	Compartmento 25	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 08	0,50x0,30	Sala 07	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 09	1,00x0,60	Compartmento 32	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
		Compartmento 28	01	
J 10	1,80x1,00	Compartmento 30	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 11	1,35x1,00	Compartmento 30	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 12	1,00x0,80	Compartmento 29	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 13	1,70x1,00	Compartmento 29	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 14	1,00x1,20	Compartmento 31	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 15	1,50x1,50	Compartmento 33	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 16	1,20x1,00	Compartmento 33	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 17	7,10x2,85	Compartmento 34	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 18	6,70x2,85	Bancas centrais	01	Basculante/Vidro-perfil metálico

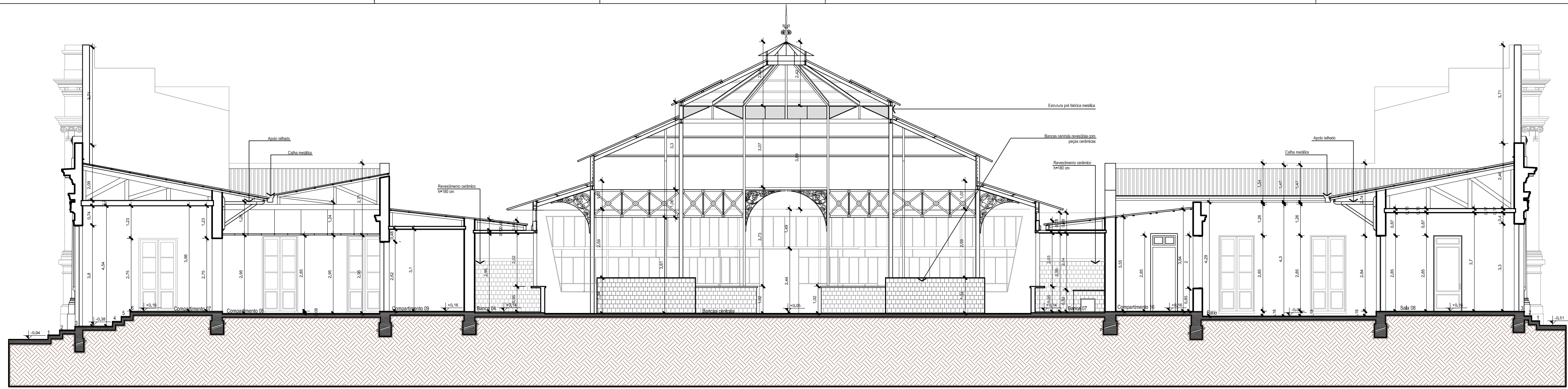


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONALIZANTE EM PATRIMÔNIO CULTURAL

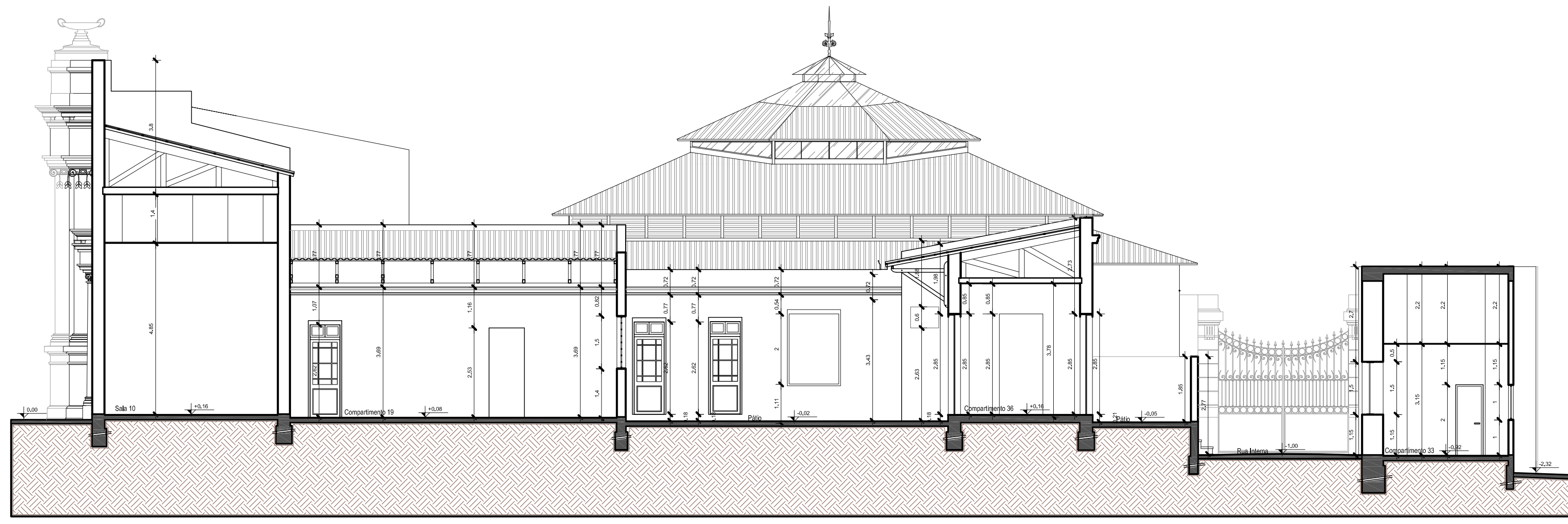
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
MERCADO PÚBLICO DE ITAQUÍ: UMA ANÁLISE DO ESTADO ATUAL DE CONSERVAÇÃO E DIRETRIZES PARA SUA PRESERVAÇÃO

AUTORA: Arquiteta Renata Pradebon Copatti
COLABORADORES: Ana Maria Belloncia, Daniela Biasuz Trevisan, Paula Tomazoni

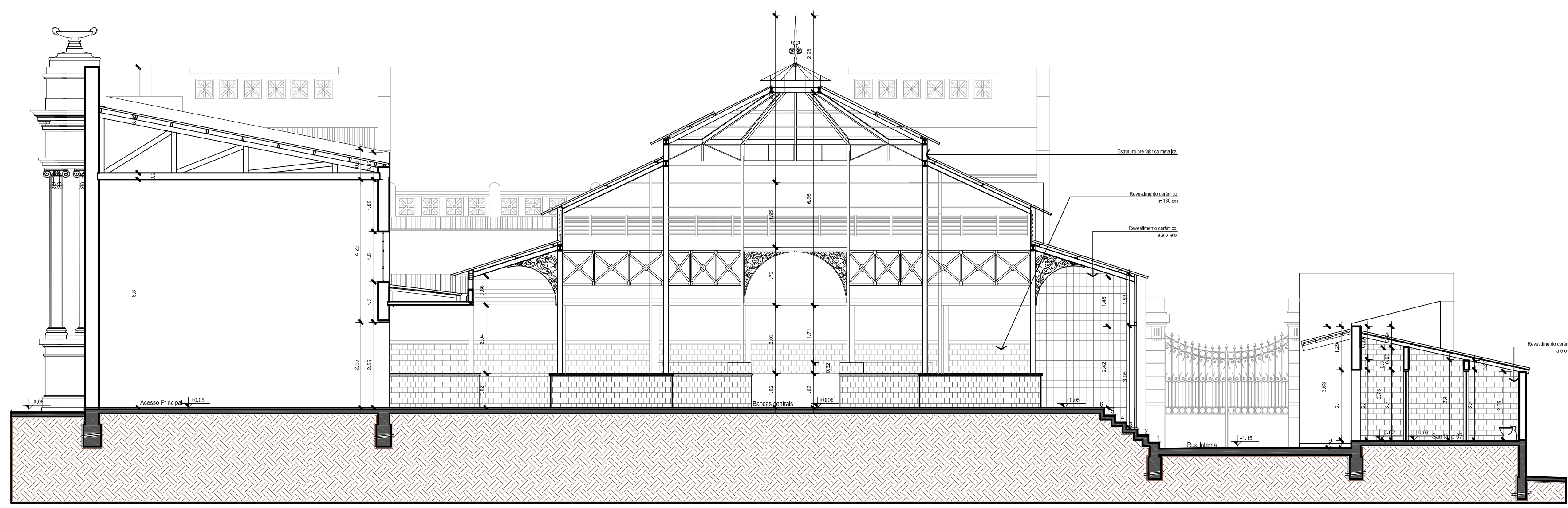
Planta Baixa
Escala 1:100



CORTE AA
Escala 1/100



CORTE BB
Escala 1/100



CORTE CC
Escala 1/100

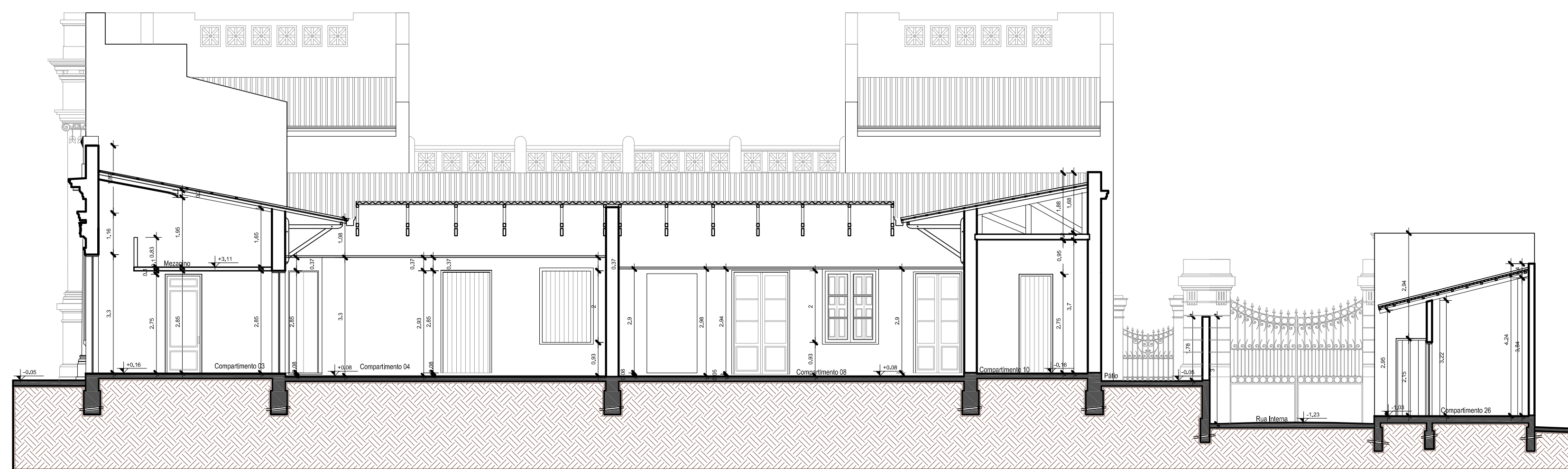


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONALIZANTE EM PATRIMÔNIO CULTURAL

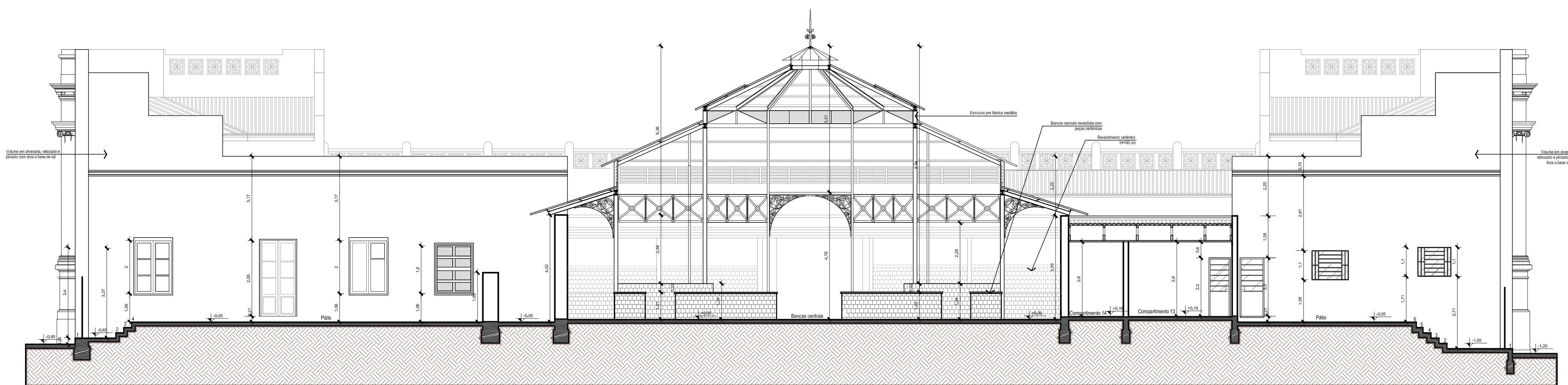
DISSERTAÇÃO DE Mestrado
MERCADO PÚBLICO DE ITAQUI: UMA ANÁLISE DO ESTADO ATUAL DE CONSERVAÇÃO E DIRETRIZES PARA SUA PRESERVAÇÃO

AUTORA: Arquiteta Renata Pradebon Copatti
COLABORADORES: Ana Maria Belladonna, Daniela Blasuz Trevisan, Paula Tomazoni

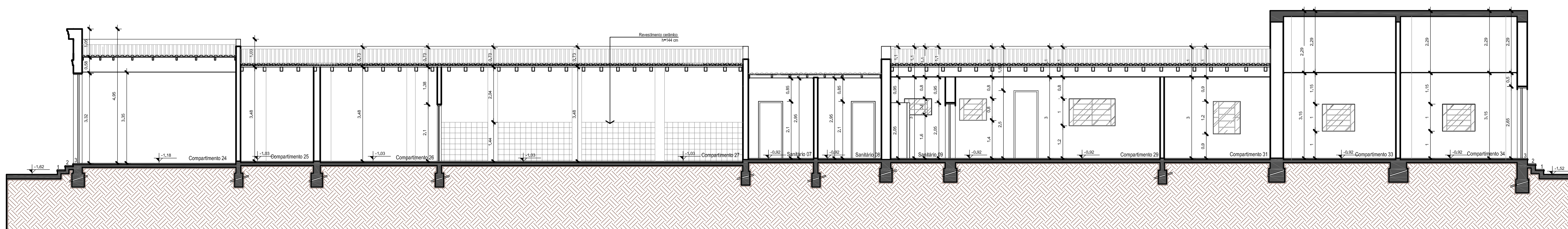
Escala: 1/100 MARÇO 2013



CORTE DD
Escala: 1/100



CORTE EE
Escala: 1/100



CORTE FF
Escala: 1/100



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONALIZANTE EM PATRIMÔNIO CULTURAL

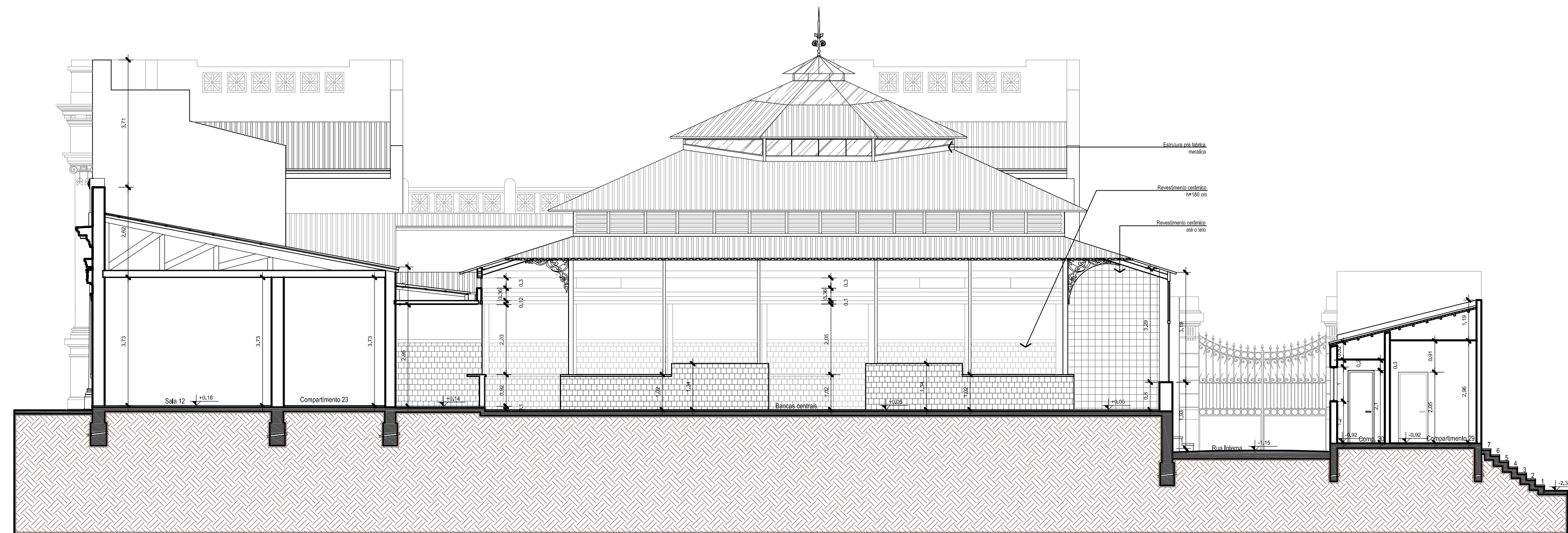
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
MERCADO PÚBLICO DE ITAQUI: UMA ANÁLISE DO ESTADO ATUAL DE CONSERVAÇÃO E DIRETRIZES PARA SUA PRESERVAÇÃO

AUTORA: Arquiteta Renata Pradebon Copatti

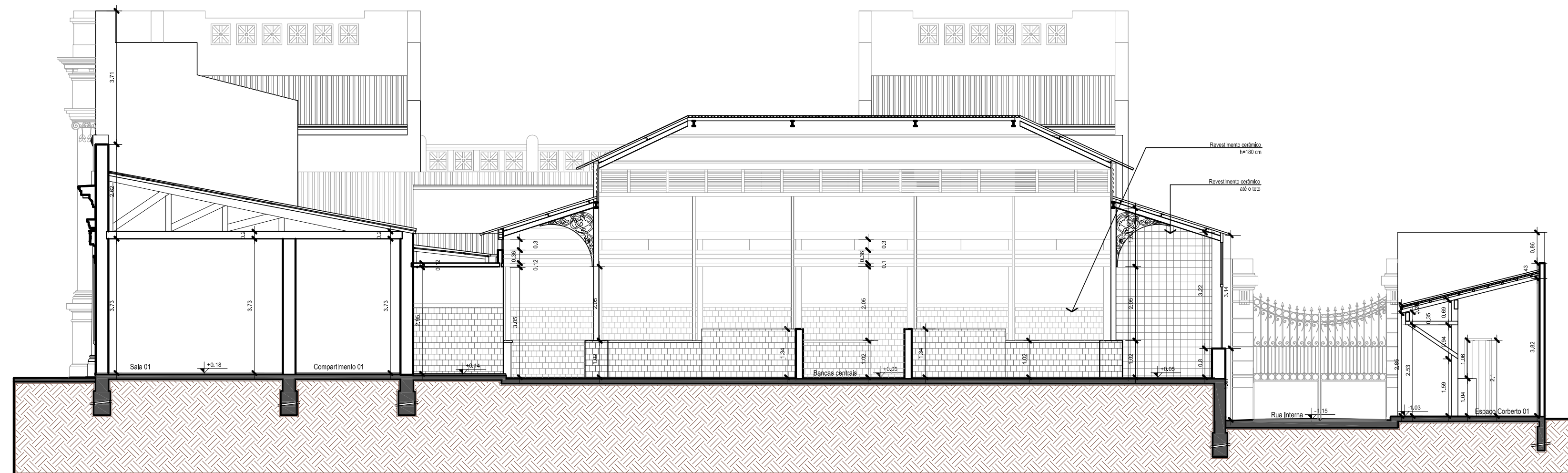
COLABORADORES: Ana Maria Belladonna, Daniela Biasuz Trevisan, Paula Tomazoni

Escala: 1/100

MARÇO 2013



CORTE GG
Escala: 1/100



CORTE HH
Escala: 1/100



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONALIZANTE EM PATRIMÔNIO CULTURAL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
MERCADO PÚBLICO DE ITAQUI: UMA ANÁLISE DO ESTADO ATUAL DE CONSERVAÇÃO E DIRETRIZES PARA SUA PRESERVAÇÃO

AUTORA: Arquiteta Renata Pradebon Copatti
COLABORADORES: Ana Maria Belladonna, Daniela Blasuz Trevisan, Paula Tomazoni

Escala: 1/100 MARÇO 2013



FACHADA SUL
Escala: 1/100



FACHADA OESTE
Escala: 1/100



FACHADA LESTE
Escala: 1/100

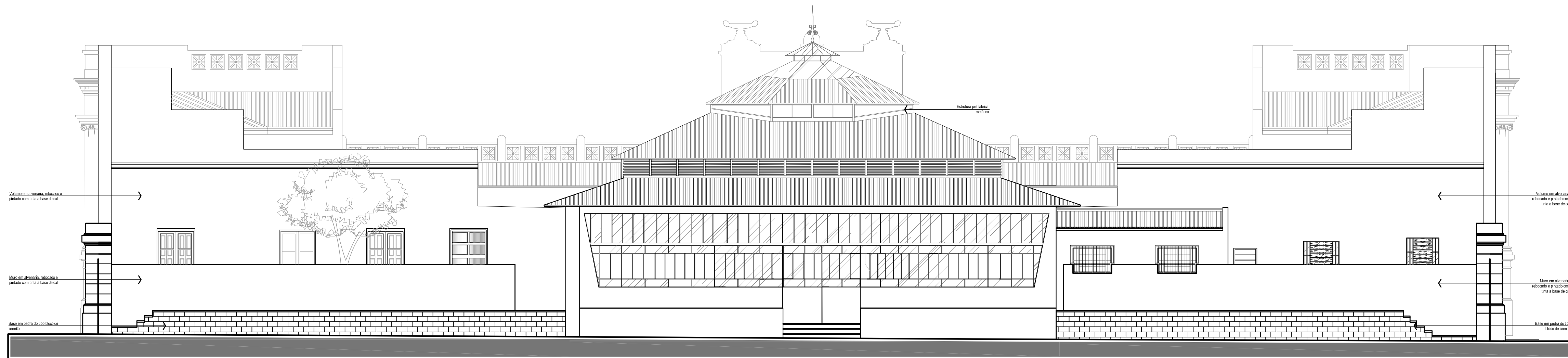


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONALIZANTE EM PATRIMÔNIO CULTURAL

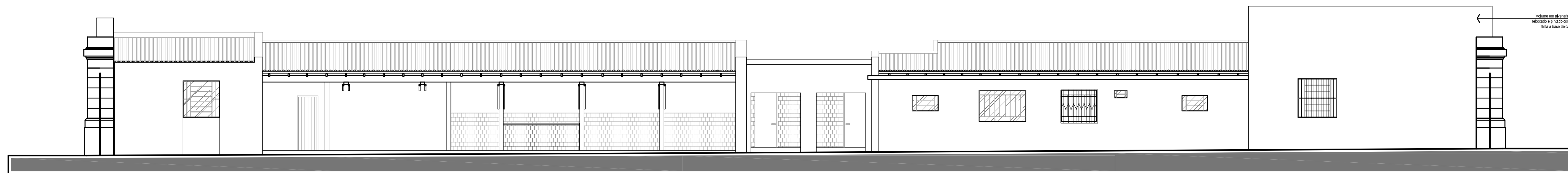
DISSERTAÇÃO DE Mestrado
MERCADO PÚBLICO DE ITAQUÍ: UMA ANÁLISE DO ESTADO ATUAL DE CONSERVAÇÃO E DIRETRIZES PARA SUA PRESERVAÇÃO

AUTORA: Arquiteta Renata Pradebon Copatti
COLABORADORES: Ana Maria Belladonna, Daniela Blasuz Trevisan, Paula Tomazoni

Escala: 1/100 MARÇO 2013



FACHADA POSTERIOR NORTE
Escala 1/100



FACHADA POSTERIOR SUL
Escala 1/100

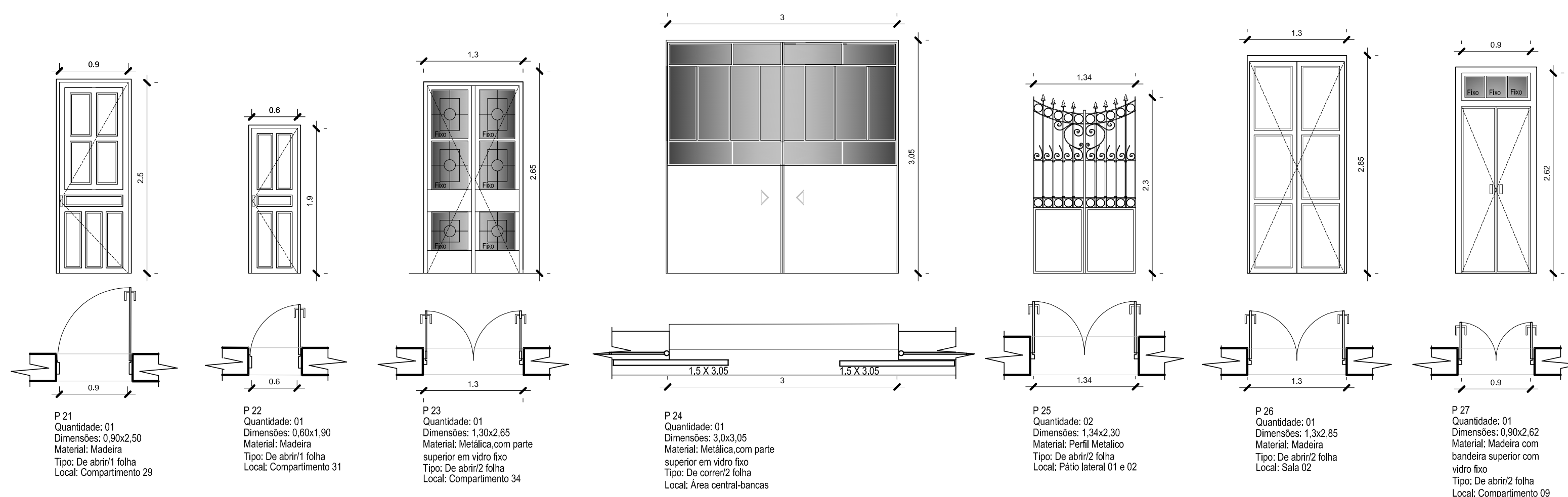
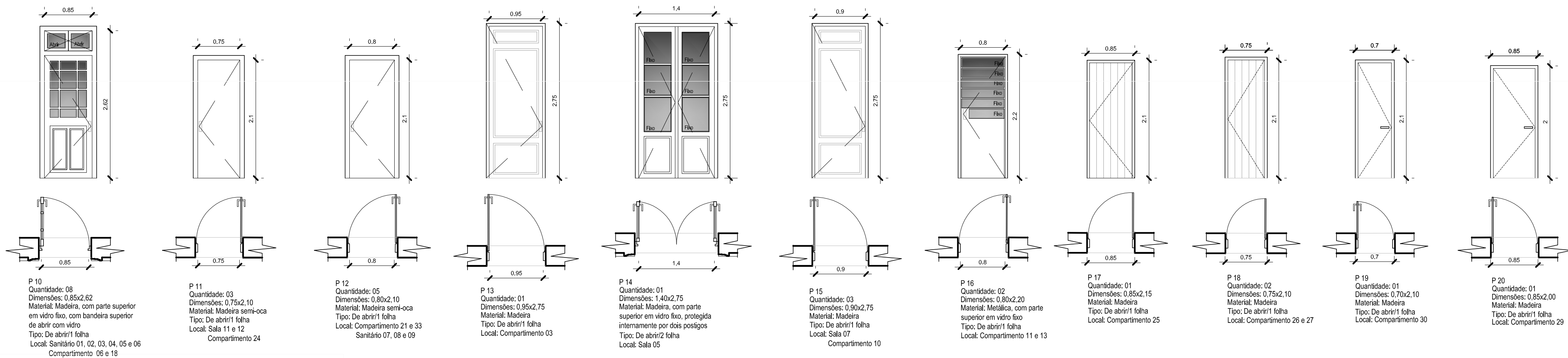
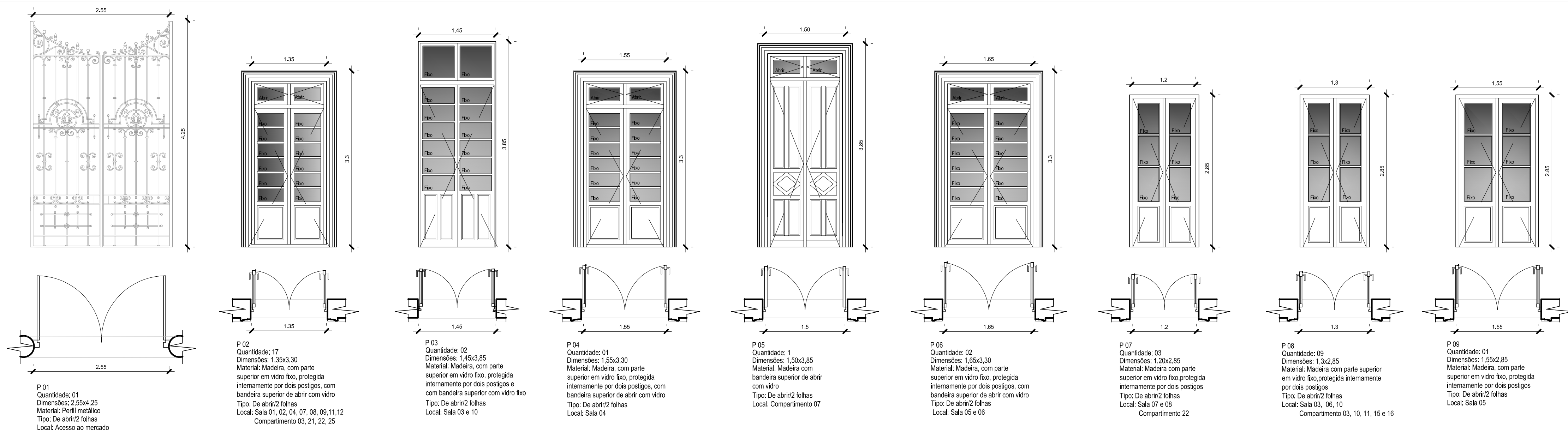


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONALIZANTE EM PATRIMÔNIO CULTURAL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
MERCADO PÚBLICO DE ITAQUI: UMA ANÁLISE DO ESTADO ATUAL DE CONSERVAÇÃO E DIRETRIZES PARA SUA PRESERVAÇÃO

AUTORA: Arquiteta Renata Pradebon Copatti
COLABORADORES: Ana Maria Belladonna, Daniela Blasuz Trevisan, Paula Tomazoni

Escala: 1/100 MARÇO 2013



ESPECIFICAÇÃO	DIMENSÃO(LXH)	LOCAÇÃO/PAVIMENTO	QUANTIDADE	TIPO/MATERIAL			
P 01	2,55x4,25	Acesso ao mercado	01	De abrir/2 folhas perfil metálico			
P 02	1,35x3,30	Sala 01	02	De abrir/2 folhas de madeira, com parte superior em vidro fixo, e protegida internamente por dois postigos, com bandeira superior de abrir com vidro			
		Sala 02	01				
		Sala 04	01				
		Sala 07	01				
		Sala 08	01				
		Sala 09	02				
		Sala 11	02				
		Sala 12	02				
		Compartimento 03	01				
		Compartimento 21	01				
		Compartimento 22	01				
		Compartimento 25	01				
		P 03	1,45x3,85		Sala 03	01	De abrir/2 folhas de madeira, com parte superior em vidro fixo, protegida internamente por dois postigos e com bandeira superior de abrir com vidro
		P 04	1,55x3,30		Sala 04	01	De abrir/2 folhas de madeira, com parte superior em vidro fixo, protegida internamente por dois postigos, com bandeira superior de abrir com vidro
		P 05	1,50x3,85		Compartimento 07	01	De abrir/2 folhas de madeira, com bandeira superior de abrir com vidro
		P 06	1,65x3,30		Sala 05	01	De abrir/2 folhas de madeira, com parte superior em vidro fixo, protegida internamente por dois postigos, com bandeira superior de abrir com vidro
					Sala 06	01	
Sala 07	01						
P 07	1,20x2,85	Sala 08	01	De abrir/2 folhas de madeira, com parte superior em vidro fixo, protegida internamente por dois postigos			
		Compartimento 22	01				
P 08	1,30x2,85	Sala 03	01	De abrir/2 folhas de madeira, com parte superior em vidro fixo, protegida internamente por dois postigos			
		Sala 06	01				
		Compartimento 03	01				
		Compartimento 10	01				
		Compartimento 11	01				
		Compartimento 15	01				
P 09	1,55x2,85	Sala 05	01	De abrir/2 folhas de madeira, com parte superior em vidro fixo, protegida internamente por dois postigos			
		Compartimento 16	02				
P 10	0,85x2,62	Sanitário 01	01	De abrir/1 folha de madeira, com parte superior em vidro fixo, com bandeira superior de abrir com vidro			
		Sanitário 02	01				
		Sanitário 03	01				
		Sanitário 04	01				
		Sanitário 05	01				
		Sanitário 06	01				
P 11	0,75x2,10	Compartimento 06	01	De abrir/1 folha de madeira semi-oca			
		Compartimento 18	01				
		Sala 11	01				
P 12	0,80x2,10	Sala 12	01	De abrir/1 folha de madeira semi-oca			
		Compartimento 24	01				
		Compartimento 21	01				
		Compartimento 33	01				
P 13	0,95x2,75	Sanitário 07	01	De abrir/1 folha de madeira			
		Compartimento 03	01				
P 14	1,40x2,75	Sala 05	01	De abrir/1 folha de madeira, com parte superior em vidro fixo, protegida internamente por dois postigos			
P 15	0,90x2,75	Compartimento 10	01	De abrir/1 folha de madeira			
P 16	0,80x2,20	Compartimento 11	01	De abrir/1 folha metálica, com parte superior em vidro fixo			
P 17	0,85x2,15	Compartimento 25	01	De abrir/1 folha de madeira			
P 18	0,75x2,10	Compartimento 27	01	De abrir/1 folha de madeira			
P 19	0,70x2,10	Compartimento 30	01	De abrir/1 folha de madeira			
P 20	0,85x2,00	Compartimento 29	01	De abrir/1 folha de madeira			
P 21	0,60x1,90	Compartimento 29	01	De abrir/1 folha de madeira			
P 22	0,60x1,90	Compartimento 31	01	De abrir/1 folha de madeira			
P 23	1,30x2,65	Compartimento 34	01	De abrir/2 folhas metálicas, com parte superior em vidro fixo			
P 24	1,34x2,30	Área central-bancas	01	De abrir/2 folhas metálicas, com parte superior em vidro fixo			
P 25	1,34x2,30	Pátio lateral 01	01	De abrir/2 folhas perfil metálico			
P 26	1,30x2,85	Sala 02	01	De abrir/2 folhas de madeira			
P 27	0,90x2,62	Compartimento 09	01	De abrir/2 folhas de madeira com bandeira superior com vidro fixo			

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONALIZANTE EM PATRIMÔNIO CULTURAL

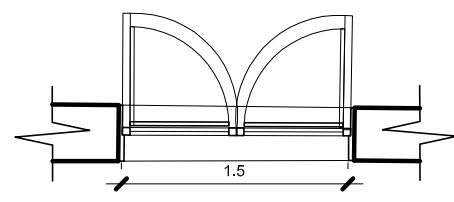
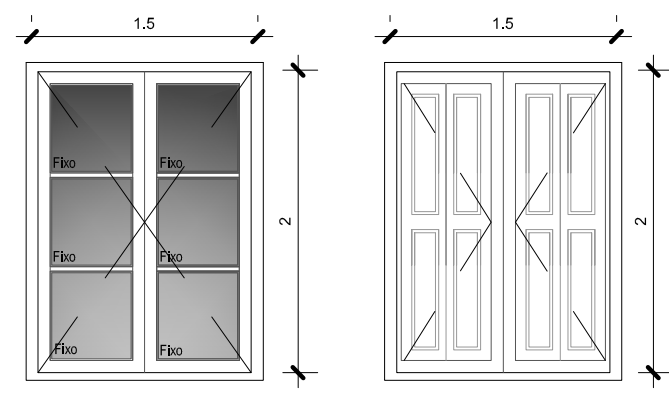
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
MERCADO PÚBLICO DE ITAQUI: UMA ANÁLISE DO ESTADO ATUAL DE CONSERVAÇÃO E DIRETRIZES PARA SUA PRESERVAÇÃO

AUTORA: Arquiteta Renata Pradebon Copatti
COLABORADORES: Ana Maria Belladonna, Daniela Biasuz Trevisan, Paula Tomazoni

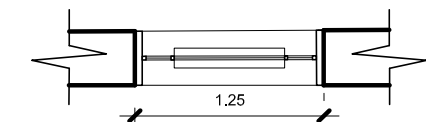
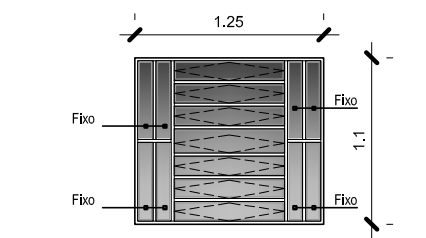
Escala: 1/50 MARÇO 2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
1960

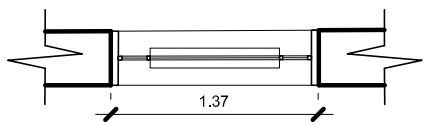
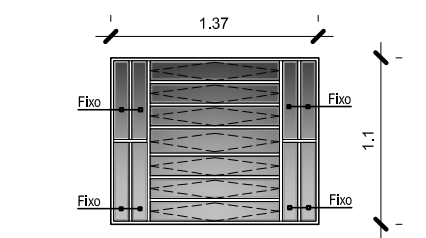
APÊNDICE A
PRANCHA 9/10



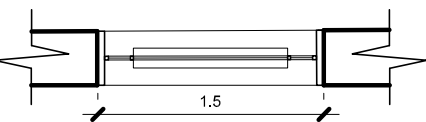
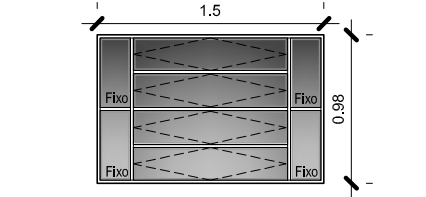
J 01
Quantidade: 01
Dimensões: 1,50x2,0
Material: Madeira com vidro fixo,
protegida internamente por dois postigos
Tipo: De abrir/2 folhas
Local: Sala 05



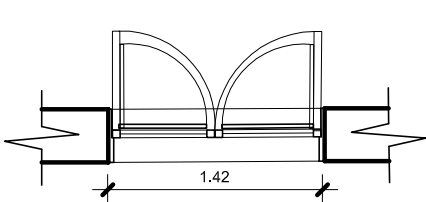
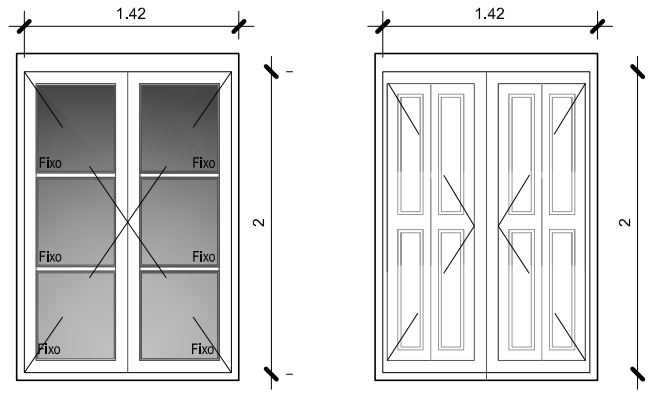
J 02
Quantidade: 01
Dimensões: 1,25x1,10
Material: Vidro - perfil metálico
Tipo: Basculante
Local: Sala 06



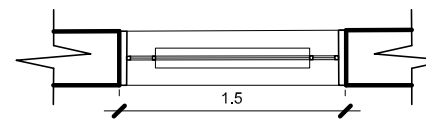
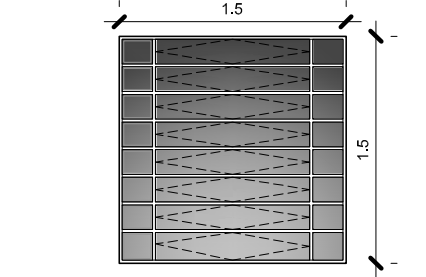
J 03
Quantidade: 01
Dimensões: 1,37x1,10
Material: Vidro - perfil metálico
Tipo: Basculante
Local: compartimento 10



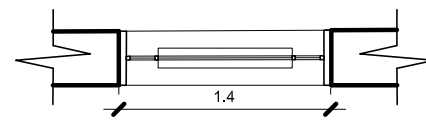
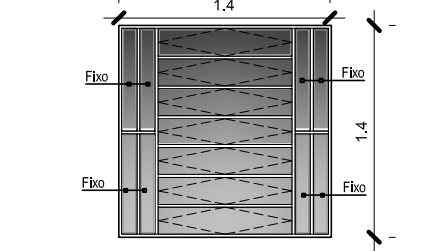
J 04
Quantidade: 02
Dimensões: 1,50x0,98
Material: Vidro - perfil metálico
Tipo: Basculante
Local: compartimento 13 e 14



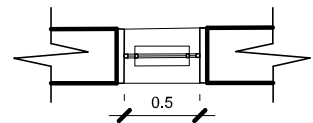
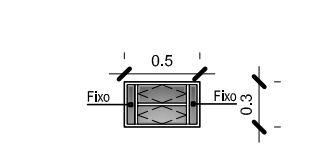
J 05
Quantidade: 02
Dimensões: 1,37x2,0
Material: Madeira com vidro
fixo, protegida internamente
por dois postigos
Tipo: De abrir/ 2 folhas
Local: compartimento 15 e Sala 07



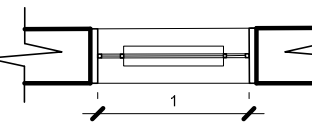
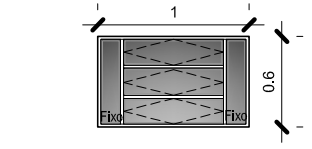
J 06
Quantidade: 02
Dimensões: 1,50x1,50
Material: Vidro - perfil metálico
Tipo: Basculante
Local: compartimento 20



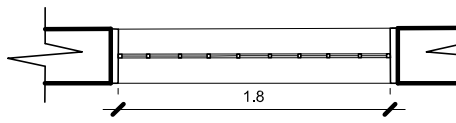
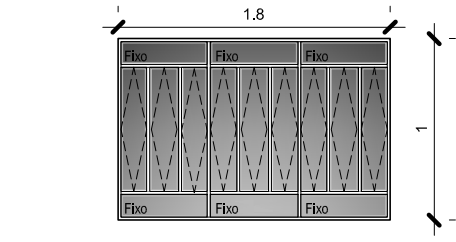
J 07
Quantidade: 01
Dimensões: 1,40x1,40
Material: Vidro - perfil metálico
Tipo: Basculante
Local: compartimento 25



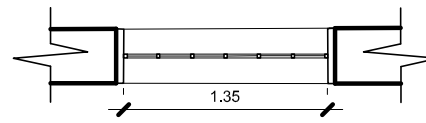
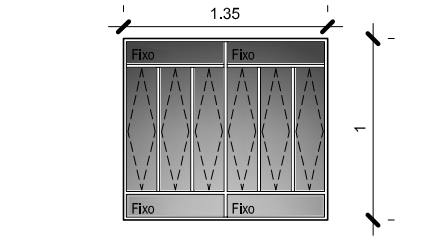
J 08
Quantidade: 03
Dimensões: 0,50x0,30
Material: Vidro - perfil metálico
Tipo: Basculante
Local: compartimento 32,
Sanitário 07 e 08



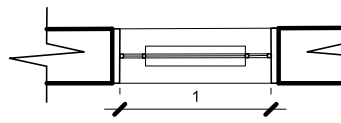
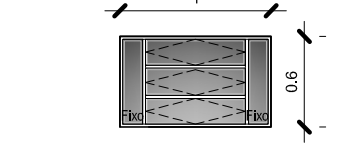
J 09
Quantidade: 03
Dimensões: 1,00x0,60
Material: Vidro - perfil metálico
Tipo: Basculante
Local: compartimento 32, 28 e
Sanitário 09



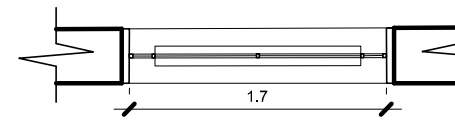
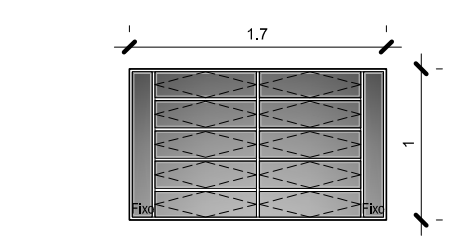
J 10
Quantidade: 01
Dimensões: 1,80x1,00
Material: Vidro - perfil metálico
Tipo: Basculante
Local: compartimento 30



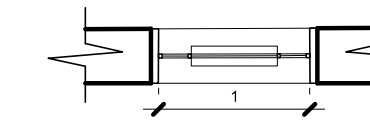
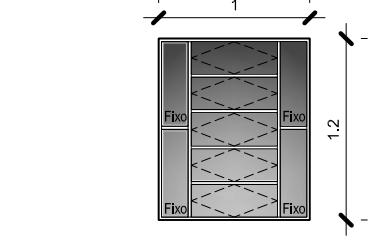
J 11
Quantidade: 01
Dimensões: 1,35x1,00
Material: Vidro - perfil metálico
Tipo: Basculante
Local: compartimento 30



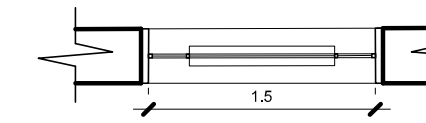
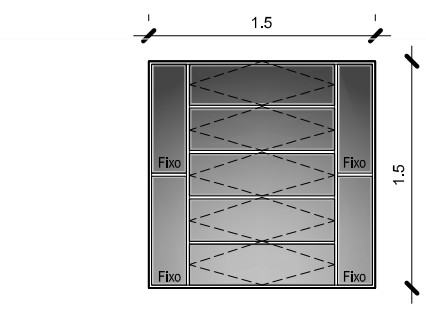
J 12
Quantidade: 01
Dimensões: 1,00x0,80
Material: Vidro - perfil metálico
Tipo: Basculante
Local: compartimento 29



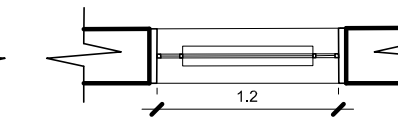
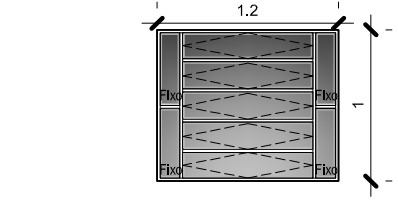
J 13
Quantidade: 01
Dimensões: 1,70x1,00
Material: Vidro - perfil metálico
Tipo: Basculante
Local: compartimento 29



J 14
Quantidade: 01
Dimensões: 1,00x1,20
Material: Vidro - perfil metálico
Tipo: Basculante
Local: compartimento 31

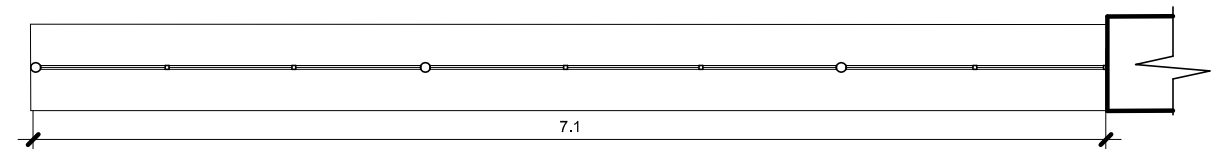
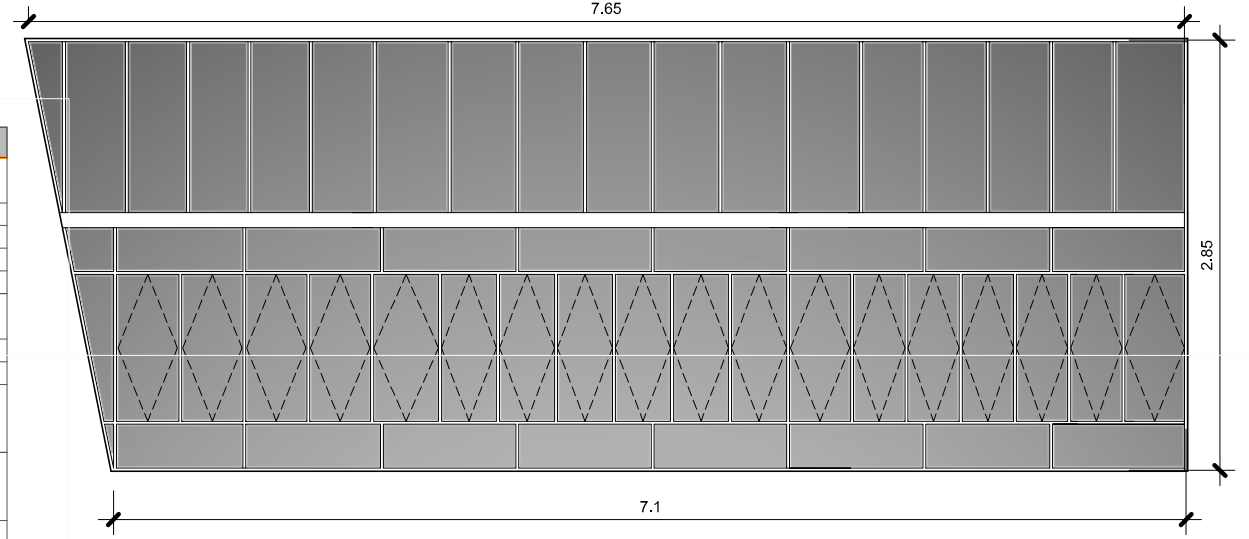


J 15
Quantidade: 01
Dimensões: 1,50x1,50
Material: Vidro - perfil metálico
Tipo: Basculante
Local: compartimento 33

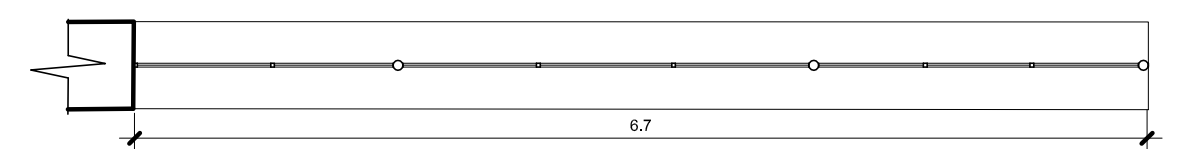
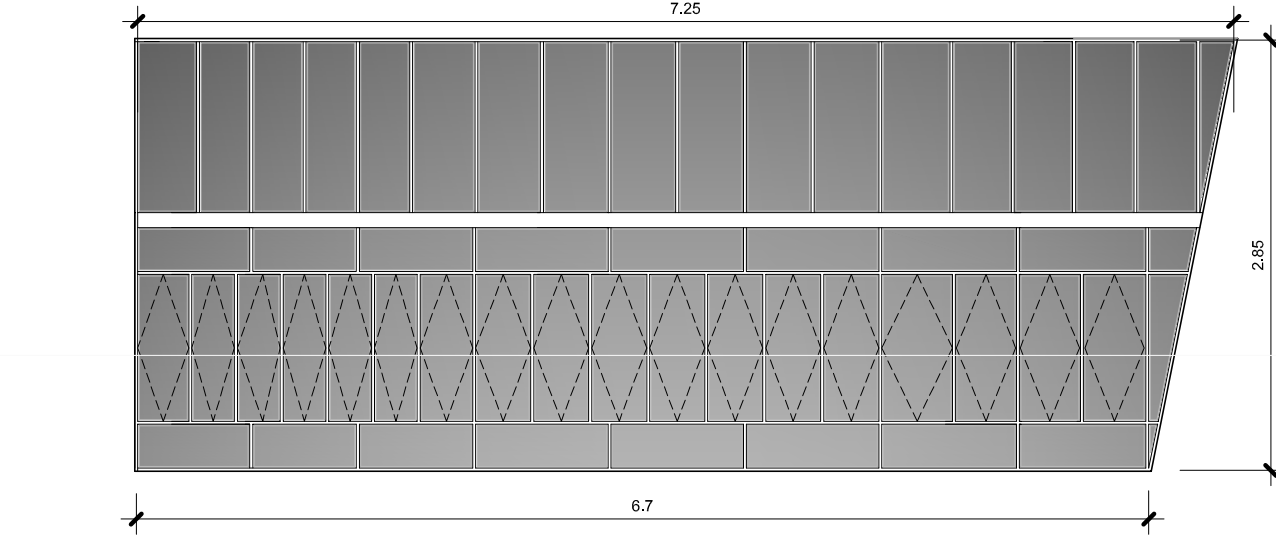


J 16
Quantidade: 02
Dimensões: 1,20x1,00
Material: Vidro - perfil metálico
Tipo: Basculante
Local: compartimento 33 e 34

ESPECIFICAÇÃO	DIMENSÃO(LXH)	LOCAÇÃO/PAVIMENTO	QUANTIDADE	TIPO/MATERIAL
J 01	1,50x2,0	Sala 05	01	2 Folhas de abrir em madeira com vidro fixo, protegida internamente por dois postigos
J 02	1,25x1,10	Sala 06	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 03	1,37x1,10	Compartimento 10	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 04	1,50x0,98	Compartimento 13	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 05	1,37x 2,0	Compartimento 14	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 06	1,50x1,50	Compartimento 15	01	2 Folhas de abrir em madeira com vidro fixo, protegida internamente por dois postigos
J 07	1,40x1,40	Sala 07	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 08	0,50x0,30	Compartimento 20	02	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 09	1,00x0,60	Compartimento 25	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 10	1,80x1,00	Sanitário 07	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 11	1,35x1,00	Sanitário 08	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 12	1,00x0,80	Compartimento 32	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 13	1,70x1,00	Sanitário 09	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 14	1,00x1,20	Compartimento 28	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 15	1,50x1,50	Compartimento 32	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 16	1,20x1,00	Compartimento 28	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 17	7,10x2,85	Compartimento 30	01	Basculante/Vidro-perfil metálico
J 18	6,70x2,85	Compartimento 30	01	Basculante/Vidro-perfil metálico



J 17
Quantidade: 01
Dimensões: 7,10x2,85
Material: Vidro - perfil metálico
Tipo: Basculante
Local: bancas centrais



J 18
Quantidade: 01
Dimensões: 6,70x2,85
Material: Vidro - perfil metálico
Tipo: Basculante
Local: bancas centrais

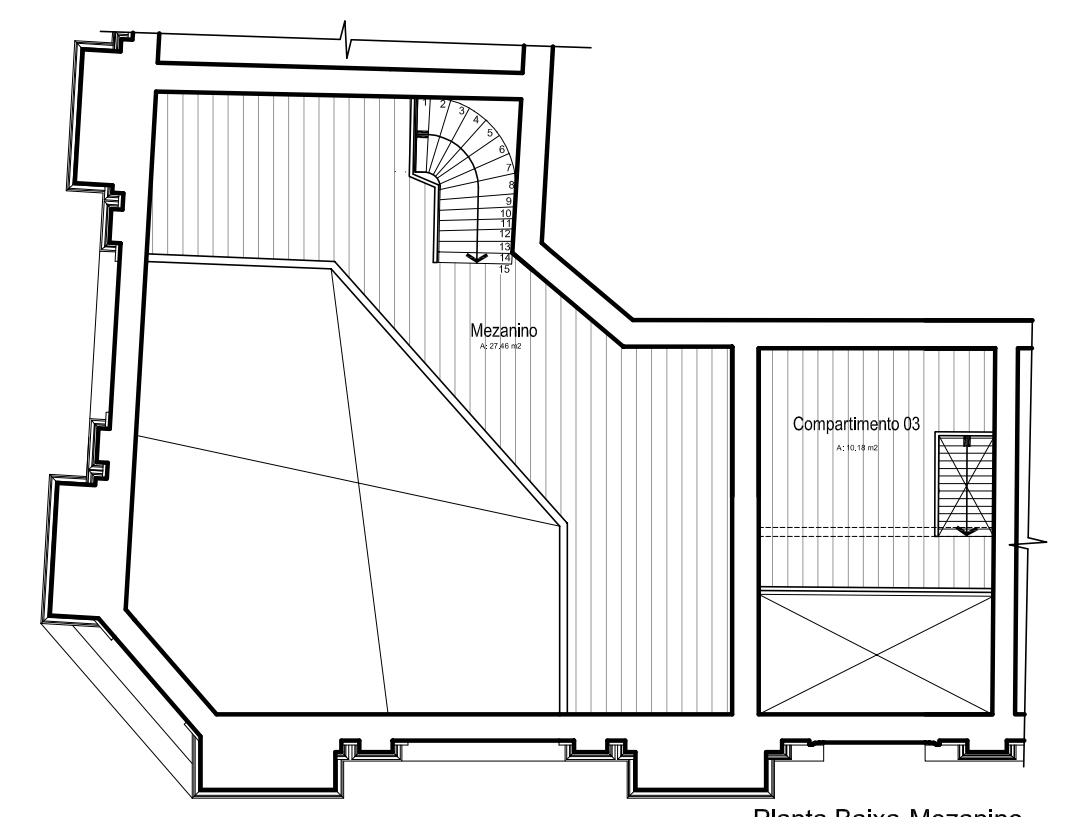
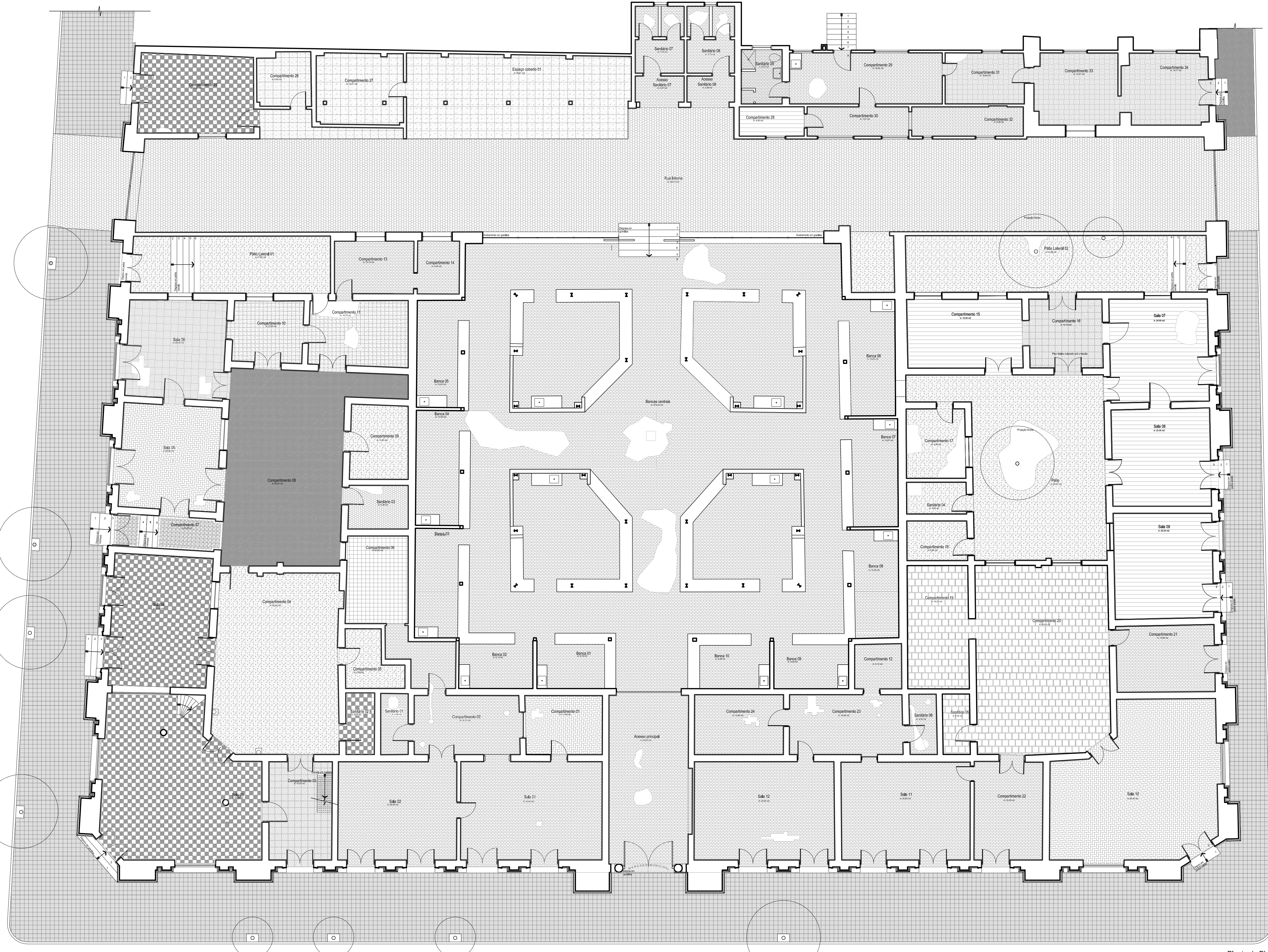


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONALIZANTE EM PATRIMÔNIO CULTURAL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
MERCADO PÚBLICO DE ITAQUI: UMA ANÁLISE DO ESTADO ATUAL DE CONSERVAÇÃO E DIRETRIZES PARA SUA PRESERVAÇÃO

AUTORA: Arquiteta Renata Pradebon Copatti
COLABORADORES: Ana Maria Belladonna, Daniela Blasuz Trevisan, Paula Tomazoni

Apêndice B – Planta de piso



Planta Baixa-Mezanino
Escala: 1/100

LEGENDA PLANTA DE PISO

1. Placa de piso vinílico, 40 x 40 cm	11. Pedra retangular de arenito
2. Ladrilho Hidráulico, 20 x 20 cm- Tipo 1	12. Parede/plafundo regular
3. Ladrilho Hidráulico, 20 x 20 cm- Tipo 2	13. Cerâmica branca em formato retangular
4. Piso Tabuado L=20 cm	14. Ladrilho Hidráulico, 20 x 20 cm- Tipo 3
5. Piso Parquet	15. Ladrilho Hidráulico, 20 x 20 cm- Tipo 4
6. Ladrilho Hidráulico externo	16. Ladrilho Hidráulico externo calçada passageira
7. Cerâmica vermelha em formato retangular	
8. Cerâmica vermelha em formato hexagonal	
9. Lajota cerâmica na cor ocre	
10. Contra piso	

Planta de Piso
Escala: 1/100

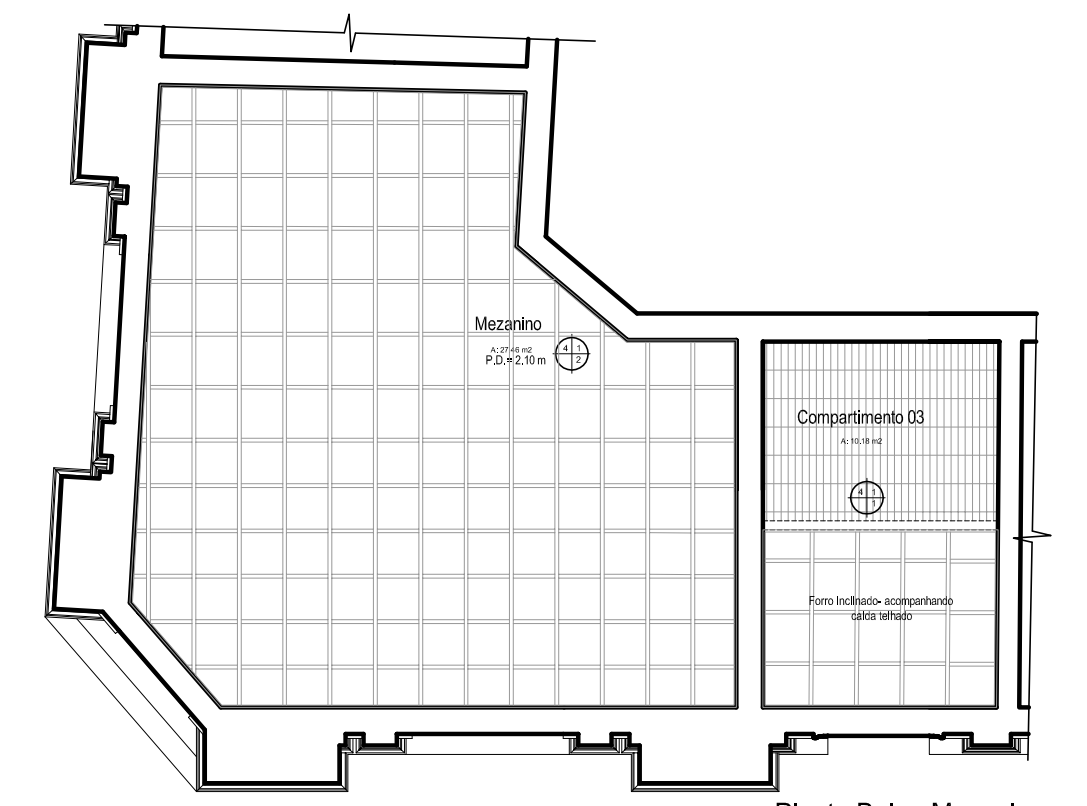
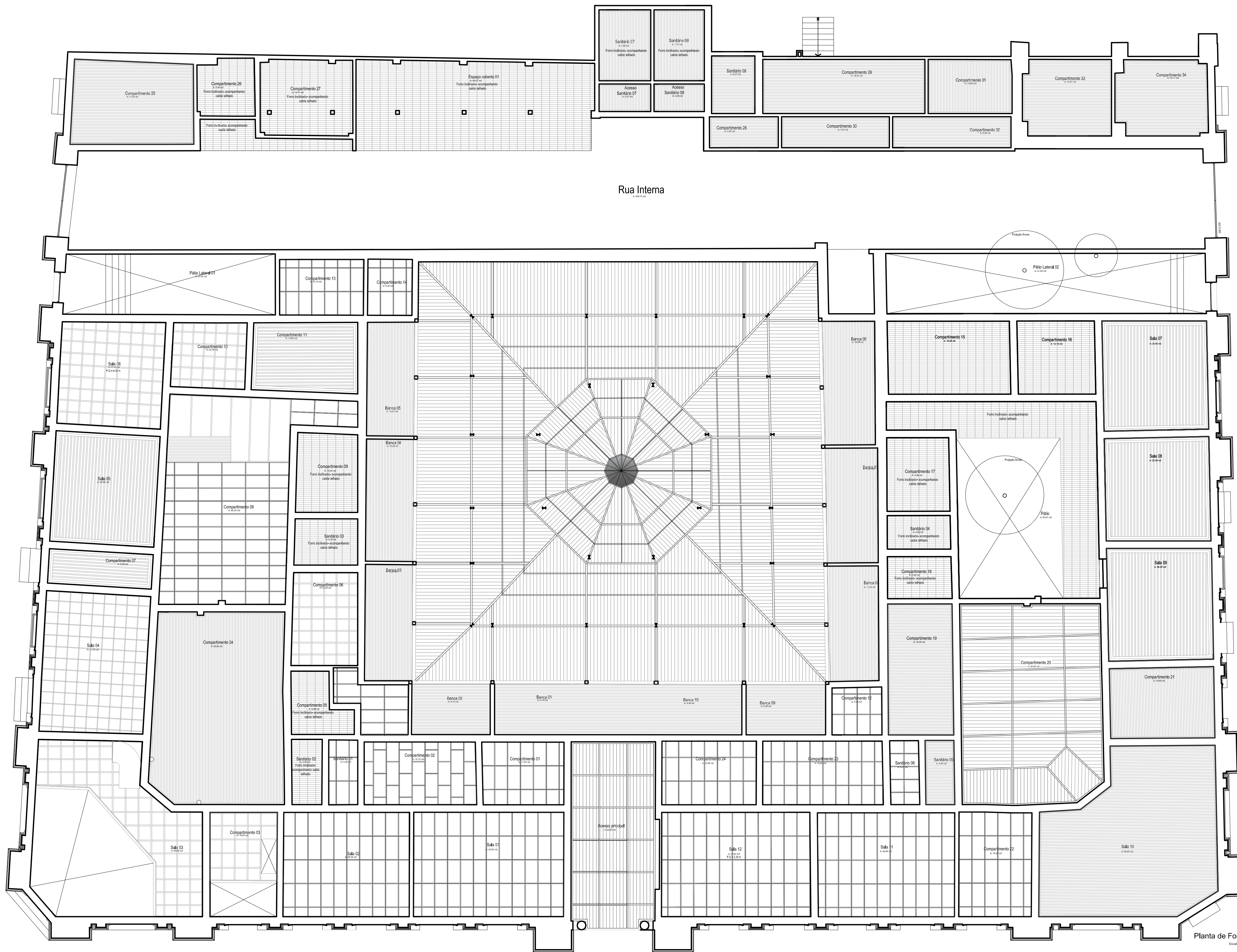


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONALIZANTE EM PATRIMÔNIO CULTURAL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
MERCADO PÚBLICO DE ITAQUI: UMA ANÁLISE DO ESTADO ATUAL DE CONSERVAÇÃO E DIRETRIZES PARA SUA PRESERVAÇÃO


AUTORA: Arquiteta Renata Pradebon Copatti
COLABORADORES: Ana Maria Belladonna, Daniela Biasuz Trevisan, Paula Tomazoni

Apêndice C – Planta de forro



LEGENDA PLANTA DE FORRO

- 1. Tijolo cerâmico calta
- 2. Forro do tipo pacote
- 3. Forro Madeira - Tipo sala-camisã
- 4. Lambril Madeira
- 5. Telhado aparente



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
1960

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONALIZANTE EM PATRIMÔNIO CULTURAL

APÊNDICE C

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
MERCADO PÚBLICO DE ITAQUI: UMA ANÁLISE DO ESTADO ATUAL DE CONSERVAÇÃO E DIRETRIZES PARA SUA PRESERVAÇÃO

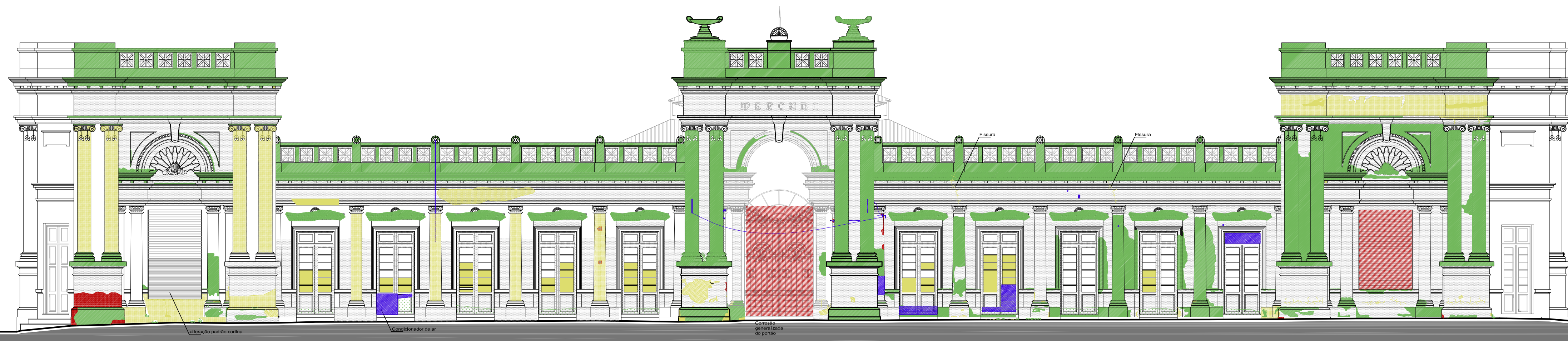
AUTORA: Arquiteta Renata Pradebon Copatti

COLABORADORES: Ana Maria Belladonna, Daniela Biasuz Trevisan, Paula Tomazoni

Escala: 1/100

MARÇO 2013

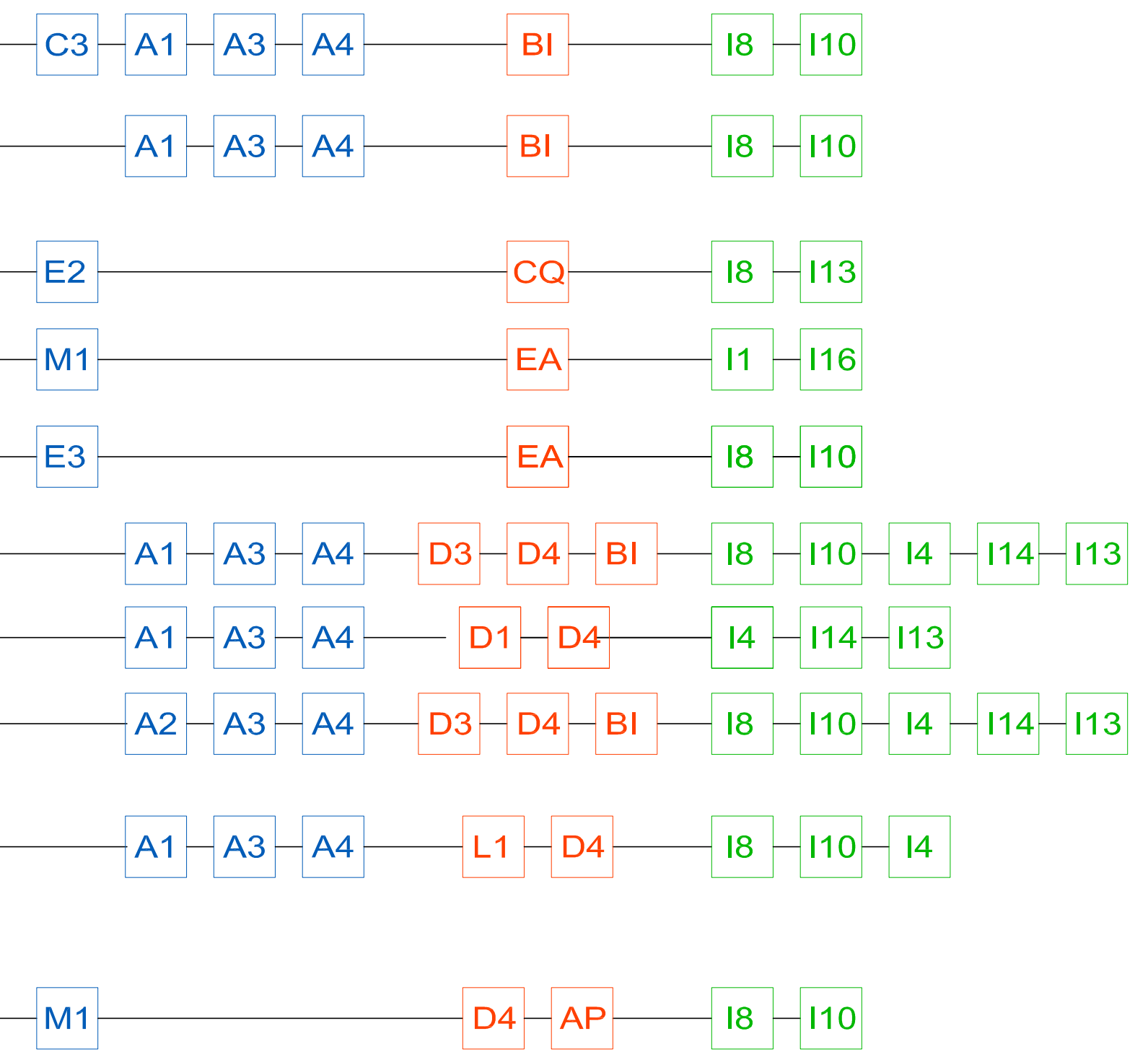
Apêndice D – Mapas de Danos



FACHADA SUL

LEGENDA DE DEGRADAÇÕES

	Desagregação de reboco		Esfoliação por intemperismo prolongado		Material faltante / quebrado		Manchamento do elemento ou pintura por agentes agressivos - urina/ fezes/ ácidos
	Flexão/ quebra/ choque por ação de carga		Fissuras no reboco		Pichação/ poluição visual		Corrosão química ou galvânica
	Desgaste por uso prolongado, abuso ou atrito		Rachaduras nos tijolos		Degradação de pintura por intemperismo prolongado		Entupimentos e desgastes causados por pequenos animais
	Ressecamento/ desagregação por radiação solar		Fenda na parede		Elemento recente ou adicionado		Vegetação
	Queima ou desagregação causada por fogo		Esmagamento de elemento construtivo		Remendos no reboco com argamassa de cimento		Consumo por insetos
	Descolamento (empolamento) de reboco		Empenamento do componente		Eflorescências ou criptoflorescências		Apodrecimento originado por umidade, fungos e algas
	Vesículas no reboco		Manchamento do elemento ou pintura por água		Degeneração por exposição a agentes agressivos - urina/ fezes/ ácidos		Biofilme
							Falhas no crescimento/ secagem de madeira



INTERVENÇÕES

- I INTERVENÇÃO
- I1 REMOÇÃO
- I2 LIMPEZA
- I3 RECOMPOSIÇÃO
- I4 RECONSTITUIÇÃO
- I5 ADEQUAÇÃO
- I6 COMPLEMENTAÇÃO
- I7 RECUPERAÇÃO
- I8 IDENTIFICAÇÃO ORIGEM
- I9 ELIMINAÇÃO DA FONTE CAUSADORA
- I10 TECNICO ESPECIALIZADO
- I11 SUBSTITUIÇÃO
- I12 RASPAGEM
- I13 REPINTURA
- I14 REBOCO NOVO
- I15 LIXAR
- I16 SUBSTITUIÇÃO DE PEÇA
- I17 IMPERMEABILIZAÇÃO

ELEMENTOS MATERIAIS

- | | |
|------------------------------|--------------------------------|
| A ALVENARIA | C COBERTURAS |
| A1 TIJOLOS MACIÇOS | C1 CALHA OU RUFO |
| A2 BLOCO DE PEDRA DE ARENITO | C2 TELHA METÁLICA |
| A3 REBOCO | C3 COROAMENTO |
| A4 PINTURA | E METÁLICA |
| M MADEIRA | E1 FERRAGEM DAS ESTRUTURAS |
| M1 PORTA | E2 ESTRUTURA EM GRADE DE FERRO |
| M2 JANELAS | E3 PERSIANA METÁLICA |
| M3 COBERTURA | P PEDRA |
| V VIDROS | P1 SOLEIRA EM PEDRA ARENITO |
| V1 VIDROS | P2 SOLEIRA EM GRANITINA |

DEGRADAÇÃO

- | | |
|--|--|
| AP APODRECIMENTO ORIGINADO POR UMIDADE, FUNGOS OE ALGAS | F FALHAS NO CRESCIMENTO/ SECAGEM DE MADEIRA |
| BI BIOFILME | FL FLEXÃO/ QUEBRA/ CHOQUE POR AÇÃO DE CARGA |
| CI CONSUMO POR INSETOS | MA MANCHAMENTO DE ELEMENTO OU PINTURA POR ÁGUA |
| CQ CORROSÃO QUÍMICA OU GALVÂNICA | ME MANCHAMENTO DE ELEMENTO OU PINTURA POR AGENTES AGRESSIVOS |
| D1 DESAGRAGAÇÃO DE REBOCO | MF MATERIAL FALTANTE/ QUEBRADO |
| D2 DESGASTE POR USO PROLONGADO, ABUSO OU ATRITO | RE RESSECAMENTO/ DESAGREGAÇÃO POR RADIAÇÃO SOLAR |
| D3 DESCOLAMENTO (EMPOLAMENTO) DE REBOCO | RR REMENDO NO REBOCO COM ARGAMASSA DE CIMENTO |
| D4 DEGRADAÇÃO DE PINTURA POR INTEMPERISMO PROLONGADO | VE VEGETAÇÃO |
| D5 DEGENERAÇÃO POR EXPOSIÇÃO A AGENTES AGRESSIVOS | VR VESÍCULAS NO REBOCO |
| EA ELEMENTO RECENTE OU ADICIONADO | L LESÃO |
| E ESFOLIAÇÃO POR INTEMPERISMO PROLONGADO | L1 FISSURA NO REBOCO |
| EC EMPENAMENTO DO COMPONENTE | L2 FENDA NA PAREDE |
| EF EFLORESCÊNCIAS OU CRIPTOFLORESCÊNCIA | L3 RACHADURA NOS TIJOLOS |
| EN ENTUPIMENTOS OU DESGASTES CAUSADOS POR PEQUENOS ANIMAIS | L4 ESMAGAMENTO DE ELEMENTO CONSTRUTIVO |
| | L5 QUEIMA OU DESAGREGAÇÃO CAUSADA POR FOGO |
| | L6 PICHAÇÃO/POLUIÇÃO VISUAL |



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROFISSIONALIZANTE EM PATRIMÔNIO CULTURAL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
MERCADO PÚBLICO DE ITAQUI: UMA ANÁLISE DO ESTADO ATUAL DE CONSERVAÇÃO E DIRETRIZES PARA SUA PRESERVAÇÃO

AUTORA: Arquiteta Renata Pradebon Copatti
COLABORADORES: Ana Maria Belladonna, Daniela Biasuz Trevisan, Paula Tomazoni

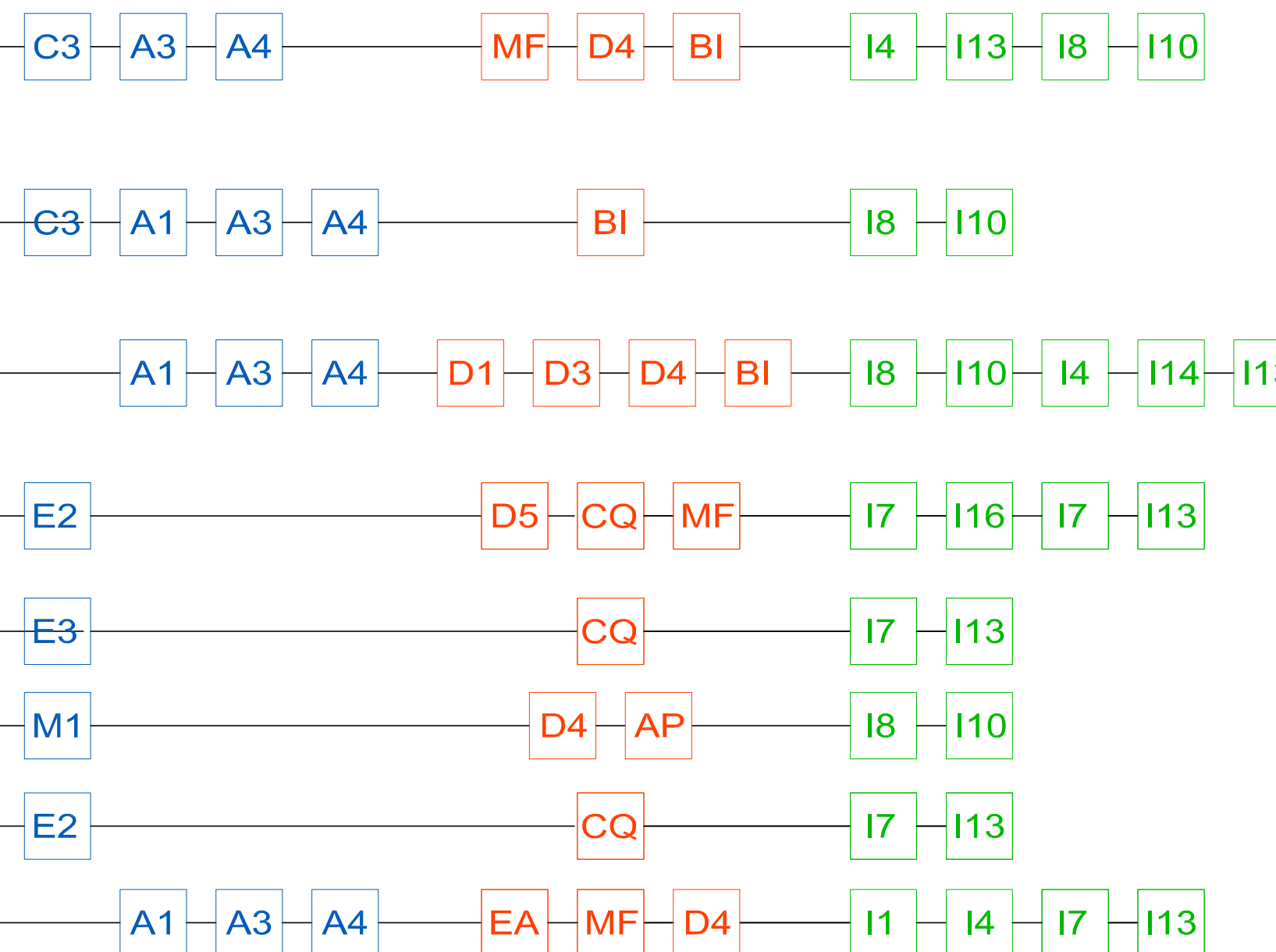
Escala: 1/100 MARÇO 2013



FACHADA LESTE

LEGENDA DE DEGRADAÇÕES

Desagregação de reboco	Esfoliação por intemperismo prolongado	Material faltante / quebrado	Mancharmento do elemento ou pintura por agentes agressivos - urina/ fezes/ ácidos
Flexão/ quebra/ choque por ação de carga	Fissuras no reboco	Pichação/ poluição visual	Corrosão química ou galvânica
Desgaste por uso prolongado, abuso ou atrito	Rachaduras nos tijolos	Degradação de pintura por intemperismo prolongado	Entupimentos e desgastes causados por pequenos animais
Ressecamento/ desagregação por radiação solar	Fenda na parede	Elemento recente ou adicionado	Vegetação
Queima ou desagregação causada por fogo	Esmagamento de elemento construtivo	Remendos no reboco com argamassa de cimento	Consumo por insetos
Descolamento (empolamento) de reboco	Empenamento do componente	Eflorescências ou criptoflorescências	Apodrecimento originado por umidade, fungos e algas
Vesículas no reboco	Mancharmento do elemento ou pintura por água	Degradação por exposição a agentes agressivos - urina/ fezes/ ácidos	Biofilme
		Falhas no crescimento/ secagem de madeira	



INTERVENÇÕES

- I INTERVENÇÃO
- I1 REMOÇÃO
- I2 LIMPEZA
- I3 RECOMPOSIÇÃO
- I4 RECONSTITUIÇÃO
- I5 ADEQUAÇÃO
- I6 COMPLEMENTAÇÃO
- I7 RECUPERAÇÃO
- I8 IDENTIFICAÇÃO ORIGEM
- I9 ELIMINAÇÃO DA FONTE CAUSADORA
- I10 TÉCNICO ESPECIALIZADO
- I11 SUBSTITUIÇÃO
- I12 RASPAGEM
- I13 REPINTURA
- I14 REBOCO NOVO
- I15 LIXAR
- I16 SUBSTITUIÇÃO DE PEÇA
- I17 IMPERMEABILIZAÇÃO

ELEMENTOS MATERIAIS

- A ALVENARIA
 - A1 TIJOLOS MACIÇOS
 - A2 BLOCO DE PEDRA DE ARENITO
 - A3 REBOCO
 - A4 PINTURA
- M MADEIRA
 - M1 PORTA
 - M2 JANELAS
 - M3 COBERTURA
- V VIDROS
 - V1 VIDROS
- C COBERTURAS
 - C1 CALHA OU RUFO
 - C2 TELHA METÁLICA
 - C3 COROAMENTO
- E METÁLICA
 - E1 FERRAGEM DAS ESTRUTURAS
 - E2 ESTRUTURA EM GRADE DE FERRO
 - E3 PERSIANA METÁLICA
- P PEDRA
 - P1 SOLEIRA EM PEDRA ARENITO
 - P2 SOLEIRA EM GRANITINA

DEGRADAÇÃO

- AP APODRECIMENTO ORIGINADO POR UMIDADE, FUNGOS OE ALGAS
- BI BIOFILME
- CI CONSUMO POR INSETOS
- CQ CORROSÃO QUÍMICA OU GALVÂNICA
- D1 DESAGRAÇÃO DE REBOCO
- D2 DESGASTE POR USO PROLONGADO, ABUSO OU ATRITO
- D3 DESCOLAMENTO (EMPOLAMENTO) DE REBOCO
- D4 DEGRADAÇÃO DE PINTURA POR INTEMPERISMO PROLONGADO
- D5 DEGENERAÇÃO POR EXPOSIÇÃO A AGENTES AGRESSIVOS
- EA ELEMENTO RECENTE OU ADICIONADO
- E ESFOLIAÇÃO POR INTEMPERISMO PROLONGADO
- EC EMPENAMENTO DO COMPONENTE
- EF EFLORESCÊNCIAS OU CRIPTOFLORESCÊNCIA
- EN ENTUPIMENTOS OU DESGASTES CAUSADOS POR PEQUENOS ANIMAIS
- F FALHAS NO CRESCIMENTO/ SECAGEM DE MADEIRA
- FL FLEXÃO/ QUEBRA/ CHOQUE POR AÇÃO DE CARGA
- MA MANCHARMENTO DE ELEMENTO OU PINTURA POR ÁGUA
- ME MANCHARMENTO DE ELEMENTO OU PINTURA POR AGENTES AGRESSIVOS
- MF MATERIAL FALTANTE/ QUEBRADO
- RE RESSECAMENTO/ DESAGREGAÇÃO POR RADIAÇÃO SOLAR
- RR REMENDO NO REBOCO COM ARGAMASSA DE CIMENTO
- VE VEGETAÇÃO
- VR VESÍCULAS NO REBOCO
- L LESÃO
 - L1 FISSURA NO REBOCO
 - L2 FENDA NA PAREDE
 - L3 RACHADURA NOS TIJOLOS
 - L4 ESMAGAMENTO DE ELEMENTO CONSTRUTIVO
 - L5 QUEIMA OU DESAGREGAÇÃO CAUSADA POR FOGO
 - L6 PICHÇÃO/POLUIÇÃO VISUAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROFISSIONALIZANTE EM PATRIMÔNIO CULTURAL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
MERCADO PÚBLICO DE ITAQUI: UMA ANÁLISE DO ESTADO ATUAL DE
CONSERVAÇÃO E DIRETRIZES PARA SUA PRESERVAÇÃO

AUTORA: Arquiteta Renata Pradebon Copatti
COLABORADORES: Ana Maria Belladonna, Daniela Biasuz Trevisan, Paula Tomazoni

Escala: 1/100 MARÇO 2013



FACHADA OESTE
Escala: 1/100

LEGENDA DE DEGRADAÇÕES

Desagregação de reboco	Esfoliação por intemperismo prolongado	Material faltante / quebrado	Mancharmento do elemento ou pintura por agentes agressivos - urina/ fezes/ ácidos
Flexão/ quebra/ choque por ação de carga	Fissuras no reboco	Pichação/ poluição visual	Corrosão química ou galvânica
Desgaste por uso prolongado, abuso ou atrito	Rachaduras nos tijolos	Degradação de pintura por intemperismo prolongado	Entupimentos e desgastes causados por pequenos animais
Ressecamento/ desagregação por radiação solar	Fenda na parede	Elemento recente ou adicionado	Vegetação
Queima ou desagregação causada por fogo	Esmagamento de elemento construtivo	Remendos no reboco com argamassa de cimento	Consumo por insetos
Descolamento (empolamento) de reboco	Empenamento do componente	Eflorescências ou criptoflorescências	Apodrecimento originado por umidade, fungos e algas
Vesículas no reboco	Mancharmento do elemento ou pintura por água	Degeração por exposição a agentes agressivos - urina/ fezes/ ácidos	Biofilme
			Falhas no crescimento/ secagem de madeira

ELEMENTOS MATERIAIS

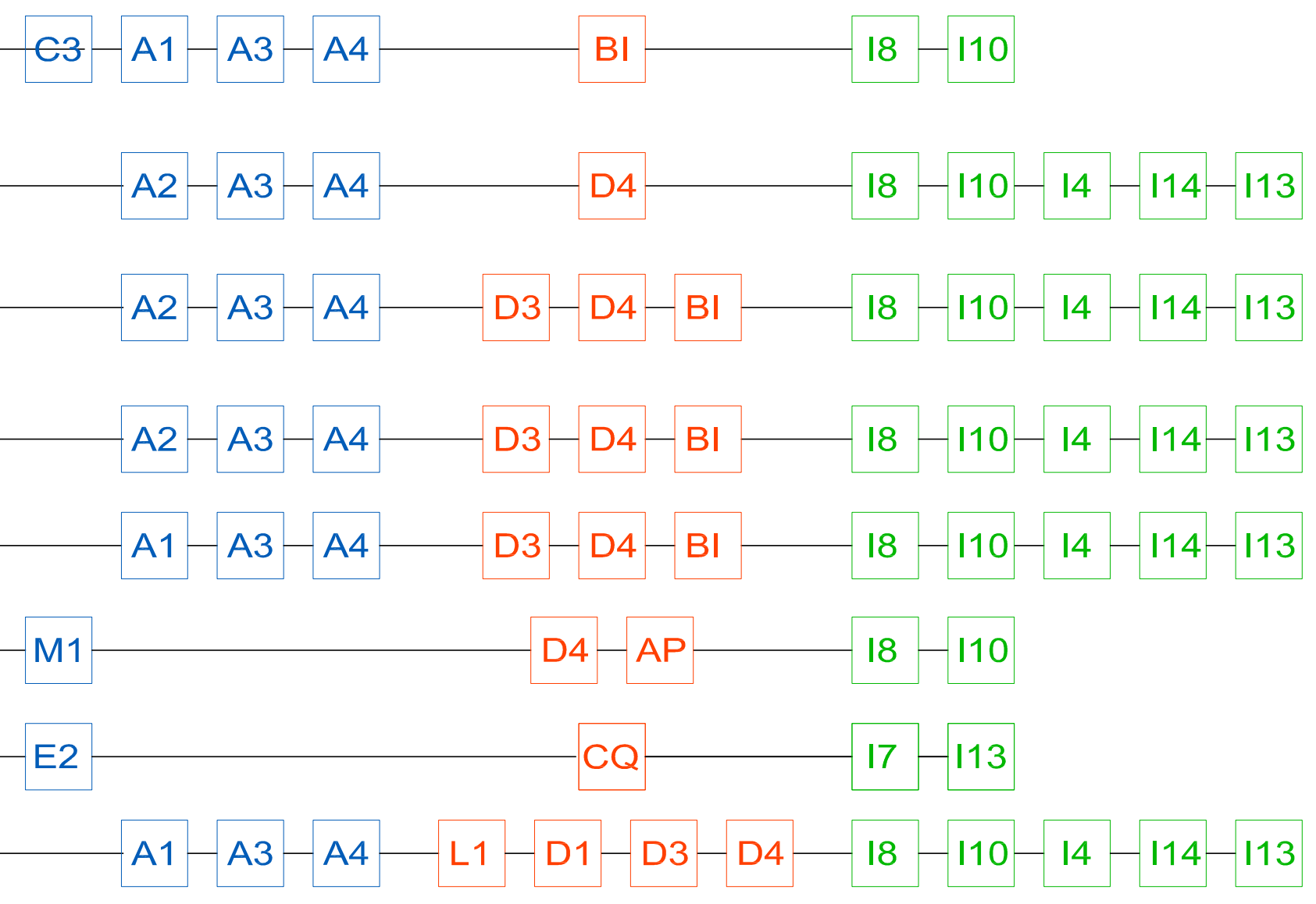
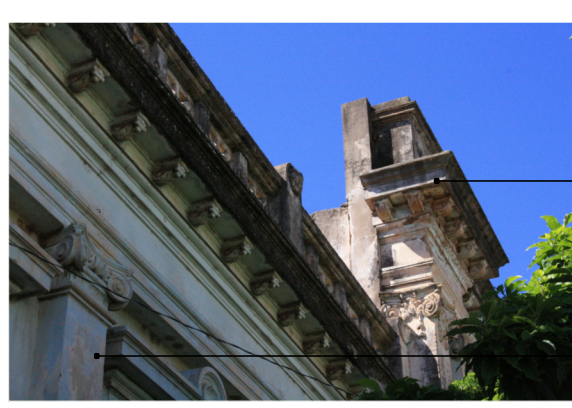
A ALVENARIA	C COBERTURAS
A1 TIJOLOS MACIÇOS	C1 CALHA OU RUFO
A2 BLOCO DE PEDRA DE ARENITO	C2 TELHA METÁLICA
A3 REBOCO	C3 COROAMENTO
A4 PINTURA	E METÁLICA
M MADEIRA	E1 FERRAGEM DAS ESTRUTURAS
M1 PORTA	E2 ESTRUTURA EM GRADE DE FERRO
M2 JANELAS	E3 PERSIANA METÁLICA
M3 COBERTURA	P PEDRA
V VIDROS	P1 SOLEIRA EM PEDRA ARENITO
V1 VIDROS	P2 SOLEIRA EM GRANITINA

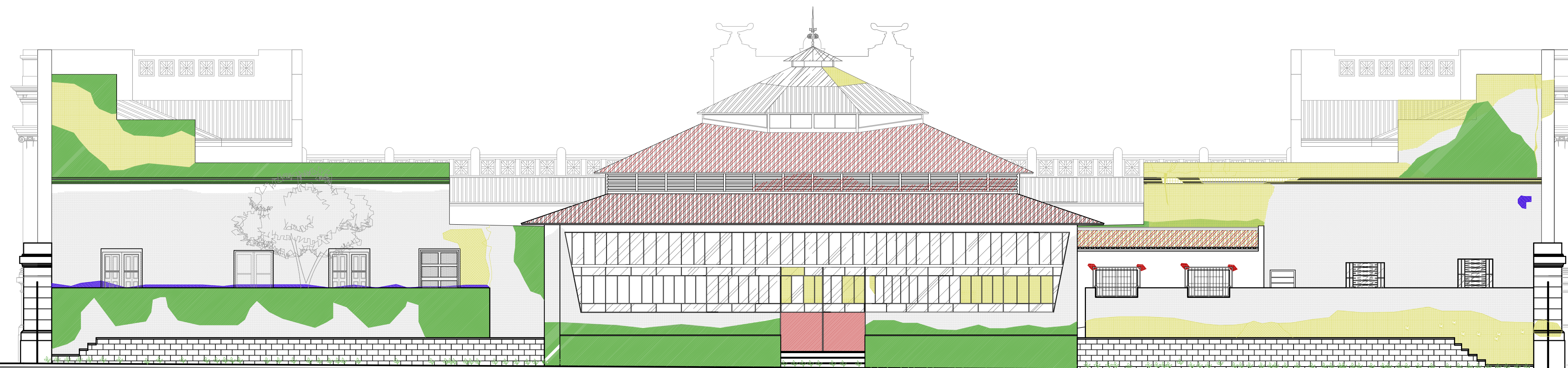
DEGRADAÇÃO

AP APODRECIMENTO ORIGINADO POR UMIDADE, FUNGOS OE ALGAS	F FALHAS NO CRESCIMENTO/ SECAGEM DE MADEIRA
BI BIOFILME	FL FLEXÃO/ QUEBRA/ CHOQUE POR AÇÃO DE CARGA
CI CONSUMO POR INSETOS	MA MANCHARmento DE ELEMENTO OU PINTURA POR ÁGUA
CQ CORROSÃO QUÍMICA OU GALVÂNICA	ME MANCHARmento DE ELEMENTO OU PINTURA POR AGENTES AGRESSIVOS
D1 DESAGRAGAÇÃO DE REBOCO	MF MATERIAL FALTANTE/ QUEBRADO
D2 DESGASTE POR USO PROLONGADO, ABUSO OU ATRITO	RE RESSECAMENTO/ DESAGRAGAÇÃO POR RADIAÇÃO SOLAR
D3 DESCOLAMENTO (EMPOLAMENTO) DE REBOCO	RR REMENDO NO REBOCO COM ARGAMASSA DE CIMENTO
D4 DEGRADAÇÃO DE PINTURA POR INTEMPERISMO PROLONGADO	VE VEGETAÇÃO
D5 DEGENERACÃO POR EXPOSIÇÃO A AGENTES AGRESSIVOS	VR VESÍCULAS NO REBOCO
EA ELEMENTO RECENTE OU ADICIONADO	L LESÃO
E ESFOLIAÇÃO POR INTEMPERISMO PROLONGADO	L1 FISSURA NO REBOCO
EC EMPENAMENTO DO COMPONENTE	L2 FENDA NA PAREDE
EF EFLORESCÊNCIAS OU CRIOFLORESCÊNCIA	L3 RACHADURA NOS TIJOLOS
EN ENTUPIMENTOS OU DESGASTES CAUSADOS POR PEQUENOS ANIMAIS	L4 ESMAGAMENTO DE ELEMENTO CONSTRUTIVO
	L5 QUEIMA OU DESAGRAGAÇÃO CAUSADA POR FOGO
	L6 PICHACÃO/POLUIÇÃO VISUAL

INTERVENÇÕES

I INTERVENÇÃO
I1 REMOÇÃO
I2 LIMPEZA
I3 RECOMPOSIÇÃO
I4 RECONSTITUIÇÃO
I5 ADEQUAÇÃO
I6 COMPLEMENTAÇÃO
I7 RECUPERAÇÃO
I8 IDENTIFICAÇÃO ORIGEM
I9 ELIMINAÇÃO DA FONTE CAUSADORA
I10 TECNICO ESPECIALIZADO
I11 SUBSTITUIÇÃO
I12 RASPAGEM
I13 REPINTURA
I14 REBOCO NOVO
I15 LIXAR
I16 SUBSTITUIÇÃO DE PEÇA
I17 IMPERMEABILIZAÇÃO





FACHADA NORTE INTERNA

LEGENDA DE DEGRADAÇÕES

	Desagregação de reboco		Esfoliação por intemperismo prolongado		Material faltante / quebrado		Manchamento do elemento ou pintura por agentes agressivos - urina/ fezes/ ácidos
	Flexão/ quebra/ choque por ação de carga		Fissuras no reboco		Pichação/ poluição visual		Corrosão química ou galvânica
	Desgaste por uso prolongado, abuso ou atrito		Rachaduras nos tijolos		Degradação de pintura por intemperismo prolongado		Entupimentos e desgastes causados por pequenos animais
	Ressecamento/ desagregação por radiação solar		Fenda na parede		Elemento recente ou adicionado		Vegetação
	Queima ou desagregação causada por fogo		Esmagamento de elemento construtivo		Remendos no reboco com argamassa de cimento		Consumo por insetos
	Descolamento (empolamento) de reboco		Empenamento do componente		Eflorescências ou criptoflorescências		Apodrecimento originado por umidade, fungos e algas
	Vesículas no reboco		Manchamento do elemento ou pintura por água		Degeneração por exposição a agentes agressivos - urina/ fezes/ ácidos		Biofilme
							Falhas no crescimento/ secagem de madeira

ELEMENTOS MATERIAIS

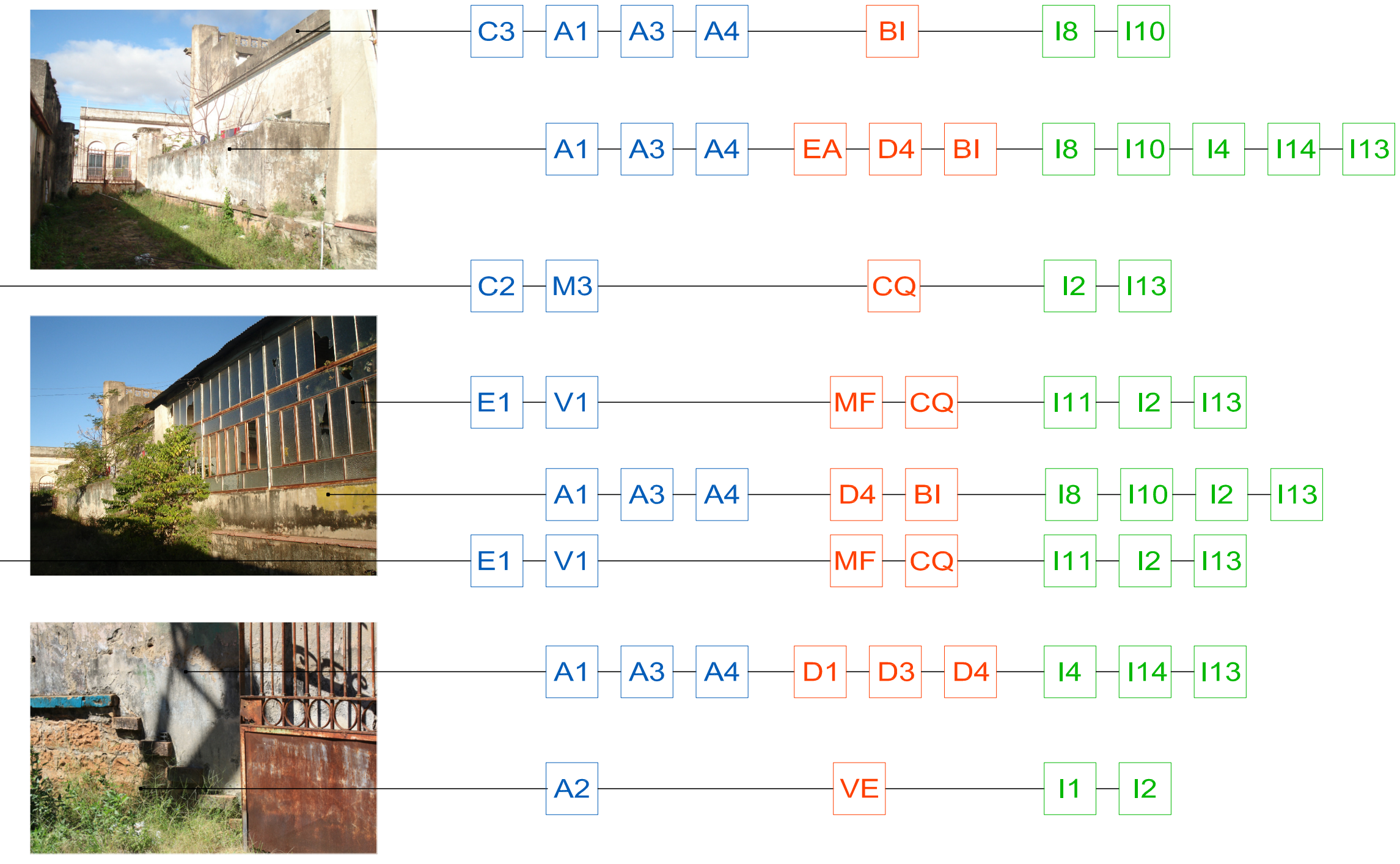
A ALVENARIA	C COBERTURAS
A1 TIJOLOS MACIÇOS	C1 CALHA OU RUFO
A2 BLOCO DE PEDRA DE ARENITO	C2 TELHA METÁLICA
A3 REBOCO	C3 COROAMENTO
A4 PINTURA	E METÁLICA
M MADEIRA	E1 FERRAGEM DAS ESTRUTURAS
M1 PORTA	E2 ESTRUTURA EM GRADE DE FERRO
M2 JANELAS	E3 PERSIANA METÁLICA
M3 COBERTURA	P PEDRA
V VIDROS	P1 SOLEIRA EM PEDRA ARENITO
V1 VIDROS	P2 SOLEIRA EM GRANITINA

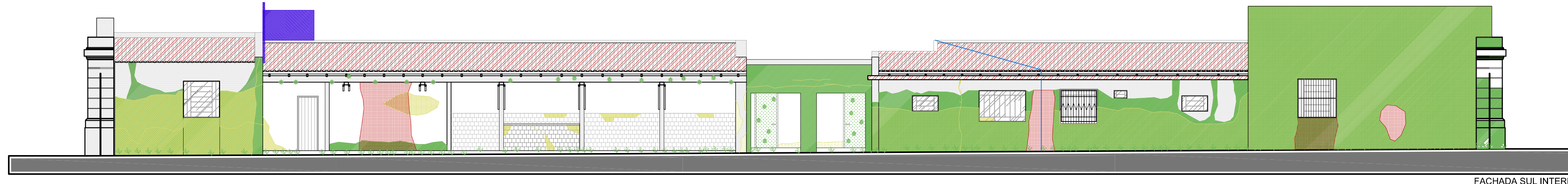
DEGRADAÇÃO

AP APODRECIMENTO ORIGINADO POR UMIDADE, FUNGOS OE ALGAS	F FALHAS NO CRESCIMENTO/ SECAGEM DE MADEIRA
BI BIOFILME	FL FLEXÃO/ QUEBRA/ CHOQUE POR AÇÃO DE CARGA
CI CONSUMO POR INSETOS	MA MANCHAMENTO DE ELEMENTO OU PINTURA POR ÁGUA
CQ CORROSÃO QUÍMICA OU GALVÂNICA	ME MANCHAMENTO DE ELEMENTO OU PINTURA POR AGENTES AGRESSIVOS
D1 DESAGREGAÇÃO DE REBOCO	MF MATERIAL FALTANTE/ QUEBRADO
D2 DESGASTE POR USO PROLONGADO, ABUSO OU ATRITO	RE RESSECAMENTO/ DESAGREGAÇÃO POR RADIAÇÃO SOLAR
D3 DESCOLAMENTO (EMPOLAMENTO) DE REBOCO	RR REMENDO NO REBOCO COM ARGAMASSA DE CIMENTO
D4 DEGRADAÇÃO DE PINTURA POR INTEMPERISMO PROLONGADO	VE VEGETAÇÃO
D5 DEGENERAÇÃO POR EXPOSIÇÃO A AGENTES AGRESSIVOS	VR VESÍCULAS NO REBOCO
EA ELEMENTO RECENTE OU ADICIONADO	L LESÃO
E ESFOLIAÇÃO POR INTEMPERISMO PROLONGADO	L1 FISSURA NO REBOCO
EC EMPENAMENTO DO COMPONENTE	L2 FENDA NA PAREDE
EF EFLORESCÊNCIAS OU CRIPTOFLORESCÊNCIA	L3 RACHADURA NOS TIJOLOS
EN ENTUPIMENTOS OU DESGASTES CAUSADOS POR PEQUENOS ANIMAIS	L4 ESMAGAMENTO DE ELEMENTO CONSTRUTIVO
	L5 QUEIMA OU DESAGREGAÇÃO CAUSADA POR FOGO
	L6 PICHÇÃO/POLUIÇÃO VISUAL

INTERVENÇÕES

- I** INTERVENÇÃO
- I1** REMOÇÃO
- I2** LIMPEZA
- I3** RECOMPOSIÇÃO
- I4** RECONSTITUIÇÃO
- I5** ADEQUAÇÃO
- I6** COMPLEMENTAÇÃO
- I7** RECUPERAÇÃO
- I8** IDENTIFICAÇÃO ORIGEM
- I9** ELIMINAÇÃO DA FONTE CAUSADORA
- I10** TECNICO ESPECIALIZADO
- I11** SUBSTITUIÇÃO
- I12** RASPAGEM
- I13** REPINTURA
- I14** REBOCO NOVO
- I15** LIXAR
- I16** SUBSTITUIÇÃO DE PEÇA
- I17** IMPERMEABILIZAÇÃO





LEGENDA DE DEGRADAÇÕES

ELEMENTOS MATERIAIS

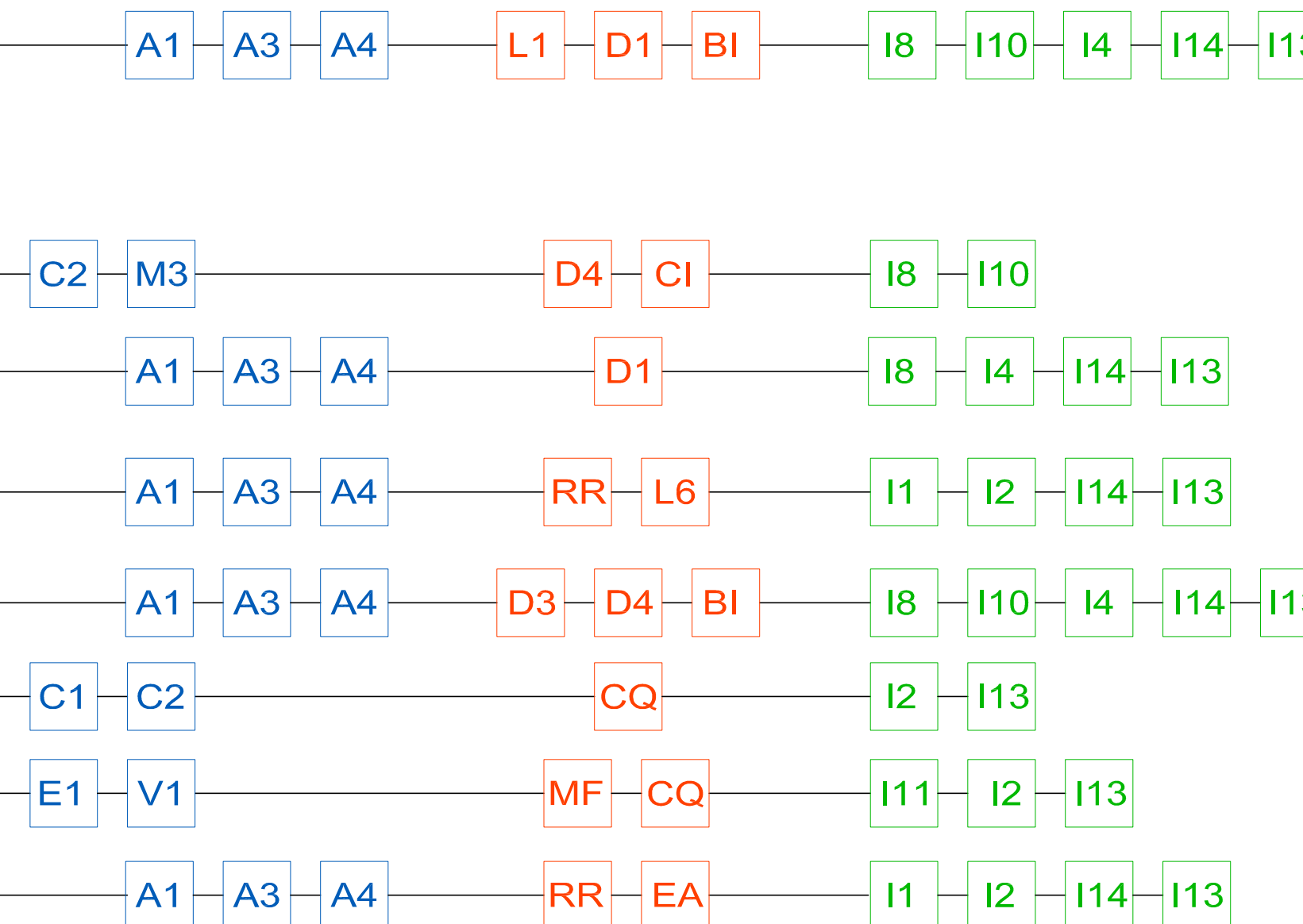
A ALVENARIA	C COBERTURAS
A1 TIJOLOS MACIÇOS	C1 CALHA OU RUFO
A2 BLOCO DE PEDRA DE ARENITO	C2 TELHA METÁLICA
A3 REBOCO	C3 COROAMENTO
A4 PINTURA	E METÁLICA
M MADEIRA	E1 FERRAGEM DAS ESTRUTURAS
M1 PORTA	E2 ESTRUTURA EM GRADE DE FERRO
M2 JANELAS	E3 PERSIANA METÁLICA
M3 COBERTURA	P PEDRA
V VIDROS	P1 SOLEIRA EM PEDRA ARENITO
V1 VIDROS	P2 SOLEIRA EM GRANITINA

DEGRADAÇÃO

AP APODRECIMENTO ORIGINADO POR UMIDADE, FUNGOS OE ALGAS	F FALHAS NO CRESCIMENTO/ SECAGEM DE MADEIRA
BI BIOFILME	FL FLEXÃO/ QUEBRA/ CHOQUE POR AÇÃO DE CARGA
CI CONSUMO POR INSETOS	MA MANCHAMENTO DE ELEMENTO OU PINTURA POR ÁGUA
CQ CORROSÃO QUÍMICA OU GALVÂNICA	ME MANCHAMENTO DE ELEMENTO OU PINTURA POR AGENTES AGRESSIVOS
D1 DESAGRAGAÇÃO DE REBOCO	MF MATERIAL FALTANTE/ QUEBRADO
D2 DESGASTE POR USO PROLONGADO, ABUSO OU ATRITO	RE RESSECAMENTO/ DESAGRAGAÇÃO POR RADIAÇÃO SOLAR
D3 DESCOLAMENTO (EMPOLAMENTO) DE REBOCO	RR REMENDO NO REBOCO COM ARGAMASSA DE CIMENTO
D4 DEGRADAÇÃO DE PINTURA POR INTEMPERISMO PROLONGADO	VE VEGETAÇÃO
D5 DEGENERÇÃO POR EXPOSIÇÃO A AGENTES AGRESSIVOS	VR VESÍCULAS NO REBOCO
EA ELEMENTO RECENTE OU ADICIONADO	L LESÃO
E ESFOLIAÇÃO POR INTEMPERISMO PROLONGADO	L1 FISSURA NO REBOCO
EC EMPENAMENTO DO COMPONENTE	L2 FENDA NA PAREDE
EF EFLORESCÊNCIAS OU CRIPTOFLORESCÊNCIA	L3 RACHADURA NOS TIJOLOS
EN ENTUPIMENTOS OU DESGASTES CAUSADOS POR PEQUENOS ANIMAIS	L4 ESMAGAMENTO DE ELEMENTO CONSTRUTIVO
	L5 QUEIMA OU DESAGREGAÇÃO CAUSADA POR FOGO
	L6 PICHÇÃO/POLUIÇÃO VISUAL

INTERVENÇÕES

I INTERVENÇÃO
I1 REMOÇÃO
I2 LIMPEZA
I3 RECOMPOSIÇÃO
I4 RECONSTITUIÇÃO
I5 ADEQUAÇÃO
I6 COMPLEMENTAÇÃO
I7 RECUPERAÇÃO
I8 IDENTIFICAÇÃO ORIGEM
I9 ELIMINAÇÃO DA FONTE CAUSADORA
I10 TECNICO ESPECIALIZADO
I11 SUBSTITUIÇÃO
I12 RASPAGEM
I13 REPINTURA
I14 REBOCO NOVO
I15 LIXAR
I16 SUBSTITUIÇÃO DE PEÇA
I17 IMPERMEABILIZAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROFISSIONALIZANTE EM PATRIMÔNIO CULTURAL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
MERCADO PÚBLICO DE ITAQUI: UMA ANÁLISE DO ESTADO ATUAL DE
CONSERVAÇÃO E DIRETRIZES PARA SUA PRESERVAÇÃO

AUTORA: Arquiteta Renata Pradebon Copatti
COLABORADORES: Ana Maria Belladonna, Daniela Biasuz Trevisan, Paula Tomazoni

Escala: 1/100 MARÇO 2013